

cariátides
 produção de projectos
 e eventos culturais lda.
www.cariátides.pt
 rua do bicalho 117 b
 4150-139 porto



cariátides cultura

3ª fase projecto de interpretação de couros

anexo 3:
 compilação de textos

texto para visita audioguiada
 tradução de textos para inglês
 tradução de textos para espanhol
 bibliografia
 conteúdos para upload





Projecto de interpretação de couros visita audio-guiada versão Adultos

Enquadramento histórico

A tradição do trabalho do couro é já antiga em Guimarães. Encontramos notícias que a actividade que se desenvolvia, desde a Idade Média, fora das antigas muralhas junto ao rio que atravessa a Cidade, numa zona outrora conhecida por ser o burgo de Couros e onde actualmente ainda persistem os vestígios dessa ligação antiga à manufactura das peles.

Ao longo de séculos, as matérias-primas desta indústria foram os couros do gado bovino abatido na região. Depois, aparecem as peles oriundas do Brasil e de outras províncias ultramarinas como Angola e Moçambique. Foi sobretudo no século XIX e na primeira metade do século XX que o dinamismo económico se intensificou nos curtumes, andando associado aos conflitos bélicos que assolaram a Europa.

Com o desenvolvimento da organização produtiva, a indústria de curtumes exigiu avultados capitais financeiros para a aquisição das matérias-primas e para a crescente modernização do processo produtivo. O negócio era rentável e despertava o interesse e o investimento de pessoas oriundas de todas as classes sociais, tendo-se tornado numa actividade que muito contribuiu para a projecção económica de Guimarães e para o desenvolvimento de outras actividades como a indústria do calçado.

A partir da década de 60 do século XX e acompanhando a evolução da conjuntura económica internacional, esta indústria entrou em declínio na Zona de Couros. A insalubridade que envolvia os processos produtivos, o atraso tecnológico e a transferência dos investimentos para a indústria têxtil, levaram ao progressivo desaparecimento desta actividade. Apesar deste contexto só em 2005 encerrou a última fábrica deste conjunto industrial.

Noutros tempos as pesadas fazendas – assim eram denominados os couros - eram submetidas a complexos e demorados processos de transformação.

Em condições de trabalho muito precárias e estando em permanente contacto com a água, homens de forte compleição física revolviam as peles mergulhadas em estruturas de granito semelhantes a tanques rasos ao chão. Os curtidores eliminavam os pêlos e as gorduras, com auxílio de ferrelhas, preparando as fazendas para durante meses receberem a curtimenta propriamente dita.

As cascas de carvalho, retiradas das árvores que abundam nas serras altas de Fafe, ofereciam o tanino à operação que era orientada pelo saber transmitido de geração em geração.

Descalços, ao sol ou à chuva, os curtidores tinham um trabalho árduo, sujo e mal-cheiroso. A sua experiência e sabedoria eram, no entanto, fundamentais para o conhecimento das implicações das condições climatéricas na temperatura das águas onde repousavam as peles em banhos tanantes. Seguia-se o enxugo muitas vezes ao ar livre, ocupando as bermas da via pública.

Cabia aos surradores o processo de acabamento, antes dos couros serem colocados a secar em arejados barracões de madeira, construídos sobre oficinas ou paredes-meias com as modestas habitações operárias, ou até nos quintais dos edifícios burgueses.

O antigo «burgo de couros» era a zona mais insalubre de Guimarães. Os curtidores e surradores são as categorias profissionais ligadas a essa desaparecida manufactura da curtimenta que nos legou um espaço onde é possível vislumbrar as condições de trabalho num primitivo parque industrial.



Nota: a numeração está referenciada com a visita áudio-guiada do Turismo de Guimarães.

62. Largo do Trovador

A memória do “primeiro trovador português” está associada a este largo que se desenvolve num espaço inclinado e onde anteriormente existia um Pelourinho. O talento de um filho da Rua de Couros, Manuel Gonçalves, foi perpetuado na literatura histórica de Guimarães apesar de não terem permanecido vestígios da sua obra. Em 1880, a Câmara de Guimarães atribuiu esta designação toponímica por ocasião das comemorações nacionais do tricentenário de Luís de Camões.

Este largo permanece na memória colectiva com outros usos do espaço público, como a utilização do terreno para o enxugo das peles no tempo em que aqui existia uma pequena fonte. A irregularidade acentuada no terreno não impediu o aparecimento ao longo do século XIX e XX de um conjunto de edifícios de características burguesas, simbolizando a ascensão económica proporcionada pelo negócio dos couros ou dos cabedais. Neste conjunto edificado sobressai a diferença entre o rés-do-chão e os restantes andares. As portadas mais largas comprovam o funcionamento de pequenos armazéns e oficinas ligadas à indústria de curtumes. Aqui ainda é possível observar os motivos artísticos que inspiraram a moldagem do ferro dos gradeamentos das janelas e das varandas, ou o contraste com as caixilharias de madeira que apresentam uma geometria variada. Sobre os telhados vislumbra-se a beleza das clarabóias e nas fachadas as diferentes cores e formas dos azulejos.

63. Rua de Couros

É ao longo da Rua de Couros que se situa o coração da tradição de curtir e surrar peles em Guimarães. As suas artérias estendem-se aos lugares que envolvem o rio que, no seu curto e sinuoso trajecto, invulgarmente conhece diferentes designações. Aqui é rio de Couros e corre na zona baixa desta rua que liga a Cidade ao pequeno curso de água que a atravessa quase invisível. Na Idade Média, quando se aperfeiçoaram as artes e os ofícios, esta rua já ostentava a actual denominação. Em 1315, os irmãos João e Pedro Baião, sapateiros de profissão fundaram a Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano e dotaram a instituição de uma fonte de rendimento legando uma poça com sete pias de pedra, situada na Rua de Couros. Até ao final do século XIX, esta propriedade foi mantida pela Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano que tem ainda a sua capela e albergue localizados no Centro Histórico de Guimarães.

Aproveitando o declive do terreno para conhecer a rua, as portas de vai-e-vém assinalam a presença de uma antiga taberna. Ao lado, importa apreciar o conjunto habitacional da Ilha do Sabão. Uma única entrada dá acesso ao pátio, em torno do qual se construíram habitações modestas e onde terá existido uma fábrica de sabão. Este produto necessário à higiene era feito com uma mistura de diversos ingredientes onde constavam as gorduras extraídas das peles ao serem preparadas para a curtimenta. Sabão, sebo e cola eram alguns dos produtos feitos com os resíduos da transformação dos couros, garantindo a satisfação de outras necessidades da população. Na indústria dos Curtumes nada se perdia, tudo era reaproveitado. Ao longo desta rua e em contraste com o conjunto edificado no Largo do Trovador, os edifícios não apresentam uma unidade arquitectónica. Sobressai a habilidade para o improvisado de espaços habitacionais numa zona que já foi densamente povoada e onde faltavam casas para as famílias operárias.

64. Fé, Trabalho e Honra

Na confluência entre a Rua de Couros e o Largo do Trovador é evocado o lema e a “bandeira” dos trabalhadores deste ofício: As palavras “Fé, Trabalho e Honra” e a representação dos instrumentos utilizados nas operações de curtimenta lembram a quem passa a identidade deste burgo. No lado oposto uma viela estreita permite aceder ao que resta de uma antiga manufatura de curtumes: A Fábrica de António José de Oliveira & Filhos foi uma das empresas mais conceituadas do século XX. Conservam-se os tanques onde eram mergulhadas as peles e um pátio sobre o qual se erguiam os barracões de madeira ripada onde os couros eram pendurados em forquilhas para secarem, nestes locais arejados. A Rua de Couros estende-se até ao curso de água. Essa união é feita com uma pequena ponte que liga as duas margens, quase absorvidas pelo casario que se apropria do espaço. De um lado, sobressai um edifício de pedra de base quadrangular, construído para servir de posto de distribuição de energia eléctrica às fábricas de curtumes.

65. Conjunto de tanques no Largo do Cidade

No final da rua de Couros e entrando no Largo do Cidade podemos observar o conjunto da antiga fábrica de curtumes Mirandas, Ferreira & Carvalho, Lda que deixou de funcionar no século XX. Esta fábrica resultou da união de pequenas manufacturas que aqui laboravam de forma independente. Se olharmos para esta estrutura vemos que é bastante irregular e diferente das outras existentes na zona de Couros. Esta característica revela-nos a sua antiguidade e assinala as práticas pré-industriais de exploração destes tanques, que pertenciam a diferentes proprietários e que eram arrendados muitas vezes individualmente aos homens dos Couros.

O balcão enquadra os tanques e a sua relação com o rio. Vale a pena apreciar a forma como a água desaparece no labirinto de estruturas onde as peles eram mergulhadas nas demoradas operações para a sua transformação em couro. Neste processo a água tinha uma papel fundamental sendo reaproveitada ao máximo entre as diferentes fases.

Propõe-se ainda uma descoberta da dimensão das lajes que, aqui e ali, servem de pavimento. Eram antigas estruturas de apoio ao curtimento das peles, onde se exerciam algumas operações e onde eram depositadas as matérias-primas e resíduos resultantes desta actividade.

Os pelames, os lagares, as lagaretas davam nome a estes tanques conforme a fase de produção. Iniciava-se com os trabalhos de ribeira que serviam para eliminar os pêlos da flor da pele e as gorduras do carnaz. As peles secas e salgadas eram mergulhadas durante vários dias num tanque maior, a lagareta ou lagaretão, para voltarem a ganhar humidade e poderem ser trabalhadas. De seguida eram colocadas nos pelames, tanques mais pequenos, onde era introduzido um preparado de cal que facilitava a remoção do pêlo. Repetia-se esta operação para retirar também todas as gorduras e resíduos de carne.

Seguia-se a fase de humada ou desencalagem, ou seja de eliminação da cal da superfície das peles, utilizando uma mistura de excrementos de pomba e de cão diluídos em água a ferver. As peles ficavam submersas neste composto durante vários dias.

O período em que as peles estavam demolho variava consoante as condições climatéricas.

A presença do folão, equipamento mecânico introduzido no século XIX, permitiu um grande avanço tecnológico que reduziu em muito o tempo de execução dos trabalhos de ribeira.

Após a fase de limpeza, seguia-se o demorado e complexo processo de curtimenta, que permitia tornar a pele imputrescível através da aplicação de substâncias vegetais com propriedades tanantes. Em Guimarães o produto mais utilizado era a casca de carvalho alvarinho que vinha do concelho de Fafe.

No lagar com águas limpas colocavam-se, em camadas alternadas, as peles estendidas e envolvidas por casca de carvalho moída.

Nesta fase entrava o curtidor, grande conhecedor das características das peles e a quem cabia o controle de todo processo. Os sucessivos banhos de casca podiam demorar até 3 meses.

Este processo terminava com a lavagem à perna dos couros, feita por homens descalços, que dentro dos tanques pisavam as peles.

Depois de escorridos os couros, passava-se à fase de acabamento ou aparelho, que normalmente era feita em espaços interiores ou cobertos, as denominadas casinhas, e que variava consoante a finalidade do produto. Nesta fase entravam os surradores, um grupo muito especializado e bem pago.

Durante 30 minutos surrava-se o couro com a pissara, sobre tábuas, para lhe retirar a humidade e o excesso de tanino. Este era um trabalho que exigia perícia e muita força física até à mecanização do processo em meados do século XX.

Seguia-se o processo de secagem, que podia durar cerca de um mês.

Posteriormente os couros eram engraxados com sebo para esticar a pele e cobrir eventuais manchas e após uma última secagem nas varandas e tendais, os couros podiam ainda ser pintados.

Por fim os couros eram classificados pela sua qualidade, agrupados em costais amarrados por uma corda e armazenados. As categorias de couros eram

66. Rua de S. Francisco

Os edifícios da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco sobressaem no território construído, acompanhando a diferença de cotas provocada pelo acentuado declive do terreno.

Durante o século XIX, a projecção social e económica dos industriais ligados ao negócio dos couros teve repercussões na dinâmica da Ordem de S. Francisco. Eles contribuíram grandemente para o esplendor e riqueza que a instituição ostenta, destacando-se a acção do Ministro, assim de designa o responsável máximo da Ordem, Cristóvão José Fernandes da Silva, que patrocinou o restauro da igreja, a construção do edifício destinado a hospital e as obras da capela de Nossa Senhora da Conceição.

A Rua de S. Francisco revela essa intensa ligação da ordem franciscana ao «Burgo de Couros». Ao percorrer esta artéria podem-se apreciar as fachadas dos edifícios e as diferenças arquitectónicas

reveladas em pormenores das portadas, das janelas e das varandas.

Na confluência desta rua com o Largo do Cidade, um estreito acesso permite ver o rio e a forma como a água era distribuída pelas diferentes unidades produtivas. Estamos no centro do antigo pólo industrial, onde se conservam vestígios do árduo trabalho extremamente dependente da água. Possivelmente, terá sido nesta zona que a Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano conservou durante séculos a sua poça.

67. Largo do Cidade

O edifício de traça oitocentista onde funciona a Pousada da Juventude foi a residência de um abastado negociante que se evidenciou no século XIX vimaranense.

Conhecido pela alcunha de O Cidade, Cristóvão José Fernandes da Silva nasceu em Guimarães, a 20 de Fevereiro de 1812.

O Cidade começou por distinguir-se nos negócios associados à indústria de curtumes, mas a fortuna que amealhou deveu-se igualmente aos investimentos que efectuou em outras áreas, como a aquisição e exploração de propriedades e o empréstimo de dinheiro a juro.

Em 1830, com apenas 18 anos, juntamente com o pai obteve todos os privilégios reais para estabelecer uma fábrica de curtumes no sítio do rio de Couros. Este privilégio era muito importante na época, permitindo desenvolver a sua manufatura sem obedecer às regras do corporativismo profissional exercido pela Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano.

Cristóvão José Fernandes da Silva não chegou a casar, nem deixou herdeiros directos. Era considerado um negociante de grosso trato, um abastado capitalista e grande proprietário. Tinha uma grande devoção religiosa testemunhada pelo oratório dedicado a Nosso Senhor da Piedade que mandou edificar na parede de sua casa em 1866.

Este edifício residencial evoca a importância do Cidade, no contexto do lugar que, antes de receber a actual denominação, se chamava Rua de Além Rio.

Do pátio exterior do edifício tem-se uma perspectiva bastante ampla deste conjunto urbano marcado pela estreita articulação entre os vestígios das antigas fábricas e as habitações. Na sua grande maioria, os homens dos couros trabalhavam e viviam em zonas muito próximas, sendo muito frequentes as brincadeiras das crianças nas estruturas onde decorria a actividade produtiva.

Neste largo que serve de ponto de encontro de todas as artérias da Zona de Couros, importa olhar em direcção à montanha da Penha, onde existe um belo santuário e estância de lazer. Deve-se à intensa devoção dos homens ligados aos couros a transformação operada naquele espaço, sobretudo a partir do final do século XIX. Ainda hoje se mantém a memória dos curtidores e surradores na peregrinação que se faz anualmente, em inícios de Setembro e que liga a Cidade ao Santuário. Curiosamente, é numa das vertentes daquela montanha que nasce o ribeiro que atravessa o Largo do Cidade.

68. Conjunto de tanques da Fraterna

O complexo multifuncional de Couros, onde funcionam valências da Fraterna, entidade de apoio à infância e à terceira idade, ocupa espaços onde outrora existia uma intensa actividade ligada à indústria de curtumes. Este conjunto é exemplo da filosofia de reabilitação que a Câmara Municipal de Guimarães tem promovido, onde se alia uma linguagem arquitectónica contemporânea com a tradição revelada pelas tipologias construtivas tradicionais.

Contornando os edifícios, encontramos o maior conjunto de tanques existente em toda a zona. Repare-se na forma como a água era distribuída pelos espaços onde eram mergulhados os couros. Toda esta área assumia características multifuncionais. Era frequente a colocação de estrados de madeira sobre os tanques, enquanto decorria o moroso processo de curtimento. Ao ar livre, essa plataforma improvisada servia de apoio para a execução de outras operações, sendo muitas vezes aproveitada para a secagem da casca de carvalho, dos pêlos e gorduras extraídos que, depois, tinham outras utilizações.

O antigo secadouro foi reabilitado sobre um edifício, perpetuando a memória de uma prática bastante comum durante o apogeu industrial: a construção desordenada de barracões para criar estufas naturais onde as peles eram expostas ao ar para secar.

É evidente o contraste entre os edifícios reabilitados e as infra-estruturas herdadas do passado laborioso. O granito está sempre presente em conjugação com a madeira ripada, pintada a cor “sangue de boi”... Fazendo lembrar o sangue dos animais que ao serem abatidos alimentavam com as suas peles a indústria de curtumes.

Acompanhando o curso do rio que corre sob as casas assentes em pilares de granito, aprecia-se a antiga casa do moinho que ali funcionou aproveitando a força motriz da água para accionar as mós. O rio corre junto à viela que conduz até à Rua de Vila Flor.

69. Rua de Vila Flor

A Rua de Vila Flor é uma artéria que liga na sua cota mais baixa o lugar de Relho à Avenida D. Afonso Henriques. A construção desta avenida, antigamente chamada Avenida da Indústria, dá-se com a chegada do comboio em 1884, espelhando a fase em que prosperaram as actividades económicas e se intensificaram as ligações comerciais com o Porto, nomeadamente da indústria de curtumes.

O lugar de Relho completa a jusante do rio o conjunto industrial de Couros, onde se destacam as instalações de antiga fábrica Freitas & Fernandes agora convertidas em espaços vocacionados para actividades académicas e o Teatro Jordão que durante décadas foi o espaço cultural de referência em Guimarães, e que agora foi reabilitado com valências ligadas ao ensino artístico. Do lado direito, de quem sobe a rua poderá ser notado o oratório dedicado ao Senhor da Boa Esperança, uma marca da religiosidade popular de origem imprecisa.

70. Antiga Fábrica Freitas & Fernandes | Centro Avançado de Formação Pós-graduada

Este edifício, que na sua origem apresentava uma estrutura ligada à indústria de couros viu, na segunda metade do século XX, a sua funcionalidade ser transferida para a indústria têxtil. A sua arquitectura espelha a transformação industrial operada durante o século XX nesta zona da cidade, onde a presença da chaminé da caldeira contrasta com as construções em ripado de madeira ou como tanques que marcam o percurso subterrâneo do rio.

A antiga manufatura de curtumes que durante séculos mantivera práticas empíricas e arcaicas enfrentou desde a primeira metade do século, obrigações legais de salubridade e exigências de modernização tecnológica, o que levou a que alguns dos industriais de Couros transferissem a sua actividade para a nova indústria têxtil, mais limpa e cujo retorno do investimento era mais imediato e a mão-de-obra mais barata.

Na indústria dos couros, a especialização exigida aos trabalhadores, nomeadamente a força física que era necessária para a execução das tarefas e a perícia no manuseamento das ferramentas e das peles, tornava-os um grupo respeitado na cidade.

A formação destes homens iniciava-se na adolescência acompanhando, como serventes as actividades dos curtidores. Seguiu-se o estatuto de aprendiz de curtidor que durava cerca de 4 anos. A passagem a oficial acontecia no momento em que o operário conseguia sozinho deitar a primeira pele sobre a tábua, limpar o pêlo e o carnaz.

O ofício de surrador por sua vez era bastante mais especializado motivo pelo qual poucos lhe conseguiam aceder.

Quando viam as suas competências reconhecidas pelos companheiros, obtinham a patente do ofício tendo de pagar uma jantarada aos outros trabalhadores e ao patrão.

De forma a manter a coesão e identidade da classe foi sempre preferida a admissão de filhos e familiares de operários na indústria de curtumes.

Em diferentes momentos da história política vimaranense vemos “os artistas da Rua de Couros” a tomarem partido de uma das facções, por vezes chegando a defender violentamente as suas convicções. Protagonizaram greves, reivindicaram melhores condições de trabalho, conseguiram aumentos salariais, constituindo-se como uma classe operária coesa, conservadora e aguerrida.

71. Rua de Vila Verde

A Rua de Vila Verde conserva aspectos do modo como a organização urbana respondeu às necessidades dos operários. Apesar do ambiente insalubre, as casas cresceram em altura, partilhando muitas vezes as paredes com os edifícios fabris e com os campos de lavoura. Aqui, ainda se ouve a água das nascentes e minas que contribuíam para o aumento do caudal do rio que nesta zona era muito requisitado. Na rega dos campos, tal como nas actividades de carácter industrial, o consumo de água estava sujeito a contratos estabelecidos, muitas vezes oralmente, com a finalidade de disciplinar a sua utilização e assim evitar os conflitos.

O crescimento industrial registado no século XIX traduziu-se em sucesso para muitos curtidores e surradores expeditos, libertos da dependência corporativa dos sapateiros. Os rendimentos obtidos com o trabalho repercutem-se na melhoria das condições de vida. Aparecem edifícios habitacionais sóbrios e distintos, em articulação com o típico bairro operário, como o Bairro Amadeu Miranda, localizado no topo nascente da rua. Quando o bairro foi criado na década de 1940, as suas casas destinavam-se às famílias dos operários, quase todos conhecidos por alcunhas.

A intervenção urbana operada nesta zona em finais do século XX levou a uma alteração da configuração desta rua, ligando-a à Rua da Ramada e abrindo aos espaços circundantes onde surgiram novos edifícios.

72. Rua da Ramada

A Rua da Ramada está indissociavelmente ligada à indústria de Curtumes e ao processo de industrialização de Guimarães. Até à década de 1980 esta rua não tinha saída e aqui se concentravam algumas unidades industriais. O seu traçado foi sendo delineado e estendido à medida que surgiam construções fabris: na zona voltada para o rio instalaram-se as fábricas de curtumes no lado oposto existiu a já desaparecida fábrica têxtil que ocupava quase todo o quarteirão e cujo vestígio da sua cantina se encontra na construção em pedra adjacente ao edifício da antiga Fábrica Âncora.

73. Antiga Fábrica Âncora | Centro Ciência Viva

A antiga fábrica Âncora, actualmente reabilitado para Centro de Ciência Viva, apresenta-se como um ícone da tipologia construtiva de Couros, revelando o universo arquitectónico pré-industrial que se inspirou na arquitectura rural tradicional seja na forma do traçado arquitectónico seja nas técnicas construtivas, adaptando-a a novas funções.

Ao nível do rés-do-chão e em torno de um pátio amplo, desenvolvem-se as lojas para armazém de matérias-primas, para trabalhos de acabamento dos couros, bem como os lagares, as lagaretas e os pelames, onde se realizavam as diversas operações de curtir e surrar as peles.

Ao nível do piso superior encontramos espaços cobertos, amplos e arejados, construídos em ripado de madeira, onde se efectuava a secagem das peles.

Esta unidade fabril possuía ainda um pombal com a finalidade de garantir o acesso a uma das matérias-primas necessárias para a transformação das peles: o excrementos de pombas.

74. Antiga Fábrica da Ramada | Instituto de Design

No conjunto da Rua da Ramada destaca-se o edifício da fábrica da António Martins Ribeiro da Silva, fundada em 1930 e que é conhecida por fábrica da Ramada.

O edifício foi reabilitado para actividades académicas mas foram preservados os vestígios da sua arquitectura industrial, nomeadamente as cores da fachada, o “amarelo palha” e o “sangue de boi” das caixilharias referidos na documentação como características dos edifícios industriais da zona de couros.

A antiga fábrica é símbolo da aposta na inovação tecnológica a que esta indústria assistiu.

Apropriou-se da antiga viela de Soalhães, assim como do rio para expandir a área produtiva e poder instalar em espaços amplos a maquinaria necessária para o aperfeiçoamento tecnológico exigido, que passava pela substituição da tradicional curtimenta vegetal por processos que exigiam conhecimento de química aplicada.

Essa transição para a curtimenta mineral com sais de crómio verificou-se nesta unidade industrial. Os pelames, tanques e lagares foram fechados originando um pavimento uniforme onde se instalaram os fulões ou tambores que permitiram acelerar o processo de transformação das peles, no entanto este processo químico tornou a actividade mais poluente. Apesar dos avanços tecnológicos implementados, a consciência ambiental de finais do século XX obrigou a novas exigência no tratamento dos efluentes, aumentando os encargos de produção.

Esta fábrica laborou até 2005, estando sempre ligada à família Martins Ribeiro da Silva “os Painços”, tendo sido a última fabrica que fechou portas na zona de Couros.

75. Largo da Rua da Ramada

Diante do pequeno bairro onde as portas do rés-do-chão apresentam os dispositivos criados pelos moradores para travarem as cheias que ocorrem sempre que chove em abundância, permanece a fonte das Oliveiras e um tanque construído posteriormente a pedido dos moradores. Nas traseiras das casas passa o rio da Vila que aqui se apresenta escondido do olhar.

Este rio que nasce na fonte dos Passais, junto à velha igreja de S. Romão de Mesão Frio, tem a particularidade de possuir diferentes denominações em função do lugar por onde passa: Rio Merdário ou Merdeiro, rio das Hortas, rio da Ramada, rio dos Couros, rio de Relho, rio da Madroa, rio de Trás-de-Gaia.



Projecto de interpretação de couros Tradução de textos para inglês

The effect of memory is to take us to absent friends, so that we may be with them,
and to bring them to us, so that they may be with us
(Padre António Vieira)

Memory is awareness inserted in time
(Fernando Pessoa)

1. About the Zona de Couros Interpretation Project

¹ La mémoire collective (Paris, PUF, 1950)

M. Halbwachs¹ tells us that collective memory is a social construction that is filtered by society, sometimes impenetrable, manipulable by causes and socially distinct groups, reconstructable or even extinguishable if amnesia is held to be peaceful so that a new order may be imposed. Memory as a social construction presumes ways of sharing, processes of construction, diffusion, maintenance, representation, but also something that cannot remain unchangeable as if it were in a museum display.

Cherishing items related to the age-old tradition of turning hide into leather clearly plays an important part: the series of tanks that still exist, the stream(s), the dryers, and so on; to explain and clarify the history of leathers, involving the local community and attracting the interest of visitors. Revitalising the public area, enriching it, making the urban area more appealing for everyone.

Zona de Couros and urban development of the city

The progress of Guimarães' transformation split several formerly consolidated areas in a relatively conspicuous manner. The Zona de Couros and its relationship with the town inside the walls, with Caldeiroa, with the agricultural outskirts of Vila Verde, with the Penha hillside and even with the Campo da Feira suffered some of the worst ruptures during the changes wrought in the urban shape of Guimarães. Its survival as a relatively intact element of urban cohesion (architecturally speaking) is possibly only explained by the nature of the terrain on which it stands: on a steep slope criss-crossed by the narrow overwhelmingly working class plots into which the medieval land register divided it.

Plain buildings in not-very-attractive sites that are also industrial, dirty, damp and marginal. Following the gravitational pull of the water, all the paths within the Zona de Couros converge on the river which is the key to the entire experience of Couros. Its presence in both sight and sound or, more comprehensively and reasonably, the presence of water, is an essential part of the landscape in terms of environment and history, in the *raison d'être* of Zona de Couros. Therefore, and, as always, in strict harmony with the premises stated in the development plans for the public areas.

Two main roads: north-south (from the entrance to the town, Rua de Vila Verde/Rua de Couros) and east-west (Rio de Couros).

A north-south axis, perpendicular to the River and the contour lines, links a wide variety of urban features (residential areas of the Zona de Couros, now and then passing between former factories; and the new residential areas and their public amenities, for example Escola Egas Moniz, Cyber-Centro, etc.).

An east-west axis, following the river. Taking the direction of the river we start in the Campo de Feira next to the old bridge over the river and keep parallel to the old tanneries. The first of these is the symbolic Fábrica da Ramada, followed by the former SIMCUR, entering via Âncora and passing Mattos Chaves, Pinto Leite e Oliveira Leite, Miranda Ferreira de Carvalho, following the river and ending with Mendes de Oliveira or, deliberately going beyond the actual boundary of the Zona de Couros and continuing to follow the river (now concealed by rushes and invisible to the pedestrian) as far as Madroa.

This planning logic is of Roman tradition, with the *Cardo* and *Decumanus Maximus* intersecting in



the centre of the Zona de Couros. Geometrically central, historically central. Genesis. A more intense point in the experience of the Zona de Couros is the Largo do Cidade. This forum has spread to the government departments that most of the former factories now accommodate, thus allowing branches to the main routes. Other separate and more detailed experiences for anyone interested, specialised. Narratives that are discovered in forays into semi-public territories, intrusions in the nooks and secret places in the Zona de Couros: granite tanks, woody buildings, uneven road surfaces, drums.

But of other 'Zonas de Couros' (leather areas) in Guimarães, Roldes, Corredoura. Architectures, economies, technologies.

Theatres of arduous toil. On the way we shall see work as it used to be, Honour. Symbolic, significant. There are linear routes. Winding. Sometimes explanatory. Sometimes enigmatic. Discovery.

Discovery as an act of finding something unknown.

Discovery as an act of creation, imaginative, varied. Individual and collective, discovery.

Places to find on the map

Rua da Ramada

"Tanner, currier, washer, scraper, small rake, stretcher, water, tannin, lime, oak bark, fat, hair pelt tank, aloque (pool), tub, board, dryer, stream, tanning, appliance, calves, sheepskins, tanned hides, varnishes, chamois, rasping, defleshing, tanning, currying, dressing, drying"

Oratory of Our Lady of Piety

Dated 1866, it was built by Cristóvão José Fernandes da Silva, o Cidade. The important trader and tannery owner sponsored the work of art to replace a wooden cross with the oil painting of Senhor da Liberação (Lord of Liberation) that used to be in Rua de Vila Verde. But as its location hindered the passage of merchandise the cross was replaced by the present oratory.

It is still greatly revered by the residents of Zona de Couros today.

Largo do Trovador

Located on uneven ground this open, sloping, space supported the lengthy operations involved in the tanning industry. The hides were stretched out to drain and dry in the sun here, and the oak bark was stacked up here and dried. Once the tannin was released it was used as domestic fuel. The Fonte das Passarinhas that used to quench the thirst of the residents of the 'borough of Courps' is no longer there. The runoff water was then drained for use in the tanning process.

"Everything is utilised in this industry. The tanned hide gives the well-known variety of leathers. The tanning bark is used as fuel after it's been used and dried, as are the scrapings from the hides. The flesh that's removed by defleshing is used for glue or fertiliser. Once the lime has done its service, then along with the fur and all the runoff water it makes excellent fertiliser."²

Fraterna's series of tanks

This is the largest group of tanks used for the protracted tanning process. Though they are mostly of the same size, any differences are due to the highly specific functions assigned to them. Various names are given to the containers hollowed out in the floor of a terrain where there is plenty of water: lagares, lagaretas, pelames, humadas.

Water is the vital element throughout the entire process of turning skins/hides into leathers, and the industrialists were concerned to reuse it whenever possible.

Largo do Cidade | important mentions

"sale of Vineyard by D. Afonso Henriques that is located beside the River Couros, referring to it in the 12th century as the River 'Merdário'

cum suo casale per illo rego de illa crédula quomodo feri n illo rivulo de corios et inde per illo vallo antiquo ad illam petram que stat in illo capite soute et inde usque ad ribolum merdarium cum ipsa sesega de illo molino et hoc facio prpter servicium bonorum quod mihi feciste et facturus es et pro precio quod accepi a te L morabitinos... habeas tu illa firmiter et omnuo posteritas tua filiis et filiabus tuis usque in perpetuum. Die XII Kalendas augusti, Era MCLXXXVIII.³

"The men in the tanning craft were always lean and hard. To some extent this could be explained by the fact that the ancient working process called for labourers with strong muscles".⁴

Rua de Couros

The borough called Rua de Couros is located below the Campo da Feira, to the south. It consists of three streets, that bearing its name, Rua de S. Francisco, and Rua d'Além. They call it that because the stream that runs from the Campo da Feira separates it from the others. The stream abandons the name here that it was borrowing, formed that of Rua de Couros, for these are preserved in it by the shoemakers, where they have their pelt tanks in that place, and this stream flows in it underneath a stone bridge with guards on either side. And it is by now so full of water that flow through three watermills that it puts the millstones in each of them to work. The Campo

² Major de Margaride, 1923

³ Vimaranes Monumenta Historica, part 2, doc, XCIII

⁴ A. L. de Carvalho, vimaranense [from Guimarães] author, in Os Mesteres de Guimarães (The Masters of Guimarães), III, 87, Curtidores e Suradores (Tanners and Curriers), 1942

da Carreira and the Terreiro de S. Sebastião are added to its current, the latter being opposite the veranda of the Customs house, and adjacent to it towards the south, where stands the church of S. Sebastião that gave it its name, which is one of the town's parishes.⁵

LEATHERS: Of all the goods traded among men there is maybe none that passes through so many hands before being used, whose use is so widespread, so varied and so wonderful as leathers of all kinds, by the way their trade and manufacture enables them to be regarded as one of the main branches of domestic and foreign trade of each State.

All the different leathers and skins employ a multitude of people, from the butcher to the cobbler, saddler, harness maker, bookseller, carpet maker, glove maker and others, not to mention tanners, curriers, preparers and manufacturers of leathers and chamois, Morocco leathers and of all the other articles that are made from these skins that form sundry and considerable craft bodies in the various localities.⁶

Anthem of the Curriers and Tanners composed in the year of the first pilgrimage to Penha (1894)

⁵ Costa Carvalho, *Corographia Portuguesa*, 1968, p. 50.

⁶ *Diccionario do Commercio*, Vol. I, Manuscrito, Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas. Adapted from the *Dictionnaire Universel de Commerce*, by Jacques Savary d'Es Bruslons, published in Paris, 1723-1730)

Heroes do trabalho com honra
Vossos braços tem sempre vigor;
A ninguém o progresso deshonra,
Triumphae com energia e valor.

[Heroes of toil with honour
Your arms are always strong;
Progress dishonours no-one,
Triumphs with energy and valour.

Liberdade, divisa e defeza
D'este grande torrão portuguez;
Família de heróica firmeza

Freedom, emblem and defence
Of this great Portuguese homeland;
Family of heroic resolution

Aos vindouros mostrará o que fez!

You will show the future generations what you have done!

Não consintas em ti esse jugo
Que o hypocrita te quer lançar
Guerra sempre a esse verdugo
Que não vá a liberdade esmagar.

Don't allow this yoke
That the hypocrite wants to put on you
Fight against this torturer forever
So that freedom will not be overwhelmed.

De Jesus segui sempre a lei santa,
Sempre crentes na pura doutrina
Para serdes no mundo felizes
Erguei preces à Virgem Divina

Always follow Jesus' sacred law,
Always believing in the pure principle
So that you may be happy in the world
Lift prayers to the Holy Virgin]

Fábrica da Ramada. An industry of secrets Memory of the place

The building of the present Fábrica de Curtumes da Ramada is a testament to the ability, determination and dedicated hard work of its founder: António Martins Ribeiro da Silva. A staunch monarchist, after the establishment of the Republic the young tanner was imprisoned for his part in the political manoeuvrings led by Paiva Couceiro.

Prompted by a leather trader from Porto – Jaime Sousa – he set up a small tanning workshop and started his emancipation in a trade that was highly reliant on the quality of raw materials, climate, the political environment at home and abroad, and on work... On tireless dedication to the requirements of the leathers.

The apparent constructive harmony of the building is the outcome of the effort and influence of this man who believed in the economic worth of the tanning industry, Guimarães fashion, at a time when the rays of mechanisation were enlightening a lot of other workplaces. He managed to create a large production unit in a place where there used to be a scattering of small workshops and plenty of water. The success of his industrial enterprise made it possible to construct a property that absorbed the small stream and the Viela de Soalhães, whose refurbishment plans for the building will give back to the City.

It was first called the Fábrica de Cortumes de António Martins Ribeiro da Silva. After his death in the 1970s, his heirs founded a new company with the name Fábrica de Curtumes da Ramada.

The Rua da Ramada's tendency for tanning

The row of houses rising above the facilities where the hides and skins were cleaned, tanned, curried and dried was one of the unhealthiest areas of the city, despite the belief that the strange smells produced from the tanning process were good for the health.

And even though the installation of insanitary industrial plants was regulated from 1863, the municipal authorities still recommended that the Civil Governor of Braga should approve the licence applications. But in 1921 this rule suffered serious setbacks, with industrialists and residents fighting the application to establish the tanning plant submitted by António F. de Melo Guimarães. As long as the industrial regulation covered the establishment of insanitary activities next to urban agglomerations the building of tanning plants on Rua da Ramada would run up against diverging interests. Such constraints increased in the first half of the 20th century.

Intending to build 20 skin tanning tanks “on his property, located behind some buildings on Rua da Ramada”, António F. de Melo Guimarães, a married man, businessman, resident on Rua Egas Moniz, parish of Oliveira, sent his licence application to the Director of Guimarães Municipal Council on 14 November 1921. This facility was one in which “the production process will consist of tanning hides or leather in tanks fed by water from the stream and using oak bark and lime. The products will be dried or tanned skins”.

In compliance with current legislation the businessman’s purpose was subjected to a public consultation. According to the official notice posted, the local authority explained that since these establishments were covered by “the first class of the list in Decree of 21 October 1863, with the nuisances of ‘unpleasant smells and insalubrious effluences’, the public officials, heads and managers of any establishment and all interested parties who wish to oppose the granting of the necessary licence should complain in writing, within thirty days”.

The argument against the installation of the industrial plant that stands out from the rest is the petition organised by the manager and partners/shareholders of Fernandes Malheiro e C.^a Lda, owners of the handmade footwear factory and grocery store attached to it, on Rua dos Terceiros; and the residents, owners or tenants and owners of land bordering or neighbouring the property belonging to António F. de Melo Guimarães, lying between the Largo República do Brasil, Ruas da Ramada, Terceiros and Viela de Soalhães that connects those two, where it was planned to build the said factory.

The challenge was grounded as follows:

“Due to the nuisances of ‘unpleasant smells and insalubrious effluences’ and bad air and dust which can harm and inconvenience the complainants, as provided for by the law that establishes that such facilities should be quite separate from homes since they are a danger to public health and a nuisance (...)”.

The tanning industry in other countries is at such a stage that, keeping up with scientific advances it should be possible to operate among dwellings without annoying the residents; but it is equally certain that here, especially in Guimarães, the decree that had an opportunity in 1866 has much more opportunity today, since, of all the factories engaged in this activity, the industry utilises such primitive and backward processes as are not in use at this time. So much so, that, especially in the winter, the pestilence from the rotting organic materials or from the ingredients in which they are steeped and that stop their progressive decomposition is sometimes unbearable.

Furthermore, in this case, bearing in mind the lack of drainage and with the land being marshy by nature, with the works planned and abusively started in the future there will be a dreadful focus for the incubation of mosquitoes, which themselves sometimes spread serious disorders. In addition to the nasty smell it will cause, this larger surface of stagnant water will increase the level of humidity and make the lower part of the city even more unhealthy, turning it into a swamp instead of a salubrious, habitable city, which is what it should be, as the citizens of this area would like. We should also consider the intolerable nuisance of the dust that invades the houses when the crushed bark and other ingredients are thrown into the tannery (...)”.

With these allegations the 15 petitioners urged the municipal authority to oppose the building of “yet another swamp within the city, since that industry can and should be operated where it does not annoy anyone, in keeping with the law; and the fact that similar properties have existed for years in this central residential location is no good reason for continuing to allow them today with general condemnation, such harmful abuse, especially since there is no lack of a site further away, duly authorised for operating a tannery; and if it is unfortunately not possible to destroy the existing factories, so badly located, then at least do not allow the construction of new factories of that nature in even worse locations than those already in the heart of the city”.

There were two more complaints in the action, one of which, interestingly, was submitted by a property owner with a house in Espinho. Maria Elisa Correia de Mattos Guimarães, in the capacity of owner of three buildings on Rua da Ramada, and plots adjoining the land on which it was intended to build the tannery, also submitted a complaint because “that industry cannot be operated in a place where it will harm public health”.

In the reaction to the complaints sent to the municipal authority, António F. Melo Guimarães mentioned that the representatives of Fernandes, Malheiro & C.^a Lda had “forgotten to say that they had a dump for faecal matter very close to the grocery store”, used in a nearby factory. In addition, the company’s partners/shareholders, “with the attached grocery store and dunghill about 2 years ago, there had been no fear of a bad smell, insalubrious effluences and nasty smells and dust from the tannery of industrialist Simão Ribeiro, which is almost as close to the footwear factory as the planned factory”.

Addressing one of the signatories to the petition, the industrialist also expressed his surprise at the protest. “Dr Augusto Alfredo de Matos Chaves who lives on Largo Martins Sarmiento, so a long way from the site of the factory complained of, is the usufructuary of a building on Rua da Ramada among whose shops there is a leather currying and dyeing store, smelling just the same as the effluences emitted by a tannery. It is worth noting that the doctor in question was the sub-delegate for health in the municipality and issued reports in favour of installing tanneries within the city and close to dwellings”.

The appraisal of the protest submitted by Júlio António Cardoso took a similar direction. “There is a tannery in this city where his nephew José de Sousa Pinto lives, and he lives close to other factories of the same nature, but he only suffers nasty smells and unhealthy effluences in the planned factory”, explained the applicant to the municipal authority.

Finally, regarding the complaint from Maria Elisa Correia de Matos Guimarães, the reply was that “she forgot to mention that her building is next to Simão Ribeiro’s tannery and that she is the owner of two similar factories on Largo do Cidade which definitely have the same smell and the same effluences as similar factories”.

This is how the industrialist who wanted a licence for the tannery sought to show that the challenges were motivated by personal interests or fear of competition, even indicating that the footwear factory lacked legitimacy for “presenting itself as a hygienic, salubrious and beautiful facility in this area, having grocery store in a footwear factory, very close to a dunghill”.

Despite the unhealthy connotations of the work of an establishment of this nature, António F. Melo Guimarães refers to the tradition and pertinence of setting up another plant, mentioning the therapeutic qualities arising from engaging in the activity as a good reason for doing so. “Among the municipality’s industries, the tanning industry enhances, through its importance and the number of factories, having operated since the distant past until today, in plants adjacent to dwellings and in one of the most populous neighbourhoods of the city. Since it is right here in this neighbourhood that we have the Hospital da Ordem de S. Francisco (Hospital of the Order of St Francis), with its crèche and refuge and schools, which has suffered least from the epidemics that have afflicted the area in recent years. Only in a spirit of malice can it be said that the tanning industry is unhealthy and not hygienic.”

As further grounds for his arguments, the applicant disclosed that on 14 December 1921 the Guimarães’ sub-delegate for health issued a report in favour of building a tanning plant owned by Domingos Ribeiro Martins da Costa, in Madrôa. He further stated that, after the 1863 and 1866 laws were published, major tanneries were established just a few metres from the site of the planned tannery, adjacent to dwellings, such as those of industrialists Simão Ribeiro, José Maria Leite Júnior, Joaquim Luciano Guimarães and José Joaquim de Almeida, with the full agreement “of the authorities and neighbours who never saw them as foci of unhealthy conditions”.

Pointing out that Article 7 of the law of 21 October 1863 enshrines the principle that “complaints from people who built, acquired or went to live on property neighbouring any industrial facility after the promulgation of the law of 27 August 1855 will also not be taken into account”, the industrialist making the application declared that, in this case, they are all complainants, thus requiring the granting of the relevant licence.

Denying the foundation of the factory, the Guimarães’ sub-delegate for health issued an adverse report. It said that the setting up of the facility would violate the law: “because the site chosen is surrounded by dwellings; because it is close to one of the busiest and most attractive squares in the city; because the distance to the nearest houses is very short, being just eight metres in the case of one of one of the complainants; because the people around the site chosen by the applicant complained against the installation of that facility”.

In light of the intransigence of the municipal authorities on approving the works licence, António F. de Melo Guimarães said that Domingos Ribeiro Martins da Costa had recently obtained a licence for a similar plant to be installed in Madrôa, and requested that the respective licence application be attached to his file.

Fábrica de Curtumes da Ramada: An example of mechanisation in turning hides into leather

The building that houses the Fábrica de Curtumes da Ramada illustrates the efforts made by the factories to mechanise the tanning process and speed up the different operations. The appearance of the foulão or foulon (also known as bombo or tonel), a large vat, barrel or drum, greatly improved productivity that was not possible in the streams. The use of this gear, already known to many industrialists in the 19th century, met with stiff resistance. It became more widely used in Guimarães once electricity became available to the factories.

The foulão (drum) took over the function in tanning that for centuries had been the preserve of tanks and pelt tanks. It was a cylindrical barrel, laid on its side and fitted with a mechanism enabling it to be turned. It had a door so that the skins could be put in, and removed. Its introduction into the factories changed industrial production methods.

The tanks in the Zona de Couros were crammed together to free space for the new equipment. The skins were tumbled around in the drums as they were rotated. The temperature, weight and water had to be controlled. They were first used to soak the dry hides and to dry the leathers that were still being treated in tannin baths in the tanks. Later, as the vegetable substances were replaced by chromium salts, the curing process also took place in the drum.

The protracted adaptation of factory owners to mechanisation

The opening up of trade on a worldwide level brought to light new tanning materials that were placed at the disposal of the tanning industry. Advances in chemistry produced acids that could be used in the tanning process to shorten the time required. In 1856, Perkins discovered the formula for producing artificial dyes and the tanning industry found a new resource for colouring its products, in all their different uses. In 1880, an American, August Schultz, soaked skins with a bicarbonate solution together with trisulfate, thereby discovering the first method of tanning with chromium salts. The craft began to adopt increasingly scientific methods which expanded the possibilities and awoke an ever-keener interest of both pure and applied chemistry, which was then burgeoning.

The importance of chemical knowledge to tanning was such that in 1897 the 1st Conference of Leather Chemists took place in London, which established the official standards for analysing tanning extracts and materials. In France, in 1899, the Syndicat Général des Cuirs et Peaux encouraged the scientific development of knowledge and techniques used in the industry by subsidising the setting up of the École Française de Tannerie in the University of Lyon. Its first head was Louis Meunier who focused on mineral tanning by chromium salts.

In Austria and Germany at this time tanning techniques were soundly based since in 1874 the Vienna Research Institute was founded, and the Tanners School in Freiberg followed in 1889. Along with the work of these government institutions the chemicals industries also fostered research and development into the tanning and curing of hides. In 1912, for instance, Germany's BASF sponsored the establishment of the Leather Institute at Darmstadt, where Professor Stiasny directed significant studies on the phenomena observed in the traditional industry with a view to creating new tanning products. So products of this nature were produced by chemical synthesis in 1937 by Kuntzel, Stiasny's successor, who reported that "it has been possible to study and develop products that are not only similar in terms of their properties to natural products, but in other aspects, too, including colour and light fastness"⁷.

Archaic practices persisted in Portugal throughout the 19th century as processes that were highly reliant on the weather conditions and human labour, with physical strength being vital were the norm.

The drafter of the report on the Porto Industrial Exhibition in 1861 bemoaned the backwardness of this business sector. The comment made on the situation faced by leather tanning is illuminating: "few industries seemed to have voted for the status quo, like this"⁸.

António Luciano notes that there is a series of empirical processes, "recommended for the centuries-old practice handed down from parents to children"⁹, a feature of the operations carried out in almost all the tanning factories.

The author believes that the main reason for sticking to the ancient techniques "is nothing to do with the owners of the factories, but all to do with the workers who are mostly ignorant and opposed to any kind of innovation. Such that, when the factory owners wanted to make improvements and try new processes that use other machines and save on manual labour they came up against the interests of the workers who were blind to scientific progress"¹⁰. The lack of industrial education was one of the most sensitive points for workers who were following to the letter the teachings handed down from generation to generation. A lot of industrialists saw the need to shorten the time taken by the tanning process as much as possible "so that the skins wouldn't spoil during tanning, because the old methods took far too long to finish"¹¹.

Although there were a number of obstacles, the tanning industry in the north of Portugal did have several encouraging elements. The proximity of the port entrepôt "which had strong trading links with Brazil"¹² meant that there were plenty of skins, imported "from a lot of places in the Santa Cruz area, which met the consumption needs, which is impossible for the hides called from the land"¹³.

The usual treatment employed for preparing the skins for the lengthy tanning baths required the use of an alkaline in particular lime. Though plentiful in Portugal, "its many uses could not sustain a very low price, and so it was only used when it was pretty well spoiled"¹⁴, which compromised the quality of the final product.

Another advantage was that tannic substances were easy to obtain. Oak bark chippings and sumac shoots were carried by water, on the River Douro, or brought from Trás-os-Montes by ox-cart along very rough roads.

Despite the conditions favouring development the traditional routine and lack of mechanisation prevailed in the factories. "The tannins were still milled by the physical force of the ox or horse, and it was a victory to replace these instruments by iron ones, really heavy and incomplete vertical millstones. The skins were still worked with two sorts of bundles of bronze and tripe on marble tables, which could give the skin irregularities that only experienced hands could disguise. The tanks were drained by enormous pumps which had to be set up over and over again with the workers taking as long to do it as if were a regular drain"¹⁵.

At the 1861 event only Fábrica da Formiga in Porto exhibited patent leathers, an innovation that was in competition with the leathers produced by Fábrica de Campanhã, which had installed a steam operated machine to "hammer soles"¹⁶, and with the printed leathers from Lisbon¹⁷. Twenty years later, at the time of the 1881 industrial survey, the traditional craft practices and manual labour were still in force.

Within the Braga district Guimarães was main centre of this activity, which employed 300 people. But the sector did not have "a modern image: the systems of the large establishments, the concentration of large amounts of capital, the use of powerful tools, the broad division of labour"¹⁸. The work was carried out in small workshops or at home, there were no large machines and the workers were renowned for their lack of special technical skills. The goods that flowed to the trading centres were distributed by major commercial enterprises. "The industry was scattered in small establishments which often led to anarchy, that is, crazy competition between businessmen, to their mutual detriment. In relation to the tanning of hides, in which thousands of of contos de réis are employed, what we often find is that: disagreement between manufacturers, mutual distrust and open rivalry, is an insurmountable obstacle to more improvements in this valuable industry"¹⁹. In Guimarães this industry was worth over 1 million réis a year.

⁷ Cf. António Peres Correia AMADO, op. cit., 1958, pp. 4-10; Jacques BÉRARD et Jacques GODILLARD, *Cuirs et Peaux*, PUF, Paris, 1964, pp. 11-30.

⁸ António LUCIANO, *A exposição Industrial do Porto em 1861 – Impressões desta grande festa nacional*, impresso na Typografia do Diário Mercantil, Porto, 1861, p. 58.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem, p.60

¹² Idem,

¹³ Idem.

¹⁴ Ibidem, p. 61.

¹⁵ Ibidem, p.63.

¹⁶ Idem,

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem, p. 273.

¹⁹ Idem.

World War I saw the leather tanning industry booming throughout the country. Fernando Galhano noted the implications of this: “the buyers of the tanned leathers were never satisfied; difficulties had to be overcome to supply the factories with hides, bark chippings, extracts and all the material needed; the interests of everyone who was in the leather and tanning business clashed: those of the merchants who wanted to export leathers, with those of the tanners who opposed them in every way; those of the tanners whom it suited to export their tanned leathers, with those of the cobblers who hindered them on the pretext of preventing the exit of their raw material, while they were meanwhile freely exporting footwear; the difficulties of getting hold of the extracts were immense and, as they continued, exhausting; the bark chippings, fought over at prices never seen, were scarce”²⁰.

The repercussions of this productive spurt were felt in Guimarães, too, though the apprehension of the phenomenon is hard to assess since it is not possible to pinpoint the sources that could enable a systematic approach.

The industrial statistics produced in the first two decades of the 20th century (Relatório dos 1^a Circunscrição dos Serviços Técnicos da Indústria Durante os anos de 1912 e 1916²¹ (Report on the 1st outline of industry’s technical services for 1912 and 1916) and Estatística Industrial do Ano de 1917²² (Industrial statistics for 1917) contain no reference to leather manufacturing in the municipality of Guimarães, which is not surprising.

Between 1912 and 1916 the figures are only given for factories with more than 10 workers, whereas only the industrial class of skins and related products in Porto, with seven factories and 197 workers, and Gondomar, with one factory and 15 workers, are mentioned in the 1st Outline. As far as Guimarães is concerned, the textile industry features as the most-mentioned sector, with 12 facilities employing 3559 workers.

Compared with the 1890 industrial survey the textile industry is very important even though the number of facilities listed does not express the true scale of the sector. In 1890 there were 46 establishments and 1613 workers engaged in activities related to cotton spinning and weaving (673 male workers and 942 female), scattered around the parishes of the municipality, particularly in Pavidém, on the River Selho. As we have said, the establishments linked to leather manufacturing were concentrated in the Zona de Couros, where there were 18 facilities employing 269 workers, mostly male.

The industrial statistics for 1917 again made no reference to the tanning factories in Guimarães. The activity seemed to be concentrated in Alcanena (59 establishments and 581 workers), Porto (7 factories with 68 workers), Leiria (10 factories and 40 workers), and in other places, mostly in the Santarém and Leiria districts.

Even so, the tradition of tanning and currying was still strongly tied to the industrial dynamic of Guimarães. But the lack of a modern production structure, the small scale of the operations and the continued use of manual labour (dictated by tradition), were perhaps responsible for the industry not being included in the industrial statistics. So it may be concluded that the activity retained its artisan qualities.

Although ignored by official statistics, an administrative justification process in 1915 shows that there were at least 15 factories. This information was produced to check industrial licensing and we find there are tanning plants in Rua de Couros (belonging to Rosa de Jesus Leite, Joaquina Rosa Leite, José Maria Leite Júnior, Bento José Leite, Júlio António Cardoso, José António de Castro, José Caetano Pereira, António José de Oliveira, António José Ribeiro, Francisco José de Carvalho e Oliveira Júnior, José Francisco de Oliveira Guimarães, José Correia de Matos and José Maria de Oliveira) that were judged to be exempt from licensing²³. The document justifies the decision of the Civil Governor of Braga because “the aforementioned factories were founded before the publication of Decree 27 of August 1855 and Article 30 of the Regulations of 21 October 1863 granting free operation to the unhealthy establishments set up before the date of the said 1855 decree, all of which is proven by the statements of the relevant witnesses”²⁴.

Unfortunately we do not have access to the whole file, since the proceedings were dealt with in the Civil Governor of Braga’s office and a copy of the decision was all that was sent to the City Hall. At any rate, this document shows these plants and others set up after 1855 that were operating. Joaquim Luciano Guimarães is one landowner who obtained a licence in 1901 to “set up a plant for tanning skins by hand on his property, known as Campo do Lameiro, bounded by Rua da Caldeiroa with the parish of Urgeses, whose factory had twenty-three wells, with their pelt tanks and lagaretas”²⁵. The continuing operation of this factory is confirmed in an application made by its owner in 1922, which asks the local authority for permission to build “a building on a piece of land, beside his manual tanning plant, and which is in front of the lane that leaves Rua Trindade Coelho and goes to Rua da Alegria, to be divided into seven separate dwellings intended for the workers at his factory to live in”²⁶.

The increased production prompted by World War I, plus the existing tendency to invest in leather manufacturing, also encouraged José Pedro de Carvalho, an industrialist living on Rua da Ramada, to request the Civil Governor of Braga to install a “manually-operated skin tanning factory in Cancela (end of Rua da Ramada)”²⁷. The licence was duly issued on 10 October 1914, confirming its operation.

The Guimarães press does not tell us anything about the repercussions of the sudden growth in productivity during the First World War on industrial dynamics, or on the workers. At any rate, considering the issues raised by Fernando Galhano, “not all the tanners took advantage of the high tide in the same way as it was by most other industries”²⁸. Furthermore, the prosperity enjoyed by the activity in the traditional centres led to the springing up “all over the country and in places

²⁰ Fernando GALHANO, op. cit., 1933, p. 244.

²¹ Joaquim Augusto de Macedo FREITAS, «Relatório dos Serviços da 1^a Circunscrição dos Serviços Técnicos da Indústria Durante os Anos de 1912 e 1916», Boletim do Trabalho Industrial, n.º 113, Imprensa Nacional, Lisboa, s/d.

²² Ministério do Trabalho, «Estatística Industrial do ano de 1917», Boletim do Trabalho Industrial, n.º 116, Imprensa Nacional, Lisboa, 1926.

²³ «Processos de licenciamento», AMAP - (15-5-922).

²⁴ Idem.

²⁵ «Processos de licenciamento de uma fábrica de laboração manual de curtumes de peles», AMAP - (15-5-922).

²⁶ «Requerimento para construir um prédio de Joaquim Luciano Guimarães», AMAP - (15-5-922).

²⁷ «Cópia de Registo de Alvará», AMAP - (15-5-922).

²⁸ Fernando GALHANO, op. cit., 1933, p. 244.

further away of new factories which, benefiting from the start from local resources in hides and bark chippings, established a clientele around them that stopped being supplied by the main market in the north - Porto"²⁹. This is how the industry became established in the Santarém area, as the Estatística Industrial (industrial statistics) for 1917 shows.

The progress triggered by the intensification of the activity in the First World War was thus short-lived, since it was not translated into change in the organisation of production and labour: the same basic processes carried out in primitive premises.

The sector became very unstable in the post-war years. "Traders who went under, made compositions or moratoriums, or who simply did not pay their creditors, dragged down or left severely injured the manufacturers who in turn and under the same conditions and circumstances brought the same fate on the importers of raw hides"³⁰, observed the industrialist when listing the wounds that made the industry rotten. As time passed, "Porto almost brought about the disappearance of the saddlery factory from Guimarães and, having persisted in heifers and tanned skins, eroded some of the preponderance that it traditionally used to enjoy"³¹.

In an effort to overcome the crisis partnerships were formed such as that which, in 1920, gave rise to the firm Francisco José Ribeiro e Companhia, Limitada, with the purpose of "engaging in the tanning industry and its trade, and also exploiting any other branch of business on which future partners may agree"³². This was a limited liability company established by Francisco José Ribeiro and José António Mendes Ribeiro, both married and both industrialists and landowners, living on Rua de Couros, and Luís de Oliveira Bastos, property owner, living on Praça de D. Afonso Henriques, all from the parish of S. Sebastião, in Guimarães. With a share capital of 18 thousand escudos, in three shares: one of 9 thousand 500 escudos, subscribed by Francisco José Ribeiro; another of 3 thousand 500 escudos, subscribed by partner Luís de Oliveira Bastos, and a third of 5 thousand escudos subscribed by José António Mendes Ribeiro.

In terms of input, José António Mendes Ribeiro "was at the head of the factory on all business days; the other two partners took care of overseeing the plant and acquiring and placing the items in which the company was dealing"³³.

Because of the difficulties in the sector the industrialists tried to share responsibilities, still showing confidence in the investment made in the tanning industry.

This attitude endured among the Guimarães investors and in the 1920s new plants appeared, installed along the river banks in farmland upstream and downstream of the Zona de Couros. But the conflicts caused by the insanitary manufacturing processes worsened and the workers resumed their claims for better working conditions.

The strike movement was reignited in 1920 with a claim for better pay and an end to the high cost of living, since "bread is still expensive and the workers have to feed their children"³⁴.

In the wake of the workers' action a bomb exploded in the home of industrialist António Leite, on Rua de Couros, killing one of his children and injuring two others³⁵. The culprit was never found and the claims of the workers were not met. The activity undertaken by António Martins Ribeiro da Silva emerged at the start of the Estado Novo [Salazar's New State], and the industrialist understood how to adapt to the demands of the strict 'industrial conditioning' policy.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem, p. 245.

³¹ Idem, p. 243.

³² «Anúncio de constituição de sociedades por quotas que entre si fazem Francisco José Ribeiro, José António Mendes Ribeiro e Luís de Oliveira Bastos, em 15 de Abril de 1920», O Commercio de Guimarães, 16 de Abril de 1920.

³³ Idem.

³⁴ «Manifesto dos couros e cabedais», O Commercio de Guimarães, 5 de Fevereiro de 1920.

³⁵ «Triste desfecho de uma greve», O Commercio de Guimarães, 10 de Fevereiro de 1920.

Fábrica Âncora: the architecture of Couros

The complex tanning operations were always carried out in the open air, in simple buildings with stone walls at ground floor level above which wooden structures were erected.

The tanks used for the tanning baths are the most emblematic architectural heritage of this activity, where the different sections of the obsolete structures were distributed carefully in the available space so as to take advantage of the slope of the land for the water to drain off.

The sections were arranged around an open patio and the layout was very similar to that of certain farm buildings. Here and there were structures of slatted wood that would help the skins to dry more quickly.

The names of the areas changed over the years and became quite refined in the 20th century. The appearance of the factories resulted in a lot of workshops springing up, some of them based in people's homes.

The names of the areas were changed over the years.

But let us look at the terms used to describe the different production methods, found in a contract dated 1906 relating to an agreement between two firms:

"- a leather tanning factory, located at the end of Rua de S. Francisco, (...) consisting of houses for storage, twenty-four vats, four lagaretas and four pelt tanks, with six places for cottages of the eight that comprise a cottage, which is next to that factory, on the west (...); the factory has the right to soak 220 skins at once and successively in the well that used to belong to the Brotherhood of St. Crispin (...);

- ten vats and one lagareta for tanning skins, located in Largo do Cidade (...);

- two vats and one lagareta for tanning skins, located in that same Largo do Cidade (...);

- two pelt tanks and two humadas for tanning skins, located in Largo do Cidade (...);

- one pelt tank for tanning skins, located in the same Largo (...);

- to these last four buildings there belong two places in the cottages (...) and the right to soak one hundred and twenty skins at once and successively in the said well that used to belong to the Brotherhood of St Crispin (...);

- a dwelling of houses with two storeys, with a wooden shack inside which are seven vats and two lagaretas for tanking skins, located on Rua de Couros (...)"³⁶

Forty years later the terms used for an intervention on the same area are quite different when an application to expand the area of the factory is at stake:

"For this purpose, a plain roof will be built that will be supported by part of the existing wall running beside the street and on columns inside (...). To get the exact levelling to support the roof the wall will have to be raised and a band of parpens laid over the last layer.

The framework for the roof will be made of local eucalyptus timber, with the cross-sections normal for the surface to be covered. Marseille tiles will be used.

The part of the stream that crosses the factory and which only serves the pelt storage area will have pine flooring"³⁷.

Another application granted by the 1ª Circunscrição Industrial of the Directorate-General for Industry contains other solutions:

"All sections of the factory must be housed in their own buildings, with masonry walls and a tile roof, of Marseille or asbestos-cement tiles. The windows must be wide and of a sufficient number to ensure good lighting, with movable banners or blinds to allow good ventilation; for a good volume of air the walls should not be less than three metres high; the floors in the workshops should be of cement with a sufficient slope to enable rapid run-off of wastewater or washing water; both the walls, which will also be waterproofed to a height of at least 1.5 m from the ground, and the timberwork in sight of the roof, shall be whitewashed whenever their appearance suggests it is necessary, at least once a year (...)"³⁸, the tanks should be constructed from smooth, waterproof materials and the machine is to be arranged so that the workers can move around freely ³⁹.

³⁶ «Abertura de crédito entre a firma commercial Almeida & Irmão e António José Ribeiro, desta cidade em 3 de Fevereiro de 1907», Livro de Notas do Tabelião João Joaquim Oliveira Bastos, AMAP, N – 4353, pp. 50-54.

³⁷ Aumento da fábrica de curtumes da firma "Miranda, Ferreira & Carvalho, Lda", sita à rua de S. Francisco, Guimarães, Ministério da Economia, Direcção Geral da Indústria, 1ª Circunscrição Industrial.

³⁸ Condições impostas em vistoria de 11 de Fevereiro de 1943 à Fábrica de Curtumes e Acabamentos de Couros, de José Ribeiro de Almeida, no Lugar do Rio, Oliveira, em Guimarães, Ministério da Economia, Direcção Geral da Indústria, 1ª Circunscrição Industrial.

³⁹ Idem.

The tanning industry in Guimarães

Although the words can be used in different contexts today, tanning and currying are both techniques that are closely linked to leather manufacturing. This activity has been carried out for centuries on the banks of a small stream that runs very close to today's centre of Guimarães, occupying an area now known as 'Zona de Couros'.

The close ties of the people to tanning are mentioned from the very earliest days of Portugal's nationhood. The activity is referred to in the charter granted by Count D. Henrique in the 12th century. 'De pelle conellia iij denarios. De coiro de boue aut de uaca unum denarium' ('III denarii for the skin of a rabbit. One denarius for the hide of an ox or a cow'), appears in the document, alluding to the taxes to be paid for selling these goods at the fair held at that time by the castle gates 'quator uicibus in anno' ('four times a year'). There is also a reference to 'certos víveres e algumas peças de vestidura' ('certain provisions and some items of clothing').

A document dated 1151, referring to the sale of a vineyard and farm contains the first known allusion to the River de Couros (later called 'Merdário' [pool of dung/ faeces/ excrement], in another document.

As the town centre developed so the skills and crafts improved. And their products led to establishment of guilds, driven by professional solidarity and the need to safeguard the common interests of the artisans who joined them.

The Confrariae de Sapataris (Brotherhood of Shoemakers) was formed in Guimarães in 1269. In 1315 it became the Irmandade de S. Crispom e S. Crispiano (Brotherhood of St Crispin and St Crispiniano), founded by the master shoemakers, João Baião and Pero Baião. They gave the new institution a source of income by bequeathing it a tanning well with seven sinks in Rua de Couros. In the 19th century the by-laws of the Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano allowed shoemakers, curriers,

clog-makers and tanners to join it, in a hierarchy typical of trade guilds, abolished in 1834.

But other institutions of an ecclesiastical nature had tanneries in Rua de Couros. They were primitive stone structures, varying in size, used for the protracted baths required by the tanning process.

The proliferation of these crafts led to some fairly direct toponymical references to the processing of hides emerging as early as the 14th century – Rua Zapateira, Rua de Coiros, in 1371.

As time passed, in Guimarães the tasks involved in making the hides of any animal imputrescible were carried out in the former burgo de Couros in the parish of S. Sebastião, a suburb of the city within the walls, and in a rural area on the banks of the River Selho in Lugar Corredoura, in S. Torcato.

Tanning processes to produce leathers for various purposes was carried on in these two places up until the mid-20th century. Among the uses of the tanned leathers were: articles for shoemaking, vessels to keep wine, olive oil and flour, leather straps and belts for work in the fields and industrial workshops, and saddlery and tack for horses. A considerable amount was also produced in the Fafe area - in Fonte Arcada, Póvoa de Lanhoso, S. Tomé de Travassós and S. Miguel do Monte - where there was plentiful oak bark, rich in tannin and was used for tanning until the 20th century, along with lime and pigeon and dog faeces.

The economic importance of the leather trade

The vitality of industry in Guimarães was abundantly clear in the 19th century. In 1814, after the French invasions, José Acúrsio das Neves reports that the 86 tanneries registered in the District of Guimarães were one of the rare industrial clusters that was doing well. It was also the most important in the country, accounting for over 35 percent of all workshops and ahead of Lisbon (23) and Santarém (27), areas which were badly affected by the Napoleonic invasions. In 1815 the Board of Trade received the Map of Factories in the town, municipality and District of Guimarães. Forty tanneries were marked on it: 14 in Guimarães, 22 in S. Tomé de Travassos, 2 in Couto de Fonte Arcada and 2 in S. Torcato, which were not operating due to lack of traction, one in Lugar de Pinhô and the other in Lugar da Corredoura, though the drafter noted that "there are other manufacturers of sumac tanned bullock skin but they are not established as factories", and that the workers were mostly employed on "a daily basis". With respect to Guimarães, the figures show that the tanneries employed 34 workers, but the number of people engaged in activities related to tanning must have been much higher, since the shoemakers still performed a crucial role in regulating the activity, controlling the work of the tanners and curriers, the two occupations essential to the productive organisation of the sector. Leather soles and bullock skins were the raw materials used, and bark, lime and olive oil were employed in the tanning process. Leather manufacturing was economically important throughout the 19th century. The 1853 survey shows that leather tanning was the branch of industry with the most factories: 13 plants and 67 workers. Guimarães had 41 tanneries in 1862, which produced about 300 thousand kg of tanned leathers ready for use and export (Moser, 1874: 44). Despite outmoded technology, output was at industrial scale, which could have encouraged it to keep up with the development that occurred in the other centres linked to leather making, but this did not happen. The techniques used relied heavily on the weather and the endeavours of men, whose muscle power was vital. The drafter of the report on the 1861 Porto Industrial Exhibition bemoaned the backwardness of the industry, observing that:

“few industries seemed to have voted for the status quo, like this, because of a series of empirical processes, recommended for the centuries-old practice handed down from parents to children, a feature noticeable in the operations carried out in almost all the tanning factories (Luciano, 1961: 58). Lack of industrial education was one weakness. The workers simply followed the teachings handed down to them. Meanwhile, chemical solutions were developed in France, Germany and England to speed up the manufacturing process as much as possible. In America the discovery of tanning by means of chromium salts revolutionised the activity and formed the basis of increasingly scientific techniques for tanning. In Guimarães and northern Portugal still took far too long, which created a stalemate in terms of capital despite the excellent conditions for it to flourish, given the proximity of the skins that came from Brazil to Porto and the plentiful supply of oak bark and sumac.

The Industrial Exhibition of 1884

When the industrial survey was conducted in 1881, in terms of districts Guimarães was the main driving force for the tanning industry, which employed 300 workers. But the sector did not have “a modern image: the system of large establishments, the concentration of large amounts of capital, the use of powerful tools, the broad division of labour” (Inquérito Industrial de 1881, AMOP, 1881: IV, 273). There was an undoubted specialisation in the sector, with separate but complementary functions. The tanner and the currier had to maintain relations with the owners of the means of production, i.e. owners of the vats and pelt tanks (for hire or ‘verbal’ employment agreement), and with the businessmen who provided the raw materials and paid for them to be turned into leathers. Even once the corporate constraints were removed the labour system remained very close to the proto-industrial model, with organisational standards adjusted to suit the production conditions. It is hard to find independent workers as tanners who might be entitled to use the wells and tanks for tanning skins, for example. Servitudes had to be paid for these and for access to water, which was used by the drop, with the right to the runoff from the Passarinhas Spring being sold at auction by the council. The spring was formerly located in the present-day Largo do Trovador, a few metres from Rua de Couros. As a rule people in these circumstances could be called ‘manufacturer’. So the tanners would offer their services to whoever needed them and there could be a professional connections to just one or to several workshops. And the work could be done for a wage in installations belonging to an owner, using raw materials supplied by a trader. The contractual possibilities were countless, and the all helped to nourish a network of dependency. Although all the productive operations from initial processing of the raw material to finished good could be assembled within one unit, the functional specialisation meant that the skins would have to undergo currying after they had been tanned. Clearly tanners and curriers could have worked in the same factory, but the pre-industrial characteristics that prevailed and the nature of the tanneries led to there being a certain demarcation between these two jobs. Curriers could do their tasks from home, in a tent or small workshop set up somewhere in the house. They only needed a sloping slate table and a ‘wrist knife’ to roughen, scrape and refine the leathers after their prolonged soaking with oak bark. A laborious job that needed very strong arms. This could naturally be done in the sheds of some tanneries, under the watchful eye of a supervisor. In the 1890 industrial survey only one firm, Almeida & Irmão, of the 18 tanneries listed referred to the occupational category of currier, with 8 male workers: two supervisors, four workers over 16 and two apprentices between 12 and 16 (Inquérito Industrial de 1890, AMOP, 1891: II to V). As in other firms with a modern productive organisation, some vestiges of corporate ties still persisted. The Irmandade de S. Crispo e S. Crispiniano owned a well and several pelt tanks in Rua de Couros which were used until the end of the 19th century under a contract signed after a public auction. The annual leasing agreements followed a seasonal pattern. After the Irmandade “orders a proclamation to rent out to someone an additional well and stone sinks to soak hides”, the Bureau chose the “most favourable bid” to conclude the contract starting on St Michael’s day on 29 September and ending on the eve of the same day, the following year” (Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano, AMAP: MC – 804). The work was carried out in small workshops or at home, at the dawn of the 20th century the tanning industry had no large machines and the workers were renowned for their lack of special technical skills. The value of this production sector in Guimarães rose to over 1 000 000 réis a year and it was “the most important industry by production value and capital at its disposal”, according to the report on the Guimarães Industrial Exhibition of 1884 (Sampaio and Meira, 1991: 75). The preparation of leathers required two major operations, “tanning and preparing, which gave rise to the two occupations into which the workers were divided, ‘tanners and curriers’”. Only manual labour was used. The activity involved “around 300 people, 200 of whom were adults and 70 minors, male, 30 females, 20 adults and 10 minors. In the city there were only male workers, but in Corredoura, women were also employed” (Sampaio and Meira, 1991: 75-76). The organisers of the exhibition tried to take the first step in reorganising the old industries in Guimarães, in light of the lack of technical progress and vocational training. They demanded the Francisco de Holanda Industrial School and this was founded in 1884, the same year that the railway came to Guimarães. Notwithstanding the impact of holding the event, prior to the establishment of the school, even the best efforts of the Sociedade Martins Sarmiento did not seem to influence the workers in the tanning factories. In spite of the teaching provided by the institution, one journalist noted in 1884, “so far not a single tanner or currier has attended the evening course in French; one currier, a boy, overcame his diffidence and registered; the mockery of his companions, the rude remarks of the boss forced him to give up the course” (Sampaio and Meira, 1991: 217). Even so, in a productive environment inspired by tradition some manufacturers

showed an interest in keeping abreast of technological innovation. For example, Bento José Nobre, who took part in the Industrial Exhibition, was regarded as one of the most enterprising men of his class, but "the perseverance and intellectual activity that characterise him always struggle with the serious shortcoming of his ignorance: he knows what he has learned empirically in his factory" (Sampaio and Meira, 1991: 217). He persuaded his son to learn French at the Sociedade Martins Sarmento school so that he could get information from the *Manual do Curtidor* (Tanner's Handbook), from the Roret collection. "This translation, the inherent energy of the manufacturer, his experience, have produced the new work as yet unknown in the tanneries of Rua de Couros, and done it well" (Sampaio and Meira, 1991: 217). The organisers of the Industrial Exhibition in Guimarães proposed to take the first step in reorganising the old industries, mostly employing male workers although the fruit of female workers was also important in the domestic economy. Despite the interest aroused by the discovery of new productive processes, in Guimarães there was no introduction of substances such as the sulphuric acid, alum or chromium used in the tanneries of Porto and Lisbon. These substances conferred imputrescibility when applied to hides suspended in a kind of drum that could be rotated. But technological change implied properly qualified people who could keep up with scientific progress. This was not a feature of the Guimarães labour force. Furthermore, the 1890 industrial survey shows that most workers could not even read and write. The industry failed to break out of the grip of outmoded techniques, protracted operations and working from dawn to dusk (*Inquérito Industrial de 1890*, AMOP, 1891: II to IV).

An unhealthy industry

The obligation to regulate the installation of industrial facilities appeared in Portugal at the start of the Regeneration in 1855 with the publication of a decree that contained a list of classifications of factories, workshops, manufacturers and other industrial establishments held to be unhealthy, a nuisance or hazardous. After the law was updated in 1863 a new decree was published, only repealed in 1922, establishing new regulations. At first there was little impact on the productive system, but as the years passed their application ended up by influencing the geographic distribution of factories such that activities carried on next to urban agglomerations disappeared. Especially when various substances whose inhalation was harmful to health, or which were considered dangerous, were used in the various tasks. This constraint was responsible for a movement to displace industries, with drastic consequences for small businesses that relied on specific natural resources, such as water. Even though they had different jobs, the complexity and sluggish pace of the operations involved in tanning led to the emergence of two specialisations: the tanner and the currier. The first handled the "stream tasks" and the application of the tanning processes by 'seasoning' the water to get rid of impurities and putting the tanning substances on the skins; the second undertook the "preparation" or finishing processes, depending on what the raw materials were to be used for, and they had to get rid of any differences in thickness to harmonise the skins. Both tasks required great physical strength. Which is why, as A. L. de Carvalho observed, "the men in the tanning craft were always lean and hard. To some extent this could be explained by the fact that the ancient working process called for labourers with strong muscles" (Carvalho, 1942: III, 87). Depending on their geographic location, the workshops and plants gradually had to adapt to the new requirements, decreed in the name of safeguarding hygiene and public health. Measures were announced to tackle insalubrity in the urban area, where the lack of domestic sewers and the spread of industrial activities provided an opportunity for outbreaks of illness among the workers and among people living round about. Always in close contact with the tanning processes, in this part of the town men were born, married and died in small, dark houses. In most cases these properties were mixed in with the workshops where the skins were handled every day, with the use of noisome techniques and artisanal chemical processes for tanning, getting rid of impurities and drying the skins. The unhealthiest part of Guimarães was where the waste from the latrines in the houses in the upper part of the city collected, along with all the filth intrinsic to leather tanning. Not far from the small town where rough buildings cluster in lanes and narrow streets that keep out the sunlight, several places of worship, some linked to monastic orders that resisted the liberal attacks, compete for the devotion and alms of the faithful in various religious institutions. One of these is the Venerable Third Order of St Francis. A journalist who reported on the 1884 Industrial Exhibition noted that the industry occupied "quite an extensive swathe [within the city], bordering the city on the south, and within limits. Under the decrees of 1863 and 1864 the tanneries are held to be insalubrious establishments. But it should be noted, strangely, that this part of the town, even though tanning plants occupy the line of the junction of the waters flowing from the River do Couro and despite the excrement that is dumped in the river, which has a small flow, is one of the healthiest. The hospital of the Order of St Francis is built above the largest collection of factories: the clinical movement has the same healthy conditions. It is ascribed to the use of lime and the tannin from the bark, which is used in tanning" (Sampaio and Meira, 1991: 220). And he also observed that tanning was engaged in "in the city, in the southern part or neighbourhood, on the banks of the River de Couros, generally known as Rua de Couros, but actually covering several small streets, small squares and alleys, and containing a narrow area crowded with houses, vats, lagaretas, shacks, tubs, dryers" (Sampaio and Meira, 1991: 218).

the associations of the early 20th century

In 1896, on learning the the Marquis de Liveri, a Lisbon resident, had requested a privilege to produce leathers and tanned hides, the Guimarães Commercial Association sought its refusal. As we can see in the representation sent to the government, the claim of the foreigner was based on the fact that in Portugal "there is only the production of leathers and tanned hides and calf skins, while there is no industry for treating the leathers and skins as there is abroad: Moroccan type and Moroccan finish; varnished skins and leathers, smooth or frizzed, smooth or worked" (Representação que a numerosa classe de cortumes dirigiu a Sua Magestade, in the newspaper O Commercio de Guimarães, 12 December 1896). The industrialist class recognised that in Guimarães the activity failed "to reach that degree of perfection seen in some similar samples from the foreign industry", for which it blamed the non-fulfilment of the promise to establish practical instruction in the Francisco de Holanda Industrial School, given that its regulations assumed a leather tanning section. Likewise, in 1900, the concerns "of the producers of tanned and finished skins" focused on the approval of a tariff increase which would hurt the businessmen running the most important activity in Guimarães, of which "the state was one the main consumers" (Representação que a numerosa classe de cortumes dirigiu a Sua Magestade, in the newspaper O Commercio de Guimarães, 5 June 1900). It was in a climate of instability that the Guimarães Association of Tanners and Curriers was founded in 1900. Its purpose was "to subsidise members who were ill and unable to work". The influence of the association extended into other areas. In 1905 one of its directors was quite categorical in an article published in the press, describing the social context of the workers in the tanning sector: "a huge percentage of us are illiterate; tanner and curriers are more diligent about sending their sons to the workshop than to school; and that's why we often see children of 8, 9 and 10 employed in the laborious toil of our profession, when they should still be learning their first letters. The parents obviously justify this by the need to earn money to sustain poor families" (Associação dos Cortidores e Caixa de Socorros (Tanners Association and Welfare Fund), in O Commercio de Guimarães, 31 March 1905). The possibility of getting a job, even a poorly paid one, was an alternative to school for the sons of the workers. The creation of the Caixa de Socorros Mútua da Associação de Classe de Cortidores e Surradores (Tanners and curriers association mutual fund) was intended to alleviate the hardship of members when they were ill, had no work or died. Though encouraged to join this mutualist organisation, certainly not all the workers were alive to the benefits of the assistance provided. The balance sheets of this association published in its first years of operation refer to increasing membership and to the contributions of the bosses of the most important establishments, such as Manuel José Teixeira, José Maria Leite and Eduardo de Almeida. There was praise for the "harmony between workers and bosses that has prevailed until today and will continue in the future, though there are some who dare to mock as backward those who believe that such harmony is a secure basis for social progress. We do not see the boss as a tyrant, but as a friend" (Associação dos Cortidores e Caixa de Socorros, in O Commercio de Guimarães, 31 March 1905). These remarks by the Chairman of the Board of the Tanners and Curriers Association were made at a time when jobs were extremely hard to find. Indeed, for the members "who tend to have a large family to keep it was nearly impossible to meet their social commitments, paying what they had to pay, though it could not supply all the needs arising from lack of work the Fund helped 37 sick workers and supported another six disabled members" (Associação dos Cortidores e Caixa de Socorros, in O Commercio de Guimarães, 31 March 1905). At the time Guimarães was the most important centre in the north for calf skins, tanned leather and saddlery and the industrialists were obdurate in their traditional use of pure and simple oak bark. As time passed, "Porto almost brought about the disappearance of the saddlery factory from Guimarães and, having persisted in calf skins and tanned leathers, eroded some of the preponderance that it traditionally used to enjoy". Nonetheless, leather from Guimarães managed to reach markets outside its locality, and as the treatment of the hides was a very sensitive and protracted process it was always reliant on bark, water and time. In the early 20th century the vehement attachment to conservative notions also seems to have gripped these social actors, faithful followers of the MP elected by the Guimarães Circle, João Ferreira Franco Pinto de Castelo Branco. "Anyone who dares to speak ill of João Franco in front of a currier runs the risk, if they happen to be in Rua de Couros, of being dumped in the pelt tanks" (Carvalho, 1942: III, 88). The sector suffered a crisis between the establishment of the Republic and the outbreak of World War I, and this led to great labour unrest as workers demonstrated against some of the practices widely engaged in by the tannery owners on whom they depended- The tannery workers went on strike and claimed equal pay and working hours with those prevailing in the Porto factories. Despite the outcry that the announcement of strike action caused in the press, there was some dispute about the claims. In 1911 José Mendes de Almeida, chairman of the Tanners and Curriers Association told the press that the workers "did not want to strike", and were demanding better living conditions and shorter working hours (Movimento Operário: A greve da rua de Couros, in O Commercio de Guimarães of 28 April 1911). Strike action was only avoided by the intervention of an official from the Civil Governor of Braga, after a meeting with representatives of the workers and factory owners, with "the claims of the workforce [being] heeded and the hours worked and wages paid in the leading factories in Porto being taken as the standard for comparison" (A greve dos Operários Cortidores e Surradores, in O Commercio de Guimarães of 9 May 1911). But the workers' protests did not end there.

1913 saw a new and even bigger crisis than that in 1911. It affected "hundreds of workers" (Crise nos Cortumes de Guimarães, in O Commercio de Guimarães, 22 April 1913). Donations were given



to the Tanners and Curriers Association to be handed out to their neediest members, but these 'alms' were not enough to cope with all the requests. At the same time discontent reigned among the workers in the plants that were operating with irregular working hours. They wanted to start at 6 am, have a lunch break between 8 and 8.30 am; return to work and stop for dinner from 12 noon to 2 pm, and eventually finish work at 6.30 pm. During the First World War the leather tanning industry in Guimarães seems to have more or less re-established itself, although the textiles factories were taking on more labour within the municipality. The outmoded labour-intensive model allied with the combined interests of the various businessmen prevented any attempt at technological innovation.

The decline of the industry in Zona de Couros

During the 20th century the Guimarães local authority tried to regulate the establishment of tanneries in Zona de Couros and rejected licence applications. Observance of the laws governing the setting up of new, unhealthy, establishments close to houses began to be more consistent. Leather tanning started to decline. By 1923 the leather tanning industry had been overtaken by textiles, according to the Industrial and Agricultural Exhibition report, and no longer held the top position it enjoyed at the end of the 19th century. It was reported as having 36 plants operating with manual labour, and two mechanical ones.

Fábrica de Curtumes de Roldes

It was in 1923 that Alberto Cardoso Martins de Meneses Macedo, son of Count Margaride and a former major in the army, known as Major Margaride, dared to fly in the face of tradition by using a waterfall on the River de Selho, in Fermentões, to install a turbine and set up the Fábrica de Curtumes de Roldes. He chose a site in the countryside, far from the risky industrial plants that were making the town environment so unhealthy.

Optimistic about the economic success of the leather tanning plant, Major Margaride believed that “the chromium branch of the tanning industry was of greatest interest in the future and so decided to exploit it”. He set up a limited liability company in partnership with Joaquim Ribeiro da Silva, partner in the Castanheiro factory and known as being a “hard-working and knowledgeable man” and João Malheiro de Sousa Meneses, an army officer, all of them living in Guimarães.

The words of Major de Margaride show the economic importance of this sector: “everything is used in this industry; the tanned hide yields the well-known range of leathers; the tanning bark is dried after use, along with the shavings of the skins, and is used for fuel; the flesh scraped off by defleshing becomes glue or fertiliser; once the lime has been used it is added to the hair and all the run-off water and makes an excellent fertiliser for the land”⁴⁰.

The factory was built from scratch and it was already quite large in 1923, compared with others of a similar nature close to the River de Couros. Fábrica de Curtumes de Roldes included a river section, a tanning section and a finishing section, as well as a laboratory, and remained unchanged until 1929, when it was enlarged.

In the local industrial context it should be noted that it looked nothing like the traditional tanneries, which did not immediately translate into material benefits. Its early years of operations were quite difficult and a number of setbacks put the capital invested at risk. For instance, a German technician was hired who knew nothing about tanning, but he had the same name as his father, who was a noted expert⁴¹.

In 1932 the firm expanded when a new section was added, for varnishing, which was in operation until the 1950s. Varnished shoes became extremely popular in Portugal in this period. Business improved during the Second World War thanks to the lack of leather on international markets. The company grew and offered various social services to its employees such as a canteen and bathroom. In 1936 João Teixeira de Aguiar had a canteen and bathroom installed to improve the workers quality of life.

Fábrica de Curtumes de Roldes is still working today. The original facilities have been adapted to modern manufacturing processes.

Besides Fábrica de Curtumes de Roldes another tannery to remain active is Amadeu Miranda e Filhos, formerly the Fábrica de Curtumes da Madroa, founded in 1921 near the river that runs through the town, but there it is known by the name of the river, the Madroa. The working memory is still intact in the remains of the abandoned buildings that are now slowly growing again from the ruins, as part of the ongoing regeneration of this part of the city.

⁴⁰ MARGARIDE, 1938: 18.

⁴¹ MARGARIDE, 1938: 5-23.



Traces of an industrial memory – the pilgrimage to Penha

The Zona de Couros industrial cluster was classified as being of public interest in 1977 by what was then called the Directorate-General of Cultural Heritage³⁷. Official recognition prevented its complete disappearance from the neighbourhood that perpetuated the strong bond of Guimarães with the processing of skins. The former importance of this activity is what is still almost unknown, although symbolic cultural manifestations endure that bear witness to this bond.

One such manifestation is the annual pilgrimage to Penha, one of the largest religious celebrations in the municipality that originated in an initiative by the tanners and curriers. At the end of the 19th century it was the custom of these workers to go to Senhora do Porto de Ave in Póvoa de Lanhoso on the feast day of Nossa Senhora, 8 September, in the company of other pilgrims who also went to make their promises.

The then members of the Committee for Improvements to Penha, Alban Belino (chairman) and Albano Sousa (treasurer) persuaded the group to “change the course and the pilgrimage”, and so this ‘frolic’ came to have Senhora da Penha as its destination.

According to the Comércio de Guimarães, “on 8 September 1887, for the first time a group of leather craftsmen from Rua de Couros in this city decided to climb to Penha on the day of the Senhora de Porto de Ave pilgrimage, thereby creating a new custom. The believers climbed the hill dancing and singing. The banner led the way. They spent the day on Penha, enjoying themselves, and returned at the end of the afternoon, in equally high spirits”³⁸.

Adelino Silva regarded this as a second pilgrimage to Senhora da Penha and as a small presage of the pilgrimages that are still made each year on the second Sunday of September. In light of this impetus the leather workers led the pilgrimages, gripping their banner with the slogan Fé, trabalho e honra (Faith, work and honour) that replaced the original one that bore the words O trabalho é honra (Work is honour).



An industry of secrets: the vegetable tanning operations

Turning hides into leathers relied for centuries on vegetable tanning, using oak bark. An extremely lengthy process, it involved a series of immersions and soakings in tanks containing oak bark, a substance which is inseparable from the traditional manufacturing process.

The skins came from animals slaughtered in the abattoirs. The thicker, more solid leathers, mostly used for shoemaking, came from oxen, bullocks and heifers and comprised those referred to as "fazenda verde da terra" (green skin from the land). They could also be sent from the Azores, place in Brazil (Maranhão, Pará, Pernambuco), elsewhere in Latin America (Montevideo, Buenos Aires) and Portuguese territories in Africa. They would cross the Atlantic and reach Guimarães via traders who were mostly based in Porto.

After these journeys and storage periods the skins were dry or salty and were acquired as the manufacturer needed them. Bullock skins were received dry and were sent for tanning. Heifer skins usually came from local abattoirs or from various places in Europe, especially northern Germany and Russia.

Plentiful water, lime and pigeon or dog excrement were needed to turn hides into leathers. These ingredients were needed for the successive washings, before the tanning proper was started.

The operations in the tanning factories in Guimarães were usually all manual until the First World War, and mostly took place in the Zona de Couros. Although some plants, installed afterwards, did introduce a mechanical component in their manufacturing processes, the physical force required of the tanner and currier was still of paramount importance in this activity. The operations remained indifferent to technical innovation. Without chemical formulae, success continued to rely on the knowledge handed down from generation to generation. It was an industry of secrets and mysteries that only great experience would help to reveal.



Stages in the craft of tanning

1. The “stream”

The initial operations of turning skin into leather were known as “stream tasks”. They involved applying certain natural chemicals to get rid of impurities, remove foreign particles and restore the moisture lost during storage. Also called reverdecimento (‘re-greening’), this operation cleans the skin, getting rid of blood, scabs and other substances and making it flexible and more elastic so that it is ready for the tanning process as such.

Soaking: 7 days

A large amount of skins were immersed in lagaretas so as to soak them under running water. The quality of the water was important for the success of this operation (it should not have a high iron content), as were the weather conditions, which could critically affect the length of the soaking time, though as a rule a week was required. This soaking first opened up the pores in the skin so that the next stages were easier. An apartador (grader) had to take the skins and see which were the ‘re-greened’ ones. These were then put in the pelt tanks.

Pelt tank: 1st bath – 3 days

The skins would spend 24 hours in small tanks – pelames – as their first bath in water which had already been used in later stages of the tanning process. It therefore contained traces of the tanning chemicals.

The skins were then removed and the tanning ingredients in the water were boosted with lime. The skins were then put back. They had to remain covered by the water. They also had to be carefully piled up to prevent wrinkles appearing that could affect the quality of the end product. This process lasted 24 hours at first, and afterwards the skins were turned over, twice more.

Unhairing: 30 to 45 minutes per skin

The skins were taken out of the tanks and were ready to be ‘unhaired’, with the hair/fur being removed by the ‘unhaired’ using a special tool (ferrelha). This was a really laborious job. The ‘unhaired’ had to stoop over a kind of washboard to pull the hair out of the skin side, while his were feet in the water.

Pelt tank: 2nd bath

After unhairing the skins were piled up and returned to the bath in batches of 25. Here they steeped in a bath of milk of lime, skin-side down, to soften the skin and make it flexible in better condition, with the traces of hair/fur being removed and taking care to avoid the staining the leather with lime. At the end of this second bath, depending on the destination of the material the leathers could be either scraped or defleshed.

Scraping or defleshing – 1 hour per skin

Both operations are intended to make the leathers uniform, since the hide is not all the same after it has been taken from the animal. If the leathers were to be tanned – for leather for making everyday boots and shoes – they were ‘scraped’ (a process also known as scudding), and if they were to be used for the soles of shoes they were ‘defleshed’. This last use required a shorter process than scraping since it only involved removing any bits of flesh.

Even so, the flesh side of the skin had to be scraped and the scrapings were used to make tallow and glue, secondary activities of leather manufacturing. As a rule one man could deflesh 12 skins a day, and when 125 or 130 were ready they were put in a tank – the lagar – to receive the humada (bating with pigeon excrement).

Desencalagem or humada (deliming, bating with pigeon excrement) - from 5 to 15 days

The humada is a mixture of pigeon and dog excrement and water. One portion was made with boiling water and then diluted in the pelt tanks, where the skins were steeped until fermentation occurred (essential to enable the skins to receive the tannin from the oak bark). How long this took depended once again on the weather. In summer it could be three or four days, whereas in winter, when the water was colder, it could take anything up to fifteen days. If there was a thunderstorm then the skins had to be quickly taken out of the mixture. One tanner (now deceased), Manuel Oliveira, recalled that “sometimes on Sundays, after mass, everyone in the industry went to the pelt tanks to check the skins, and if you didn’t go you were fined... People had planned to see their girlfriends! That’s fine!!! The humadas developed and couldn’t stay there. They had to go otherwise the pigeon dirt would start to pit the skin and nothing could be done, it was money lost”.

2. Tanning

This term covers the operations that stopped the skin from rotting, and involved applying vegetable substances containing tannins. Oak and sumac in the form of crushed bark were the products used in tanning.

In Guimarães oak bark was most popular, with the extracts only being introduced when some factories speeded up the tanning process by introducing a mechanism known as tanú or folão, which replaced the stream process.



Abaldoar - 24 hours

The skins were removed from the humada mixture and put into lagares, covered beforehand with clean water. The mineral properties of this water were enhanced by adding oak bark to release the tannins quickly.

Tannin is the substance which makes the skins non-rottable.

The next day the skins were lifted by the encascadores who used an engaço de encalhar – a small rake – to remove the first lot of bark.

Atabicar (boarding up) the lagar (vat): nearly 3 months

1st bark – 1 month

The skins were lifted and placed, one by one, in a pelt tank filled with water, surrounded by crushed oak bark. When they were properly covered by the bark it was time for atabicar: as animal skins are not uniform, the bark had to be suitable for these circumstances and if the encascador did not take care with what he was doing the leather would become uneven in texture, and this could not be remedied.

2nd bark – 2 weeks

A second bark bath was then given so that the tannin would stick to the skin. The state of the leather was inspected at this stage. Sometimes the skins had to be casadas (married) because some parts absorbed the tannins better than others.

3rd bark – 1 week

A final strengthening of bark chippings to give the skin its definitive tanning.

Leg washing

After the various bark baths the leathers were “leg washed”. This began at daybreak. At about 5 or 6 in the morning the “washermen” would already be wading in water up to their knees to rub the skins, which were then left to drip until they were more or less dry.

3. Preparation

After tanning, the skins underwent finishing processes that varied according to what they were to be used for. So they could be coloured, stamped, made more flexible by impregnating them with fat, made thicker or thinner, wrinkly or smooth, depending on the commercial destination of the leathers.

Currying - 30 minutes

Once they had dripped dry the leathers were taken to the “currying frames”. The moisture and excess tannin were removed by means of a pissara or estira, i.e. by stretching on the frames, before oxidation occurred with could make the leather brittle.

The flesh side of the skins was scraped (scudding) to achieve the desired thickness. This required enormous physical effort and the practice died out with the introduction of purpose-built machines.

Drying - 1 month

The skin was generally folded and put on a wooden lathe; it was then beaten to give it pre-established density. Next, it was unfolded and put back on the lathes. The skin side was then polished using a ramonadeira, to complete this operation. It was then again left to dry.

Oiling or greasing

After drying, the leathers were lubricated with fat (made with ox fat and fish oil extracted from sardine heads) to stretch the skin and cover any blemishes. This preparation was applied to the skins which were then hung out to dry.

Storing

After drying on the balconies and racks, the skins were piled up before embarking on the finishing stage where they were coloured, or not, depending on their destination. In the store the skins were separated and classed according to the tanning applied and quality. The skins were chosen and put into four categories.

Afterwards they were bundled and bound with rope in a very peculiar way, in costais (backloads), comprising 12, 14 and 16 skins and weighing between 70 and 75 kg.



Glossary

-A-

Apartador – 'Grader', a specialisation related to the "stream" jobs in the tanning industry.. It is the person who watched over and separated the skins while they were soaking in the riverside tanks.

Atanado – 'Tanned', the term used for leather which, after pickling, is white and was used by shoemakers to make coarse work boots.

-C-

Carnaz – 'Flesh side', the inner side of the skin that has been in contact with the flesh.

Camurça – 'Chamois', skin treated by applying chromium to the flesh side to make it pliable and tough, with an uneven texture.

Chagrin – 'Shagreen', leather produced from horse, donkey and mule skin, tanned with tannin or alum, making the flesh side granular.

Cordovão – 'Cordovan' or tanned goat skin, specially prepared for shoes.

Croupon – Cattle hide from which the head and belly have been removed, usually tanned with chromium.

Couro – 'Leather', skin or hide already tanned or being tanned.

Curtimenta – 'Tanning', the process whereby skin / hide is turned into leather and rendered non-rottable.

Curtição vegetal – 'Vegetable tanning', a process that uses tannins derived solely from vegetable sources.

Curtição mineral – A tanning process that uses mineral salts. Chromium salts are most often used.
Curtidor – 'Tanner', someone who uses tannins in the tanning process.

-D-

Defeito na flor – 'Defect in the hair side', flaws exhibited in the hair side of the hide, often caused by the use of a goad when leading animals or lack of knowledge of the slaughterhouse workers.

Descabelagem – 'Unhairing', removal of fur/hair/wool from the skin side of hide.

Descabelador – 'Unhairer', the person who uses a ferrelha (scraping tool) to unhair a hide.

Descarnagem – 'Defleshing', the process of scraping away the flesh when the final product was to be used for the soles of shoes.

-E-

Encascador – Term used by the Vimarense tanners for the speciality job of impregnating and removing tanning substances in the vegetable tanning process.

Estira or pisarra – Tool used by curriers to help stretch and lengthen the hide after it has been through the tanning baths.

Engaço de encanhar – Small rake used during the soaking/removal process to put the oak bark on the skins.

-F-

Ferrelha – Scraping tool used to remove the hair from (unhair) the skin.

Flor – Upper side of the skin from which the natural keratinous coat grew (e.g. fur or scales).

Fazenda – Term used by tannery workers for a skin or hide. The name was often used by workers in other industries, such as: linen cloth, cutlery, etc.



-G-

Grosagem – 'Scraping' or 'scudding', process to clean away the flesh when the leather was to be tanned, that is, used for boots and shoes.

-H-

Humada or deliming – 'Bating with pigeon excrement', 'Deliming', the term used by tanners when a mixture of pigeon and dog excrement and water is used to deep cleanse the skins and prepare them for the tanning substances.

-M-

Mordente – 'Mordant', substance used to fix dyes in the leather.

-P-

Patas or garras - 'Feet or claws', a more or less rectangular part of the skin/hide in the centre of the fazenda. The rear part is called the cuada (butt).

Pelame – 'Pelts', name given (in Guimarães) to the tanks on the banks of the streams that were used in the various stages of vegetable tanning.

Peles em bruto – 'Raw hides/skins', pelts taken from the animals, completely untreated apart from treatment to preserve them.

Pele – 'Skin/hide', coat of certain species of animals, obtained by skinning after slaughter. Often called leather when it comes from adult cattle and other large mammals.

Pisarra - See estira.

-R-

Ramonadeira – Metal tool used by curriers.

-S-

Surrador – 'currier', tannery worker whose job is to remove moisture from the skins/hides once they have been through the tanning process.

Sumagre – 'Sumac', a shrub of the Anacardiaceae family that grows wild in stony ground and is cultivated for use in tanning hides, dyeing and for medicinal purposes.

-T-

Tanino – 'Tannin', a general name for various vegetable substances, one of which is tannic acid. It is found in oak bark and other plants, including sumac, and is used in the tanning and dyeing industries.

Tanque – 'Tank', name currently used for areas of varying sizes where the tanning operations take place. But these floor-level containers are also called pias, poços, lagares, lagaretas, pelames and humadas.

Biographies

O Cidade, Cristóvão José Fernandes da Silva (1812-1883)

A hugely talented businessman, Cristóvão José Fernandes da Silva was known by his nickname O Cidade. He was keen to improve the tanning industry and was one of the wealthiest landowners in northern Portugal.

He was born on 20 February 1812 in the parish of Oliveira, in Guimarães, the son of Manuel José Fernandes da Silva, from Campiã in Vouzela district, S. Pedro do Sul, episcopate of Viseu, and Ana Maria Joaquina, from S. Paio in Guimarães. He made his mark in nineteenth century Guimarães through his involvement in businesses related to tanning manufacturing and trade. He won a bronze medal at the Great Exhibition in London in 1851, a bronze medal at the Porto Industrial Association Exhibition in 1857, and a silver medal at the Agricultural Exhibition in Braga, in 1863.

Cristóvão José Fernandes da Silva's factory was on the bank of the River de Couros. He engaged in other businesses related to leather as well as the industrial activity, ignoring the corporate links that were still deeply embedded in the socio-occupational structure of the time.

In 1830, he and his father obtained all the rights from D. Miguel to set up a "tanning factory in the town" (AMAP M-2680). This guaranteed that the factory could operate under the protectionist policy augmented by the Real Junta do Comércio (Royal Board of Trade), carrying out its manufacturing operations without having to observe the religious rules of occupational corporatism that prevailed in the sector.

In their representation to D. Miguel, father and son said that "they had established, with their own money, a tanning factory for every quality of leather on the bank of the River de Couros".

For the last ten years of his life he held the post of Minister in the Venerable Third Order of St Francis, helping to create ways of supporting the needy. He completed the work on the hospital. He died on 11 January 1883, leaving no direct heirs.

He was one of the wealthiest property owners in the north of Portugal and the distribution of his legacy led to the appearance of false wills and resulted in court cases that took years to resolve.

Cândido José Carvalho (1853-1941)

A businessman and tannery owner, Cândido José Carvalho did a lot to galvanise a number of institutions in the municipality, despite not having been born in Guimarães.

He was from S. Pedro de Agostem, Vila Nova da Veiga, in Chaves. He was born on 10 June 1853 to Manuel de Carvalho and Felicidade Ferreira.

He married Eulália de Sousa Agra in Oliveira parish, Guimarães. He lived on Rua Egas Moniz, where he also had the company that he ran along with the tannery. He died on 23 December 1941 and is buried in Atougia municipal cemetery. He was the father of Assunção de Sousa Carvalho, Joaquim de Sousa Carvalho, José de Sousa Carvalho and the father-in-law of Leonor Rosa Pereira Maia and António Nicolau de Miranda.

In addition to his trading and industrial interests he was involved in setting up the Humanitarian Association of Guimarães Voluntary Fire Brigade, and was a member of the Installation Committee in 1876.

Belmiro Mendes de Oliveira (1891-1982)

Belmiro Mendes de Oliveira was born in the parish of S. Sebastião on 1 February 1891, the son of António José de Oliveira and Luísa Rosa Mendes.

He spent his early years, until adulthood, in Zona de Couros. He lived on Largo do Trovador and Largo do Cidade (in the building where the Youth Hostel stands). In 1942 he moved to Casa da Quintã (the property that is now the headquarters of the Association of Municipalities of Vale do Ave).

His father was in the tanning industry and he, together with Belmiro and two brothers (José and Manuel Mendes de Oliveira) founded the firm António José de Oliveira & Filhos, the start of a promising business career.

Though only educated to primary school level he had a thorough knowledge of the world of leather and became an outstanding industrialist and businessman in that field. He branched out into the textile industry and founded a business group that quickly became a reference in the region: LUZCOR.

His name is linked to the development of the parish of S. Lourenço de Selho where he had several estates and sponsored major investments. One of these was a workers neighbourhood: the Bairro Beatriz, so named as a tribute to his wife, Maria Beatriz Teixeira Carneiro.

At the time of his death, on 29 August 1982, Belmiro Mendes de Oliveira was Chairman of the General Meeting of LUZCOR – Malhas e Confecções, SARL. Because he was so active in the community life of Guimarães, Belmiro Mendes de Oliveira performed duties with the Bureau of the Venerable Third Order of St Dominic, as well as being a magistrate of the Brotherhood of Our Lady of Carmo da Penha and Director of the Oficinas de S. José.

References to the leather men of Guimarães in literature

Albeit associated with an economic activity that was pretty well obsolete, the business of skins and leather was of a significance that did not go unnoticed in nineteenth century Portugal. Camilo de Castelo Branco, perhaps while he was staying with the Guimarães archaeologist Francisco Martins Sarmiento, could not ignore the strange character of the "wealthy currier of hides", portrayed in the famous soap opera *A Viúva do Enforcado* ('Widow of the hanged man').

Alongside the amorous entanglement involving Teresa, the writer mentions some personality traits of her father, Joaquim Pereira: The currier was good Christian like all carriers of good account and sound conscience who handle their skins with proper care; (...) But the idea of having a preordained daughter, as the friar would say, did not excite him. As he was rich and as he had no other offspring, he wanted his Teresa to dress and caress children rather than be clothing saints and cherishing them with a delicately foolish idolatry. In brief, Joaquim Pereira wanted to have grandchildren, he wanted to live on in them and continue to perpetually curry ox skins through his posterity".

An analyst sensitive to the characterisation of the dominant persons in Guimarães society, the model of "wealthy currier" was worthy of Camilo de Castelo Branco's observation and interpretation, like the social and economic movements established with the brother Manuel who "had a tanning workshop on Rua dos Pelames, in Porto, and was a very rich widower without children, fifty years of age, dirty years, yes, but well preserved". It was in the matrimonial union of Teresa and Manuel that Joaquim Pereira envisaged perpetuating his 'line'. Since Teresa "as she was rich and virtuous, the convent would gain morally and materially by garnering for the holy nuptials a bride so endowed with heaven's graces and the net product of the tannery".

The literature of the 19th century conveyed various features of the social actors linked to the leather trade, and enabling these impressions immortalised in writing to identify a social projection where the familiar austerity and ostentation undoubtedly resulting from a swift ascent of the economic ladder were part of the daily life of the richest people connected to this business sector. Likewise, the analysis of the experiences described by Camilo brings out the idea of family connections when exploring the potential of this business, showing that the Guimarães-Porto circuit was part of the relations established among the people involved in the leather trade.

In this context it is useful to note that at the end of the 19th century the rich currier, able to enjoy a similar social standing to that of powerful businessmen, landowners and capitalists who provided substantial capital in trading sundry goods, was a relative newcomer to the Guimarães social scene. For many centuries, like the tanner, his inseparable companion in the tanning process, he did not benefit from corporate recognition, living, rather, in the shadow of the interests and caprices of the cobblers, whose craft's flag was flown in the Brotherhood of St Crispin and St Crispinian. In 1824 the by-laws of the Brotherhood were held to be misleading and the Regiment of Master Curriers and the Regiment of Master Clogmakers were established, both attached to the Flag of the Cobblers, with the tanners being excluded from these regulations.

In Guimarães, on the banks of the River Couros, contrary to what happened elsewhere, leather production was not a temporary or seasonal occupation (as it was on the River Selho, in S. Torcato, where the workers split their time between the protracted tanning operations and farming), though there was a certain complementarity in these occupations. At any rate, the industrial organisation – albeit obsolete – seems to have been deeply rooted in the economic fabric of Guimarães, allowing the projection of several sectors of activity in the 19th century scenario.

In *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, Ramalho Ortigão confirms this varied work: "The small town of Guimarães is the richest in Portugal, the hardest working, the one with most resources of its own and independent of all extraneous favour. It sustains a few very important industries: linen cloth, cutlery, threads and leather, whose products can be found all over the country and are exported to Brazil and Africa".

Contrary to other regions where a single industry prevailed, the people in the 'beehive of the Minho' were linked to a wide variety of 'activities', even though the knowledge level and technical processes used in the various industries were so primitive that they were a real obstacle to development". So the organisers of the Industrial Exhibition in Guimarães in 1884 proposed to take "the first step in reorganising the old industries", mostly employing male workers although the fruit of female workers was also important in the domestic economy.

In relation to leather manufacturing, it was mostly male physical effort that was involved, of both men and boys. The women channelled their energy into work more related to the home, though there was some secondary input in the lengthy tanning process. They would collect the pigeon excrement from the lofts of the local estates and gather the forest waste (oak and willow bark chippings and sumac leaves used in the tanning baths) for fuel.

Projecto de interpretação de couros **Tradução de textos para espanhol**

El efecto de la memoria es llevarnos a los ausentes, para que estemos con ellos,
y traérmolos a ellos, para que estén con nosotros
(Padre António Vieira)

La memoria es la conciencia insertada en el tiempo
(Fernando Pessoa)

1. Acerca del Proyecto de Interpretación de la Zona de Couros

¹ La mémoire collective (Paris, PUF, 1950)

La memoria colectiva, como explicaba M. HALBWACHS ¹ es una construcción social, filtrada por la sociedad, inescrutable a veces, manipulable por causas y grupos sociales distintos, que se puede reconstruir o incluso borrar si la amnesia se considera aceptable para que un nuevo orden se imponga.

La memoria como construcción social supone modos de compartir, procesos de construcción, difusión, mantenimiento, representación, pero, sin embargo, es algo que no se puede mantener inmutable como si estuviese en la vitrina de un museo.

La valoración de los elementos relacionados con la tradición ancestral de transformación de piel en cuero desempeña, inevitablemente, un papel importante: los conjuntos de tanques existentes, el/los riachuelo/s, los secaderos, etc., explicitan y explican la historia de Couros, implicando a la comunidad local y atrayendo el interés de los visitantes. Dinamizar la vivencia del espacio público, enriqueciéndolo, convirtiéndolo en un espacio urbano más atractivo e interesante para todos.

Zona de Couros y la evolución urbana de la ciudad

La evolución de la transformación de la ciudad Guimarães fracturó, de forma más o menos profunda, varias áreas anteriormente consolidadas. La Zona de Couros, en su relación con la ciudad intramuros, con Caldeiroa, con los arrabales agrícolas de Vila Verde, con la ladera de Penha o, incluso con Campo da Feira, sufrió algunas de las fracturas más profundas de la historia de la transformación de la forma urbana de Guimarães. Su supervivencia como hecho urbano cohesionado y relativamente intacto tal vez sólo se explica, desde el punto de vista de sus arquitecturas, por el difícil diseño del terreno en el que se encuentra, en marcada pendiente, subdividido por las estrechas parcelas en las que se divide las propiedades, de origen medieval, de marcado carácter obrero en su gran mayoría. Arquitecturas sencillas en terrenos poco apetecibles, más aún tratándose de áreas industriales, sucias, húmedas y marginales.

Siguiendo el sentido gravitacional del agua, todos los recorridos dentro de la Zona de Couros confluyen hacia el río que es la pieza clave de toda la experiencia de Couros. Su presencia (tanto visual como sonora) o, de forma más amplia y, ciertamente, más justa, la presencia del agua, resulta determinante para el paisaje, para el medio, pero también para la historia, para la razón de la existencia de la Zona de Couros. Por tal motivo, y como siempre, se encuentra en estrecha sintonía con las premisas recogidas en el proyecto de transformación de los espacios públicos.

Dos ejes principales: norte-sur (de acceso a la población, Rua de Vila Verde/Rua de Couros) y este-oeste (río Couros).

El eje norte-sur, perpendicular al río, a las curvas de nivel, une realidades urbanas muy diversas (las áreas residenciales de la Zona de Couros, pasando, puntualmente, entre antiguas fábricas y las nuevas áreas residenciales y de equipamientos públicos, por ej. la Escuela Egas Moniz, el Cyber-Centro, etc.).

Eje este-oeste, siguiendo el río. Siguiendo el curso del río, comenzamos en Campo da Feira, junto al antiguo puente sobre el río, siguiendo siempre en paralelo a antiguas fábricas de curtidos, comenzando por la emblemática Fábrica de Ramada, siguiendo por la antigua "SIMCUR", entrando por "Âncora", pasando por "Mattos Chaves", "Pinto Leite e Oliveira Leite", "Miranda Ferreira de

Carvalho", acompañando al río, y terminando en las "Mendes de Oliveira" o, saliendo conscientemente de la actual delimitación de la Zona de Couros, siguiendo el curso del río (ahora canalizado, invisible al transeúnte) hasta Madroa.

En esta lógica racional, de tradición romana, el Cardus y un Decumanus se intersecan en la región central de la Zona de Couros. Geométricamente central, históricamente central.

Génesis.

El momento más intenso en la experiencia de la Zona de Couros se produce en el Largo do Cidade. Foro este que se abre a las funciones públicas que gran parte de las antiguas fábricas pasan a albergar y posibilita, así, derivaciones a los recorridos principales. Otras experiencias, distintas, pero detalladas, especializadas, para quien así lo desee. Narraciones que se descubren en incursiones en territorios semipúblicos, intrusiones en los rincones y silencios de la Zona de Couros: tanques graníticos, edificios leñosos, pavimentos accidentados, fulones.

Pero también de otras Zonas de Couros, de Guimarães, Roldes, Corredoura. Arquitecturas, economías, tecnologías.

Escenarios de arduo trabajo. Trabajo que era, como veremos durante el recorrido, honor. Simbólico, significativo.

Son recorridos lineales. Sinuosos. Esclarecedores a veces. Enigmáticos, otras. Descubrimiento como acto de encontrar algo desconocido.

Descubrimiento como acto de creación, imaginativa, variada. Descubrimiento personal y colectivo.

Lugares para identificar en el mapa

Rua da Ramada

"Curtidor, zurrador, lavador, [ferrelha], rastrillo, estira, agua, tanino, cal, casca de roble, sebo, pelo pelambre, noque, tanque, tina, tabla, secadero, ribera, curtido, acabado, becerros, badanas, atanados, barnices, gamuzas, raspar, descarnar, curtir, zurrar, aparejar, secar"

Oratorio de Nuestro Señor de la Piedad

Datado de 1866, fue mandado erigir por Cristóvão José Fernandes da Silva, "O Cidade". El importante negociante e industrial de curtidos financió esta obra de arte para sustituir una cruz de madera con el Señor de la Liberación pintado a óleo que había en la Rua de Vila Verde. Pero como su situación estorbaba el paso de las mercancías, se procedió al traslado de la cruz, que fue sustituida por el actual oratorio. Este oratorio aún hoy es muy venerado por los habitantes de la Zona de Couros.

Largo do Trovador

Situado en un terreno accidentado, este amplio espacio inclinado servía de apoyo a las lentas operaciones exigidas en la industria de curtidos. Aquí se extendían las pieles para que escurriesen y secasen al sol; aquí se amontonaba y secaba la casca de roble que, tras liberar el tanino, se utilizaba como combustible doméstico.

Actualmente desaparecida, en este espacio se encontraba la fuente de Passarinhas, que calmaba la sed de los habitantes del "burgo de Couros". El agua sobrante se utilizaba después para la actividad de la curtiduría.

«En esta industria todo se aprovecha. La piel curtida da la conocida variedad de cortes. Las cascadas tanantes, una vez usadas y secas, así como la raspadura de las pieles, sirven de combustible. La carne, que se obtiene al descarnar, sirve para cola o para abonos. La cal, después de prestar su servicio, unida al pelo y a todos los desechos, representa un excelente abono para la tierra".²

Conjunto de tanques de Fraterna

Este es el mayor conjunto de tanques en el que se realizaban las lentas operaciones de curtido de pieles. A pesar de que la mayoría presentaba medidas semejantes, las diferencias de dimensiones se deben a las funciones tan específicas a las que estaban destinados. Lagares, lagaretas, pelambres y caleros son diferentes denominaciones atribuidas a las estructuras cavadas en el suelo en un terreno en el que abundaban los recursos hídricos.

El agua era el elemento vital en todo el proceso de transformación de las pieles en cuero y su constante reaprovechamiento era una preocupación para los industriales.

Largo do Cidade | citas de referencia

"venta de viña por D. Afonso Henriques que se situaba junto al río de Couros, refiriéndose ya a él en el siglo XII como río Merdário": "cum suo casale per illo rego de illa crédula quomodo feri n illo rivulo de corios et inde per illo vallo antiquo ad illam petram que stat in illo capite soute etinde usque ad ribolum merdarium cum ipsa sesega de illo molino et hoc facio prpter servicium bonorum quod mihi feciste et facturus es et pro precio quod accepi a te L morabitinos... habeas tu illa firmiter et omnum posteritas tua filiis et filiabus tuis usque in perpetuum. Die XII Kalendas augusti, Era MCLXXXVIII".³

"Los hombres del oficio del cuero siempre han sido de fibra y temple. En cierto modo, tal vez el hecho se explique por la circunstancia de que el arcaico trabajo requiere trabajadores de músculos fuertes"⁴

² Major de Margaride, 1923

³ Vimaranes Monumenta Historica, part 2, doc. XCIII

⁴ A. L. de Carvalho, vimaranense [from Guimarães] author, in Os Mesteres de Guimarães (The Masters of Guimarães), III, 87, Curtidores e Suradores (Tanners and Curriers), 1942

Rua de Couros

"Debajo de Campo da Feira hacia el sur está situado el burgo, que llaman Rua de Couros, que se compone de tres, la homónima, la Rua de S. Francisco, y la de Além, que le llaman así, porque la separa de las otras el riachuelo, que viene de Campo da Feira, que dejando aquí su nombre, que traía prestado, dio lugar al de Rua de Couros, porque estos conservan en él los zapateros, que en aquel lugar tienen sus pelambres, y por el pasa este riachuelo por debajo de un puente de piedra con pretilos de una y otra parte; y ya tan lleno de agua, que pasando por tres casas de molinos, hace trabajar en cada una dos muelas. En su misma corriente se une el campo de Carreira con el terrero de S. Sebastião, que está frente al soportal de la Aduana, y contiguo con ella, hacia la parte del sur, donde está situada la iglesia de San Sebastián, que le dio nombre, la cual es una de las parroquias de la población".⁵

CUEROS: "De todos los géneros que son objeto de tráfico entre todos los hombres, no hay, quizá, ninguno que pase por tantas manos antes de emplearse, cuyo uso sea tan común, tan diverso y tan prodigioso como el cuero de todos los tipos, de manera que su tráfico y su manufactura pueden considerarse como uno de los principales ramos del comercio interior y exterior de cada estado". «Todos los diferentes cueros y pieles ocupan a una multitud de gente, desde el carnicero hasta el zapatero, talabartero, guarnicionero, librero, tapicero, guantero y otros, además de los curtidores, zurradores, preparadores y fabricantes de cueros y gamuzas, marroquines y de todas las otras diversas obras que se hacen de estas pieles que forman varios y considerables cuerpos del oficio en las diferentes tierras». ⁶

⁵ Costa Carvalho, Corographia Portuguesa, 1968, p. 50.

⁶ Dictionário do Commercio, Vol. I Adaptación del Dictionnaire Universel de Commerce, de Jacques Savary des Bruslons, editado en París, 1723-1730

Himno de los zurradores y curtidores compuesto en el año de la primera peregrinación a Penha (1894)

Heroes do trabalho com honra
Vossos braços tem sempre vigor;
A ninguém o progresso deshonra,
Triumphae com energia e valor.

"Héroes del trabajo con honor
Vuestros brazos tienen siempre vigor.
A nadie el progreso produce deshonra,
Triunfad con energía y valor.

Liberdade, divisa e defeza
D'este grande torrão portuguez;
Família de heróica firmeza

Libertad, divisa y defensa
De este gran territorio portugués.
Familia de heroica firmeza

Aos vindouros mostrará o que fez!

¡A los venideros mostrará lo que es!

Não consintas em ti esse jugo
Que o hypocrita te quer lançar
Guerra sempre a esse verdugo
Que não vá a liberdade esmagar.

No consientas en ti ese yugo
Que el hipócrita te quiere lanzar
Guerra siempre a ese verdugo
Que no va la libertad a aplastar.

De Jesus segui sempre a lei santa,
Sempre crentes na pura doutrina
Para serdes no mundo felizes
Erguei preces à Virgem Divina

De Jesús sigue siempre la ley santa,
Siempre creyentes en la pura doctrina
Para ser en el mundo felices
Elevad plegarias a la Virgen Divina"

Fábrica de Ramada. Una industria de secretos Memoria del lugar

El edificio de la actual Fábrica Curtidos de Ramada revela la capacidad, determinación y dedicación al trabajo de su fundador: António Martins Ribeiro da Silva. Monárquico declarado, tras la implantación de la República, el joven curtidor estuvo en la cárcel por su implicación en las maniobras políticas lideradas por Paiva Couceiro.

Animado por un negociante de pieles de Oporto —Jaime Sousa— montó un pequeño taller de curtido, comenzando así su emancipación en una actividad extremadamente dependiente de la calidad de las materias primas, de las condiciones climáticas, de la coyuntura política nacional e internacional, y del trabajo... De la infatigable dedicación a las exigencias del cuero.

La aparente unidad constructiva que muestra el edificio es el resultado del esfuerzo y de la influencia de este hombre que creyó en la valía económica de la industria de curtidos, a la manera de Guimarães, en un tiempo en el que los rayos de la mecanización iluminaban muchos otros trabajos. Consiguió crear un amplio espacio productivo, en un lugar donde había pequeños talleres dispersos y bastantes recursos hídricos. El éxito de su proyecto industrial permitió edificar un inmueble que absorbió el pequeño curso de agua e, incluso, la Viela de Soalhães, la cual devolverá a la ciudad el proyecto de rehabilitación del edificio.

Inicialmente recibió el nombre de Fábrica de Curtidos de António Martins Ribeiro da Silva. Tras su fallecimiento, en los años 70 del siglo XX, sus herederos formaron una nueva sociedad denominada Fábrica de Curtidos de Ramada.

La inclinación de la Rua da Ramada por los curtidos

El caserío amontonado sobre las instalaciones donde se limpiaban, curtían, zurraban y secaban las pieles, constituía una de las zonas más insalubres de la ciudad, a pesar de la creencia de que los extraños olores provocados por la aplicación de las sustancias tánicas resultaban beneficiosos para la salud.

Incluso así, a pesar de que la instalación de establecimientos industriales insalubres estaba reglamentada desde 1863, las autoridades municipales de Guimarães seguían recomendando al Gobierno Civil de Braga la concesión de las licencias solicitadas. Sin embargo, en 1921, esa norma sufrió un duro revés, con la oposición de industriales y habitantes a la instalación del establecimiento de curtido de pieles solicitado por António F. de Melo Guimarães.

A partir del momento en el que la reglamentación industrial pasó a condicionar la instalación de actividades insalubres junto a los núcleos urbanos, la edificación de instalaciones dirigidas a las operaciones del curtido de pieles en la Rua da Ramada se topaba con intereses opuestos. En la primera mitad del siglo XX, esas restricciones se intensificaron.

Con la intención de construir 20 tanques para curtir pieles «en un campo suyo, sito en las parte de atrás de unos edificios de Rua da Ramada», el 14 de noviembre de 1921, António F. de Melo Guimarães, casado, negociante, residente en la calle Egas Moniz, parroquia de Oliveira, dirigió al administrador del municipio de Guimarães la solicitud de la respectiva licencia. Se trata de un establecimiento en el que «el proceso fabril consistirá en el curtido de pieles o cuero en tanques alimentados con aguas del riachuelo, con empleo de casca de roble y cal. Los productos serán cueros secos o atanados».

Cumpliendo con la legislación vigente, la intención del negociante fue objeto de un proceso de consulta pública. De acuerdo con el edicto publicado, la autoridad municipal explicaba que debido al hecho de que estos establecimientos estaban comprendidos «en la primera clase de la tabla del Decreto de 21 de octubre de 1863, con los inconvenientes de "mal olor y emanaciones insalubres", deben los responsables públicos, los jefes y gerentes de cualquier establecimiento y todas las personas interesadas que quieran oponerse a la concesión de la licencia solicitada, reclamar por escrito en el plazo de treinta días».

De todos los argumentos contrarios a la instalación de la unidad industrial, cabe destacar la petición protagonizada por el gerente y socios de la firma comercial Fernandes, Malheiro e C.^ª Lda., propietarios de la fábrica manual de calzado y tienda de ultramarinos situadas en la Rua dos Terceiros, y por los habitantes, propietarios o inquilinos, y los simples propietarios de terrenos colindantes o circundantes a la propiedad perteneciente a António F. de Melo Guimarães, comprendida entre Largo República do Brasil, calles Ramada, Terceiros y Viela de Soalhães que une estas dos, donde estaba proyectada la construcción de la mencionada fábrica.

La contestación presentaba los siguientes fundamentos:

«Por los inconvenientes de "mal olor y emanaciones insalubres" y también miasmas y polvo que mucho pueden perjudicar e incomodar a los reclamantes, hecho previsto por el decreto que determina que tales establecimientos se alejen por completo de las viviendas, por constituir un peligro para la salud pública y ser molestos (...).

Es cierto que la industria de curtidos, en otros países, está tan adelantada que, siguiendo tan de cerca el progreso de la ciencia, tal vez se podrá ejercer entre las viviendas sin molestar a los habitantes; sin embargo, no es menos cierto que, entre nosotros, y particularmente en Guimarães, el decreto que resultaba pertinente en 1866, mucho más pertinente resulta hoy, ya que, en la totalidad de las fábricas de esta especialidad, la industria se ejerce mediante procesos tan primitivos y atrasados como en aquella lejana fecha. Y tanto es así que, especialmente durante el periodo de invierno, a veces resulta insoportable la pestilencia, ya sea de las materias orgánicas putrefactas, ya sea de los ingredientes que las maceran y detienen el proceso de descomposición. Cabe añadir que, en el caso en cuestión, teniendo en cuenta la falta de drenaje, al ser el terreno ya de por sí pantanoso, se implantará allí, en el futuro, con la obra proyectada y abusivamente comenzada, un formidable foco de incubación de mosquitos, que son a veces vehículos de gravísimas enfermedades. Este aumento de superficie acuosa estancada, además de los miasmas que desprende, aumenta el grado de humedad y contribuye aún más a la insalubridad de la parte baja de la ciudad, convirtiéndolo en un verdadero pantano en vez de una ciudad salubre y habitable, como se pretende que sea, y como es deseo y aspiración de los ciudadanos de esta tierra. También debemos considerar el insoportable inconveniente del polvo que nos invade las viviendas cuando se lanzan al curtido las cascás vegetales trituradas y otros variados ingredientes (...).

Con estas alegaciones, los 15 solicitantes exhortan a la administración del municipio a oponerse a la construcción «de otro pantano más dentro de la ciudad, visto que tal industria puede y debe ejercerse donde no moleste a nadie, de conformidad con la legislación; y el hecho de que ya existen, además desde hace tiempo, edificaciones semejantes, situadas en este lugar poblado y céntrico, no es argumento justificativo para que, actualmente, se siga permitiendo con la reprobación general, un abuso tan perjudicial, teniendo en cuenta que no falta lugar alejado y debidamente apropiado para el ejercicio de la industria de curtidos; y si, lamentablemente, no se pueden destruir las fábricas existentes, y tan mal situadas, que, por lo menos, no se consienta la construcción de nuevas fábricas de tal naturaleza aún peor situadas que las ya existentes en el seno de la ciudad».

En el proceso constan también dos reclamaciones más y resulta curioso comprobar que una de ellas la presenta una propietaria con residencia en Espinho. Maria Elisa Correia de Mattos Guimarães, en calidad de propietaria de tres inmuebles, situados en Rua da Ramada, y de terrenos colindantes con aquel en el que se pretende construir la fábrica de curtidos, también presentó su alegación porque «esa industria no puede ejercerse en un lugar que perjudique la salud pública». Como reacción a las reclamaciones dirigidas a la administración del municipio, António F. Melo Guimarães indicó que los representantes de la firma comercial Fernandes, Malheiro & Cª Lda. se «habían olvidado decir que tenían muy cerca de la tienda de ultramarinos un depósito de materias fecales», utilizadas en una unidad industrial situada en las proximidades. Añade también que los socios de la firma «con la tienda de ultramarinos anexa y estercolero hace unos 2 años, no tuvieron recelo alguno del mal olor, de las emanaciones insalubres ni de los miasmas y del polvo de la fábrica de curtidos del industrial Simão Ribeiro, que queda casi tan próxima de la fábrica de calzado, como la fábrica en proyecto».

Dirigiéndose a uno de los firmantes de la petición, el industrial manifestó también su extrañeza por la protesta. «El Dr. Augusto Alfredo de Matos Chaves que vive en Largo Martins Sarmento, muy distante, por tanto, del lugar de la fábrica en cuestión, es usufructuario de un inmueble situado en Rua da Ramada en cuyos locales tiene instalado un almacén de zurrado y tintorería de cuero, con el mismo olor y las mismas emanaciones que una fábrica de curtidos. Conviene destacar que este médico fue Subdelegado de Salud en este municipio y dio su parecer favorable al montaje de fábricas de curtidos dentro de la ciudad y cerca de viviendas».

En la misma línea se enfocó la valoración realizada a la protesta presentada por Júlio António Cardoso. «Tiene esta ciudad una fábrica de curtidos donde vive su sobrino José de Sousa Pinto, y reside cerca de otras fábricas semejantes, pero sólo encuentra malos olores y emanaciones insalubres en la fábrica en proyecto», justificó el solicitante ante la administración del municipio. Por último, con respecto a la reclamación realizada por Maria Elisa Correia de Matos Guimarães, informa que «se olvidó decir que su inmueble se encuentra junto a la fábrica de curtidos de Simão Ribeiro y que es propietaria de dos fábricas iguales en Largo do Cidade que tienen con certeza el mismo olor y las mismas emanaciones que las fábricas similares».

De esta forma, el industrial que pretendía la concesión de la licencia de la fábrica de curtidos deja ver que las alegaciones estaban movidas por intereses personales, por el recelo de la competencia, indicando incluso la falta de legitimidad de la fábrica de calzado para «erigirse en adalid de la higiene, salubridad y belleza de esta tierra, teniendo ella una tienda de ultramarinos en una fábrica de calzado y muy cerca de un depósito de materias fecales».

A pesar de la insalubridad asociada al trabajo de un establecimiento de esta naturaleza, António F. Melo Guimarães apela a la tradición para la creación de la nueva fábrica, mencionando las cualidades terapéuticas derivadas de la práctica de la actividad como un motivo favorable para su instalación. «Entre las industrias del municipio destaca, por su importancia y por el número de fábricas que existen, la de curtidos, ejercida desde tiempos remotos hasta la actualidad, en fábricas contiguas a las viviendas y en uno de los barrios más populosos de la ciudad. Precisamente en este barrio se encuentra instalado el Hospital de la Orden de San Francisco, con su guardería, asilo y escuelas, el que menos ha sufrido con las epidemias que en estos últimos años han asolado esta tierra. Sólo por maldad se puede decir que la industria de curtidos es antihigiénica e insalubre».

También con la intención de fundamentar sus argumentos, el solicitante reveló que el Subdelegado de Salud de Guimarães emitió, el 14 de diciembre de 1921, un dictamen favorable para la construcción en Madrôa de una fábrica de curtidos perteneciente a Domingos Ribeiro Martins da Costa. Afirmó también que, con posterioridad a la publicación de las leyes de 1863 y 1866, se montaron a pocos metros de distancia del lugar de la fábrica proyectada importantes fábricas de curtidos, contiguas a viviendas, como las de los industriales Simão Ribeiro, José Maria Leite Júnior, Joaquim Luciano Guimarães y José Joaquim de Almeida, con total acuerdo «de las autoridades y vecinos que nunca vieron en ellas focos de insalubridad».

Invocando que el art. 7 de la Ley de 21 de octubre de 1863 consigna el principio de que «tampoco se atenderán las reclamaciones de las personas que después de la promulgación del decreto de 27 de agosto de 1855 edificaron, adquirieron o fueron a vivir a una propiedad en las cercanías de cualquier establecimiento industrial», el industrial solicitante declaró que, en este caso se encuentran todos los reclamantes, por lo que exige la concesión de la respectiva licencia.

El Subdelegado de Salud de Guimarães emitió un dictamen negativo sobre la construcción de la fábrica. Afirmó que la instalación del establecimiento contravenía la legislación: «porque el lugar escogido está rodeado de viviendas; porque está próximo a una de las plazas más apacibles y concurridas de la ciudad; porque la distancia a las viviendas próximas es muy pequeña, siendo sólo de ocho metros con respecto a la casa de uno de los reclamantes; porque los habitantes que rodean el lugar elegido por el solicitante han presentado alegaciones contra la implantación de dicho establecimiento».

Ante la categórica negativa de las autoridades municipales para conceder la licencia de la obra, António F. de Melo Guimarães comentó que, recientemente, Domingos Ribeiro Martins da Costa había obtenido una licencia para una fábrica análoga instalada en Madrôa y pidió que se adjuntase esa solicitud de licencia a su procedimiento.

Fábrica de Curtidos de Ramada: ejemplo de la mecanización en la transformación de las pieles

El edificio ocupado por la Fábrica de Curtidos de Ramada permite comprender el esfuerzo efectuado por las unidades industriales para introducir la mecanización en el proceso de fabricación, reduciendo la ingente cantidad de tiempo exigida por las diferentes operaciones. La aparición del fulón (también denominado bombo o tonel) supuso ganancias en la producción que el trabajo de ribera no permitía. La adopción de este mecanismo ya conocido en el siglo XIX por muchos industriales se encontró con serias resistencias. La intensificación de su uso en Guimarães se produjo con la entrada de la energía eléctrica en las unidades industriales.

En las operaciones de curtido, el fulón ocupó la función desarrollada durante siglos por los tanques y pelambres. De forma cilíndrica y con aspecto de una pipa tumbada a la cual se le adaptó un mecanismo que permitía el movimiento, el fulón tenía una puerta por la cual se metían las pieles. Su introducción en las fábricas cambió el modo de producción industrial.

En la Zona de Couros, se taparon los tanques existentes para ganar espacio e instalar estos equipos. En los fulones, el movimiento rotativo favorecía la agitación de las pieles, siendo necesario controlar los excesos de temperatura, el peso y el agua introducida. Inicialmente se utilizaban para remojar las pieles secas y para enjuagar los cueros que aún recibían los lentos baños tánicos en los tanques. Después, con la sustitución de las sustancias vegetales por las sales de cromo, el curtido también pasó a desarrollarse en el fulón.

La lenta adaptación de los industriales a la mecanización.

La apertura del comercio a escala mundial posibilitó la aparición de nuevas materias tanantes que se pusieron a disposición de la industria de curtidos. El desarrollo de la química proporcionó la aparición de ácidos que, una vez introducidos en el proceso productivo, provocaron la disminución del tiempo requerido para el curtido, dominado por prácticas meramente artesanales. En 1856, Perkins descubrió la fórmula que permitía la obtención de tintes artificiales y la industria de curtidos encontró un nuevo recurso para teñir sus productos destinados a los más diferentes fines. Después, el norteamericano August Schultz, en el año 1880, impregnó las pieles con una solución de bicarbonato y trisulfato, descubriendo de esta manera el primer proceso de curtido con sales de cromo, lo que supuso la primera piedra para el arte de curtir con bases cada vez más científicas, la ampliación de sus posibilidades y el inicio de un interés cada vez mayor tanto de la química pura como de la química aplicada que empezaba a querer despuntar.

La importancia de los conocimientos químicos en la transformación de las pieles era tan notoria que, en 1897, tuvo lugar en Londres el 1.º Congreso de Químicos de la Industria de Curtidos, en el cual se establecieron las normas oficiales para el análisis de extractos y materias tanantes. En Francia, es el propio Syndicat Général des Cuirs et Peaux el cual, en 1899, estimula el desarrollo científico de los conocimientos y de las técnicas utilizadas en esta industria, mediante el apoyo a la creación en la Universidad de Lyon de la École Française de Tannerie, inicialmente dirigida por Louis Meunier, profesor que dedicó su atención al curtido mineral mediante sales de cromo. En esa época, en Austria y en Alemania las técnicas de curtido ya contaban con una expresión científica bastante sólida, ya que, en el año 1874, se fundó el Instituto de Investigaciones de Viena y, en 1889, la Escuela de Freiberg. Paralelamente al trabajo de estas instituciones de índole estatal, las industrias químicas también estimularon la investigación y el desarrollo de los conocimientos requeridos por el tratamiento de los curtidos. Por ejemplo, en 1912, la firma alemana B.A.S.F. facilitó la creación del Instituto de Cuero de Darmstadt y, allí, bajo la dirección de Stiasny, se realizaron importantes estudios no sólo de los fenómenos observados en la industria tradicional sino también con el fin de crear nuevos productos de curtiduría. Así se obtuvieron, por síntesis química, productos de esta naturaleza que hicieron que, en el año 1937, Kuntzel, sucesor de Stiasny, afirmase que «se ha conseguido estudiar y desarrollar productos que no sólo se parecen por sus propiedades curtientes a los productos naturales sino que, en algunos aspectos, como el color y la solidez a la luz, los superan»⁷.

En Portugal, a lo largo de todo el siglo XIX, persistió el arcaísmo, utilizándose procesos extremadamente dependientes de las condiciones atmosféricas y del esfuerzo del hombre, cuyo rendimiento físico resultaba vital.

El redactor del Informe de la Exposición Industrial de Oporto, realizada en 1861, denuncia el retraso evolutivo registrado en este sector de actividad. La valoración lanzada sobre la situación a la que se enfrentaba la transformación del cuero resulta esclarecedora: «pocas industrias parecían abocadas al status quo, como esta»⁸.

António Luciano indica la existencia de una serie de procesos empíricos, «aconsejados por la práctica secular legada de padres a hijos»⁹, característica que se hacía sentir en las operaciones realizadas en casi todas las fábricas de curtidos.

Según el autor, la principal causa de la adhesión rutinaria a las técnicas ancestrales, no residía en los propietarios de las fábricas, sino en los trabajadores, en gran parte rudos y reacios a cualquier tipo de innovación. Aunque los propietarios de las fábricas quisiesen introducir mejoras o ensayar nuevos procesos recurriendo a la utilización de otras máquinas, para economizar trabajo manual, se topaban con los intereses de los trabajadores poco abiertos a la evolución de la ciencia¹⁰. n con los intereses de los trabajadores poco abiertos a la evolución de la ciencia⁴. La falta de la enseñanza industrial constituía uno de los puntos más delicados en los trabajadores que seguían

⁷ Cf. António Peres Correia AMADO, op. cit., 1958, pp. 4-10; Jacques BÉRARD et Jacques GODILLARD, Cuirs et Peaux, PUF, Paris, 1964, pp. 11-30.

⁸ António LUCIANO, A exposição Industrial do Porto em 1861 – Impressões desta grande festa nacional, impresso na Typografia do Diário Mercantil, Porto, 1861, p. 58.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem, p.60

¹² Idem,

¹³ Idem,

¹⁴ Ibidem, p. 61.

¹⁵ Ibidem, p.63.

¹⁶ Idem,

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem, p. 273.

¹⁹ Idem.

²⁰ Fernando GALHANO, op. cit., 1933, p. 244.

²¹ Joaquim Augusto de Macedo FREITAS, "Relatório dos Serviços da 1ª Circunscrição dos Serviços Técnicos da Indústria Durante os Anos de 1912 e 1916", Boletim do Trabalho Industrial, n.º 113, Imprensa Nacional, Lisboa, s/d.

²² Ministério do Trabalho, "Estatística Industrial do ano de 1917", Boletim do Trabalho Industrial, n.º 116, Imprensa Nacional, Lisboa, 1926.

al pie de la letra las enseñanzas transmitidas de generación en generación. Muchos industriales sentían la necesidad de abreviar lo más posible la duración de los procesos de transformación, «para que las pieles no se deteriorasen durante el curtido, porque el periodo exigido por los viejos artesanos para concluir la transformación era excesivamente grande»¹¹.

Aunque fuesen varias las contrariedades, la industria de curtidos en el norte de Portugal poseía elementos favorables para su florecimiento. De la proximidad con el almacén portuario «que más relaciones comerciales mantiene con Brasil»¹² esultaba la abundancia de cuero, importado «de muchos puntos de las tierras de Santa Cruz, y que satisfacen las exigencias del consumo, lo que es imposible para los cueros llamados de la tierra»¹³.

En la preparación de las pieles para los lentos baños de curtido, el tratamiento más habitual requería la utilización de sustancias alcalinas, entre las que destacaba la cal. A pesar de ser abundante en el país, «sus múltiples aplicaciones no la mantienen a un precio muy bajo, llegando a aprovecharse incluso cuando estaba casi estropeada»¹⁴, lo que comprometía la calidad del producto final.

Igualmente ventajosa era la fácil adquisición de sustancias tánicas. La casca de roble y los brotes de zumaque se conducían por los cursos de agua, como el río Duero, o llegaban de Trás-os-Montes en carros de bueyes que recorrían deficientes vías de comunicación.

A pesar de las condiciones favorables para el desarrollo, la rutina y la falta de mecanización predominaban en las unidades de producción. «La molienda de los productos tánicos aún se realiza a base de la fuerza muscular del buey o del caballo, y fue una victoria sustituir estos instrumentos por los de hierro, pesadísimas e incompletas muelas verticales de piedra. El golpeo de los cueros todavía se efectúa con dos tipos de mazos de bronce y buche sobre mesas de mármol perjudicando la piel con desigualdades que sólo manos experimentadas pueden disfrazar. El vaciado de los tanques todavía se realiza con bombas monstruosas, que necesitan arreglarse repetidas veces, lo que lleva a los trabajadores tanto tiempo hacerlo como si el vaciado se realizase de forma normal»¹⁵.

Al certamen de 1861, sólo la Fábrica da Formiga, en Oporto, presentó cueros barnizados, innovación que competía con las pieles trabajadas por la Fábrica de Campanhã donde se había instalado una máquina de vapor que «golpeaba sola»¹⁶, y con las pieles estampadas originarias de Lisboa¹⁷.

Pasados veinte años, con motivo de la realización de la Encuesta Industrial de 1881, persistían las técnicas de fabricación artesanal y el trabajo manual.

En el distrito de Braga, Guimarães constituía el núcleo centralizador de esta actividad, que empleaba a 300 operarios. Pero el sector no tenía «forma moderna: el régimen de los grandes establecimientos, la concentración de grandes capitales, el empleo de potentes instrumentos, la gran división del trabajo»¹⁸. Ejercida en pequeños talleres o en el domicilio, no disponía de grandes máquinas, y era notoria la falta de aptitudes técnicas y especiales en el personal empleado. Los productos que llegaban a los centros de transacción eran distribuidos por grandes casas comerciales. «La dispersión de la industria en pequeños establecimientos conlleva muchas veces la anarquía, esto es, la loca competencia entre los empresarios, que se perjudican mutuamente. Con respecto al curtido de pieles, donde se encuentran empeñados millones de reales, se da frecuentemente este caso: el desacuerdo entre los fabricantes, la mutua desconfianza e indiscreta rivalidad, resulta un obstáculo invencible, que se opone a mayores perfeccionamientos de esta valiosa industria»¹⁹. El valor de este ramo de producción ascendía en Guimarães a más de 1.000.000 de reales anuales.

Con la I Guerra Mundial, la industria de curtidos de todo el país conoció un periodo de intensa actividad. Fernando Galhano registró las implicaciones derivadas de ese movimiento: «los compradores de curtidos estaban siempre insatisfechos; era preciso vencer las dificultades para aprovisionar las fábricas, tanto de cueros, como de cascás, extractos y todos los materiales necesarios; chocaban los intereses de todos los que negociaban con cueros y curtidos: los de los comerciantes que pretendían exportar cueros con los de los curtidores que se oponían de todas las maneras; los de los curtidores, a quienes convenía exportar sus curtidos, con los de los zapateros que lo impedían, con el pretexto de evitar la salida de su materia prima, al mismo tiempo que exportaban libremente calzado; las dificultades en la adquisición de los extractos eran inmensas y, por su persistencia, fatigantes; las cascás, disputadas a precios nunca vistos, escaseaban»²⁰. En Guimarães, los reflejos de este brote productivo también se dejaron sentir, aunque el alcance del fenómeno sea difícil de cuantificar dada la imposibilidad de identificar fuentes susceptibles de un abordaje sistemático.

A través del análisis de las estadísticas industriales producidas en las dos primeras décadas del siglo XX ("Relatório dos Serviços da 1ª Circunscrição dos Serviços Técnicos da Indústria Durante os anos de 1912 e 1916"²¹ y "Estatística Industrial do ano 1917"²²) se constata la inexistencia de cualquier referencia a la transformación de las pieles en el área relativa al municipio de Guimarães, lo que no deja de ser sorprendente.

Entre 1912 y 1916, la estadística sólo presenta los establecimientos industriales con más de 10 operarios, teniendo la clase industrial con la categoría de pieles y anexos, con representatividad al nivel de la 1.ª Circunscripción sólo en Oporto, con 7 fábricas en funcionamiento y 197 operarios, y Gondomar, donde existía una fábrica con 15 operarios. En lo que concierne al municipio de Guimarães, la industria textil aparece como el sector más mencionado, con 12 establecimientos y un total de 3.559 operarios.

En comparación con la Encuesta Industrial de 1890, se observa una gran proyección de la industria textil, a pesar de que el número de establecimientos mencionados no expresa la verdadera dimensión del sector. En 1890, las actividades relacionadas con la hilatura y la tejeduría del algodón movían

a 46 establecimientos y 1.613 operarios, 673 del sexo masculino y 942 del sexo femenino, que se encontraban repartidos en varias parroquias del municipio, sobre todo en torno a la zona de Pevidém, a la orilla del río Selho. A su vez, como ya dijimos, los establecimientos ligados a la transformación de las pieles aparecen concentrados en la Zona de Couros, sumando 18 unidades y 269 operarios, compuestos esencialmente por mano de obra masculina.

La Estadística Industrial de 1917 sigue sin hacer referencia alguna a las fábricas de curtido de Guimarães, apareciendo la actividad muy concentrada en Alcanena (con 59 establecimientos y 581 operarios), en Oporto (con siete establecimientos y 68 operarios), en Leiria (con 10 establecimientos y 40 operarios) y en otras localidades, situadas predominantemente en los distritos de Santarém y Leiria.

Incluso así, la tradición de curtir y zurrar seguía profundamente asociada a la dinámica industrial de los habitantes de Guimarães. No obstante, la ausencia de una estructura productiva de cariz moderno, las instalaciones de reducidas dimensiones y la continuidad del trabajo manual, que obedecía a las enseñanzas ancestrales, posiblemente tuvieron que ver con que su expresividad no se incluyese en las estadísticas industriales. Se llega a la conclusión, entonces, de que la actividad no había superado las características artesanales.

A pesar haber sido obviada para fines estadísticos, gracias a un proceso administrativo de 1915 comprobamos la existencia de, por lo menos, 15 fábricas. En esa información producida con el fin de comprobar si las industrias disponían de licencia, las fábricas de curtidos situadas en la Rua de Couros (pertenecientes a Rosa de Jesus Leite, Joaquina Rosa Leite, José Maria Leite Júnior, Bento José Leite, Júlio António Cardoso, José António de Castro, José Caetano Pereira, António José de Oliveira, António José Ribeiro, Francisco José de Carvalho e Oliveira Júnior, José Francisco de Oliveira Guimarães, José Correia de Matos e José Maria de Oliveira) resultaron carecer de licencia²³. El documento justifica la decisión del Gobierno Civil de Braga por el hecho «de que las mencionadas fábricas se constituyeron antes de que la publicación del Decreto de 27 de agosto de 1855 y de que el artículo 30 del Reglamento de 21 de octubre de 1863 concediesen la libre explotación a los establecimientos insalubres fundados antes de la fecha del mencionado decreto de 1855, todo lo cual se probó mediante las declaraciones de los respectivos testigos»²⁴.

Lamentablemente, no tuvimos acceso al procedimiento completo, dado que se tramitó en los servicios del Gobierno Civil de Braga y a la administración municipal sólo se remitió una copia del acuerdo. De cualquier modo, su contenido permite constatar la existencia de esas unidades industriales y de otras constituidas con posterioridad a 1855. Es el caso de Joaquim Luciano Guimarães, propietario que, en 1901, obtuvo licencia para instalar una «actividad manual de curtidos de pieles en su propiedad, denominada Campo do Lameiro, en los límites de la Rua da Caldeiroa con la parroquia de Urgeses, cuya fábrica comprendía veintitrés pozos, con sus respectivos pelambres y lagaretas»²⁵. a actividad continuada de esta fábrica aparece atestiguada en una petición realizada por su propietario en 1922, en la que solicita a la administración municipal autorización para construir «un edificio dentro del terreno, al lado de su fábrica manual de curtidos, y que da al callejón que va de la Rua Trindade Coelho a la Rua da Alegria, que dividida en siete viviendas independientes se destina a la residencia de los operarios de su fábrica»²⁶.

El incremento productivo suscitado por la I Guerra Mundial, aliado a la predisposición existente para la aplicación de capitales en la transformación de las pieles, también habría motivado a José Pedro de Carvalho, industrial, residente en Rua da Ramada, a solicitar una licencia al Gobierno Civil de Braga para instalar la «actividad manual de una fábrica de curtido de pieles en el lugar de Cancela (en los límites de Rua da Ramada)»²⁷. El 10 de octubre de 1914 se concedió la respectiva licencia, que atestigua su funcionamiento.

Durante la I Guerra Mundial, a través de la prensa de Guimarães no fue posible evaluar las repercusiones del súbito aumento de productividad en la dinámica industrial, ni entre los operarios. De cualquier modo, atendiendo a las consideraciones realizadas por Fernando Galhano, «los curtidores no aprovecharon este periodo de gran actividad de la misma manera que la mayor parte de las otras industrias»²⁸. Además, la prosperidad que la actividad conocía en los centros tradicionales hizo que apareciesen «diseminadas por el país y en puntos alejados nuevas fábricas que, aprovechando desde el comienzo los recursos regionales en cueros y cascás, crearon a su alrededor una clientela que dejó de abastecerse en el principal mercado del Norte, Oporto»²⁹. Así comienza la consolidación de la industria en la zona de Santarém, como demuestra la Estadística Industrial del año 1917.

Por consiguiente, en Guimarães, el progreso provocado por la intensa actividad desencadenada por la I Guerra Mundial resultó efímero, ya que no se tradujo en un cambio en cuanto a la organización productiva y profesional se refiere, manteniéndose los rudimentarios procesos de transformación en instalaciones primitivas.

En los años posteriores al conflicto bélico, el sector conoció una gran inestabilidad. «Negociantes que quebraron, que presentaron concursos de acreedores, moratorias o que simplemente no pagaron a quien debían, arrastraron en su caída o dejaron malheridos a los fabricantes que, a su vez, y en las mismas condiciones y circunstancias, llevaron a la misma situación a los importadores de cuero en pelo»³⁰, recordaba el industrial al enumerar las heridas que debilitaron la industria. Con el paso del tiempo, «Oporto consiguió casi hacer desaparecer de Guimarães la fabricación del cuero de talabartero y, habiendo persistido el de terneras y atanados, le restó parte de la preponderancia que tradicionalmente poseía»³¹.

En un intento por superar la crisis, aparece la constitución de sociedades como aquella que, en 1920, dio lugar a la empresa «Francisco José Ribeiro e Companhia, Limitada», que tenía como objeto «el ejercicio de la industria de curtidos y de su comercio, pudiendo también explotar cualquier otro

²³ «Processos de licenciamento», AMAP - (15-5-922).

²⁴ Idem.

²⁵ «Processos de licenciamento de uma fábrica de laboração manual de curtumes de peles», AMAP - (15-5-922).

²⁶ «Requerimento para construir um prédio de Joaquim Luciano Guimarães», AMAP - (15-5-922).

²⁷ «Cópia de Registo de Alvará», AMAP - (15-5-922).

²⁸ Fernando GALHANO, op. cit., 1933, p. 244.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem, p. 245.

³¹ Idem, p. 243.

ramo de negocio que los socios acuerden en el futuro»³². En este caso se trataba de una sociedad limitada establecida entre Francisco José Ribeiro y José António Mendes Ribeiro, ambos casados, industriales y propietarios, residentes en Rua de Couros, y Luís de Oliveira Bastos, propietario, residente en Praça de D. Afonso Henriques, todos de la parroquia de S. Sebastião, en Guimarães. Con un capital social de 18.000 escudos, dividido en tres participaciones: una de 9.500 escudos, suscrita por Francisco José Ribeiro, otra de 3.500 escudos, suscrita por el socio Luís de Oliveira Bastos, y otra más de 5.000 escudos, suscrita por José António Mendes Ribeiro.

En cuanto a las funciones, correspondía a José António Mendes Ribeiro «permanecer al frente de la fábrica todos los días hábiles; a los otros dos socios correspondía la tarea de inspección de la fábrica y la adquisición y colocación de los artículos con los que la fábrica negociaba»³³.

Debido a las dificultades existentes en el sector, los industriales intentaban compartir responsabilidades, lo cual también manifiesta confianza en las inversiones realizadas en la industria de curtidos.

Este sentimiento perdura entre los inversores de Guimarães y durante la década de los años 20 se asiste a la aparición de nuevas unidades industriales, instaladas en las márgenes del curso de agua, en las zonas de cultivo existentes río arriba y río abajo de la Zona de Couros. Pero los conflictos provocados por la insalubridad de los procesos de transformación se agudizaron y los operarios retomaron las reivindicaciones de mejores condiciones laborales.

En 1920, el movimiento huelguista se reavivó con la reivindicación de mejores salarios y del final de la carestía de la vida, ya que «el pan sigue vendiéndose caro y los operarios tienen que alimentar a sus hijos»³⁴.

A consecuencia de la acción obrera, una bomba estalló en la casa del industrial António Leite, en la Rua de Couros, alcanzando mortalmente a uno de sus hijos y provocando heridas a otros dos³⁵. Nunca se identificó al autor del atentado y las pretensiones del proletariado no llegaron a satisfacerse. La actividad desarrollada por António Martins Ribeiro da Silva surge durante el principio del Estado Nuevo, sabiendo el industrial adaptarse a las exigencias de la rigurosa política de Condicionamiento Industrial.

Fábrica Âncora: the architecture of Couros

Las complejas operaciones del curtido de las pieles se ejercían en permanente contacto con el aire libre, en edificios de estructura simple, con paredes de mampostería a ras de suelo, sobre las cuales se levantaban estructuras de madera.

Los tanques donde transcurrían los largos baños tanantes constituyen la herencia arquitectónica más emblemática de esa actividad, donde las construcciones arcaicas poseían una sensata distribución de las diferentes secciones en el espacio disponible, aprovechando la pendiente de los terrenos para el drenaje de las aguas.

Con las secciones organizadas en torno a un patio descubierto, los inmuebles presentan soluciones arquitectónicas muy semejantes a las adoptadas en los edificios de apoyo a la actividad agrícola. Por casi todas partes se erguían estructuras de madera enripiada para favorecer el rápido secado de las pieles.

Las denominaciones de los espacios se fueron modificando a lo largo del tiempo, registrándose una evolución destacable durante el s. XX. La aparición de las fábricas permitió agrupar a múltiples talleres, algunos de los cuales se encontraban en edificios también destinados a vivienda.

Las denominaciones de los espacios se fueron modificando a lo largo del tiempo. Veamos los términos utilizados para describir los diferentes modos de producción expresados en un contrato de 1906, referente a un contrato celebrado entre dos empresas³⁰: «- una fábrica para el curtido de cuero, situada al fondo de la Rua de S. Francisco, (...) compuesta por casas por almacén, veinticuatro lagares, cuatro lagaretas y cuatro pelambres, con seis plazas de caseta de las ocho que comprende una caseta, que está junto a la misma fábrica, al lado oeste (...); pertenece a esta fábrica el derecho a remojar 220 cueros cada vez y sucesivamente en el pozo que fue de la Hermandad de S. Crispín (...);

- diez lagares y una lagareta para curtido de cueros, situados en el Largo do Cidade (...);
- dos lagares y una lagareta para curtido de cueros, situados en el mismo Largo do Cidade (...);
- dos pelambres y dos caleros para el curtido de cueros, situados en el Largo do Cidade (...);
- un pelambre para curtido de cueros, situado en el mismo Largo (...);
- a estos cuatro últimos edificios descritos pertenecen dos plazas en la caseta (...) y el derecho a remojar ciento veinte pieles cada vez y sucesivamente en el pozo que fue de la Hermandad de S. Crispín (...);
- un edificio de viviendas de dos plantas, con un barracón de madera, dentro del cual hay siete lagares y dos lagaretas para el curtido de cueros, situado en la Rua Couros (...)»³⁶

Cuatro décadas después, las denominaciones utilizadas para una intervención en el mismo espacio son completamente diferentes, cuando se trata de una solicitud de aumento de la zona destinada a la fabricación:

«A tal efecto, se construirá un simple tejado que se asentará sobre parte del muro existente marginal a la calle y sobre columnas de lado interior (...). Para obtener el nivelado preciso para el apoyo del tejado, tendrá que aumentarse el muro y, sobre la última hilera, colocar una franja de

³² «Anúncio de constituição de sociedades por quotas que entre si fazem Francisco José Ribeiro, José António Mendes Ribeiro e Luís de Oliveira Bastos, em 15 de Abril de 1920", O Commercio de Guimarães, 16 de Abril de 1920.

³³ Idem.

³⁴ «Manifesto dos couros e cabedais", O Commercio de Guimarães, 5 de Fevereiro de 1920.

³⁵ «Triste desfecho de uma greve", O Commercio de Guimarães, 10 de Fevereiro de 1920.

³⁶ «Abertura de crédito entre a firma commercial Almeida & Irmão e António José Ribeiro, desta cidade em 3 de Fevereiro de 1907", Livro de Notas do Tabelião João Joaquim Oliveira Bastos, AMAP, N – 4353, pp. 50-54.

perpiaño.

Las vigas que se utilizarán en la cobertura serán de madera de eucalipto de la región, siendo las secciones las usuales para la superficie que se va a cubrir. La teja será de tipo "Marsella".

La parte del arroyo que atraviesa la fábrica y que sólo sirve a la sección de trastero de peletería se solará con madera de pino»³⁷.

Otra solicitud concedida por la 1.ª Circunscripción Industrial, de la Dirección General de Industria, muestra soluciones diferentes:

« Todas las secciones de la fábrica deben estar dentro de edificios propios, con paredes de mampostería y cubierta de teja, tipo Marsella o fibrocemento. Las ventanas deben ser rasgadas y en número suficiente para garantizar una buena iluminación y con batientes móviles o persianas para permitir una buena ventilación; para que haya un buen volumen de aire, las paredes no deben tener una base inferior a tres metros; el suelo de los talleres debe cementarse con la pendiente necesaria para el rápido desagüe de las aguas residuales o de lavado; tanto las paredes, que también se impermeabilizarán hasta al menos 1,5 metros sobre el suelo, como el maderamen a la vista del tejado, deberá encalarse cada vez que su aspecto lo indique necesario, por lo menos una vez al año (...)»³⁸, los tanques deben construirse con materiales lisos e impermeables y la maquinaria debe estar dispuesta de forma que se permita la libre circulación de los trabajadores³⁹.

Fábrica Freitas & Fernandes: perspectiva socioeconómica de Couros

La industria de curtidos en Guimarães

Aunque actualmente las palabras puedan aplicarse en contextos diferentes, curtir y zurrar son dos técnicas íntimamente relacionadas con la transformación de las pieles. Una actividad que, durante muchos siglos, animó las orillas de un pequeño curso de agua, existente muy cerca del centro de la actual ciudad de Guimarães, que abarcaba una zona actualmente conocida por el nombre de Zona de Couros.

La fuerte conexión de la población con la curtiduría aparece documentada desde los orígenes del país. Esta actividad aparece mencionada en el foro concedido por el Conde D. Henrique, en el s. XII. «De pelle conellia iij denarios. De coiro de boue aut de uaca unum denarium» menciona el documento en una alusión a los tributos que debían pagarse por la venta de estos productos en la feria que se celebraba, entonces, junto a la puerta del castillo «quator uicibus in anno», en la cual tampoco faltaban «ciertos víveres y algunas prendas de vestir».

Un documento datado de 1151, referente a la venta de un viñedo y casa de campo, hace la primera alusión conocida al riachuelo de Couros (más tarde denominado en otra documentación "Merdário"). Con el desarrollo de la concentración urbana, se perfeccionaron las artes y los oficios. Y la producción artesanal dio origen a la aparición de corporaciones, al amparo del impulso de la solidaridad profesional y de la necesidad de defender intereses comunes a todos los artesanos que formaban parte de ellas.

En 1269, se constituyó en Guimarães la "Confrariae de Sapataris", que fue la organización que, más tarde, dio origen a la Hermandad de San Crispín y San Crispiniano, fundada por los maestros zapateros João Baião y Pero Baião. Los dos zapateros dotaron después a la institución de una fuente de ingresos, al legar un pozo de curtidos en la Rua de Couros, con siete pilas de piedra. En el s. XIX, los estatutos de la Hermandad de San Crispín y San Crispiniano contemplan la admisión de zapateros, zurradores, zuequeros y curtidores, en una jerarquía típica del corporativismo profesional, abolido en 1834.

Pero otras instituciones de carácter eclesiástico poseían pelambres en la Rua de Couros. Esos pelambres eran rudimentarias estructuras de piedra, de diferentes dimensiones, donde se realizaban los lentos baños necesarios para el curtido.

En virtud de la proliferación de estos oficios, todavía en el s. XIV, en 1371, algunos topónimos hacen referencia más o menos directa al ejercicio del tratamiento y trabajo de las pieles, como la Rua Zapateira (calle Zapatera) o la Rua de Coiros (calle de Cueros).

En Guimarães, a lo largo de los siglos, las tareas capaces de hacer las pieles de cualquier animal imputrescibles se ejercían en el antiguo "burgo de Couros", en la parroquia de San Sebastião, un arrabal de la ciudad protegido por las murallas, y en una zona rural, a orillas del río Selho, en el Lugar Corredoura, en S. Torcato. En estas dos zonas geográficas, hasta mediados del s. XX se llevaron a cabo procesos de curtido para la preparación de las pieles para diferentes finalidades: confección de artículos de zapatería, recipientes para guardar el vino, el aceite y la harina, correas para ayudar al trabajo en el campo y en los talleres industriales, e instrumentos como la silla de los caballos. Aparece también identificada una intensa producción en Fonte Arcada, en Póvoa de Lanhoso, en S. Tomé de Travassós y S. Miguel do Monte, en tierras de Fafe, donde abundaban las cascadas de roble, sustancias tánicas que, hasta el s. XX, se aplicaban en esta actividad, así como la cal y los excrementos de paloma o de perro..

La importancia económica del negocio del cuero

En el siglo XIX, aparecen muchas evidencias del dinamismo de la producción industrial de Guimarães. Tras las invasiones francesas, en 1814, según José Acúrsio das Neves, las 86 fábricas de curtiduría

³⁷ Aumento da fábrica de curtumes da firma "Miranda, Ferreira & Carvalho, Lda", sita à rua de S. Francisco, Guimarães, Ministério da Economia, Direcção Geral da Indústria, 1ª Circunscrição Industrial.

³⁸ Condições impostas em vistoria de 11 de Fevereiro de 1943 à Fábrica de Curtumes e Acabamentos de Couros, de José Ribeiro de Almeida, no Lugar do Rio, Oliveira, em Guimarães, Ministério da Economia, Direcção Geral da Indústria, 1ª Circunscrição Industrial.

³⁹ Idem.

registradas en toda la comarca de Guimarães constituían uno de los escasos núcleos industriales que se encontraba en evolución. Por eso, también era el más importante del país, representando más del 35 por ciento del total de talleres existentes, por delante de Lisboa con 23 y Santarém con 27, localidades donde la actividad se vio seriamente afectada por las invasiones napoleónicas.

En 1815, la Junta de Comercio recibió el mapa de las fábricas que existían en la villa, término y Comarca de Guimarães, que identificaba 40 fábricas, 14 en Guimarães, 22 en S. Tomé de Travassós, 2 en Couto de Fonte Arcada y 2 en S. Torcato, sin actividad por falta de tracción, una en el lugar de Pinhô y otra en Lugar da Corredoura, aunque el redactor haya indicado que «hay algunas manufacturas más de becerros de zumaque, pero no se encuentran establecidas como fábricas», y la mayor parte del tiempo los trabajadores se ocupan en el «trabajo a jornal».

En lo que respecta a Guimarães, los datos revelan que trabajaban en las fábricas 34 empleados, pero el universo de personas relacionadas con la curtiduría debía ser muy superior, dado que los zapateros todavía ejercían un papel preponderante en la regulación de la actividad, controlando el trabajo de los curtidores y zurradores, las dos categorías socio-profesionales indisolubles de la organización productiva de este sector. En las 12 fábricas identificadas, las suelas y la piel de becerro constituían la materia prima usada, y la casca, la cal y el aceite, las sustancias utilizadas.

La importancia económica de la transformación de las pieles se confirmó a lo largo del s. XIX. La Encuesta de 1852 indica que las curtidurías eran el sector más numeroso de la actividad industrial, el cual comprendía 13 talleres y 67 operarios. En 1862, Guimarães presentaba 41 fábricas de curtiduría, que producían anualmente cerca de 300.000 kg de cueros curtidos y preparados para su consumo y exportación (MOSER, 1874: 44).

A pesar del arcaísmo tecnológico, se constata la existencia de producción industrial, lo que podría propiciar el acompañamiento de la evolución registrada en los otros centros relacionados con la fabricación del cuero, algo que no ocurría. Se utilizaban procesos extremadamente dependientes de las condiciones atmosféricas y del esfuerzo de los hombres, cuyo rendimiento físico resultaba vital. El redactor del Informe de la Exposición Industrial de Oporto, en 1861, denuncia el retraso evolutivo registrado, señalando que: «pocas industrias parecían abocadas al status quo, como esta, debido a una serie de procesos empíricos, aconsejados por la práctica secular legada de padres a hijos, característica que se hacía notar en las operaciones realizadas prácticamente en todas las fábricas de curtiduría» (LUCIANO, 1961: 58).

La falta de enseñanza industrial constituía uno de los puntos débiles. Los operarios seguían las enseñanzas transmitidas de generación en generación. Paradójicamente, en Francia, Alemania e Inglaterra se desarrollaban soluciones químicas para acelerar lo máximo posible la duración de los procesos de transformación. En América, el descubrimiento de la curtiduría mediante sales de cromo, que revolucionó esta actividad, asentaba las técnicas de curtido sobre bases cada vez más científicas.

En Guimarães y en el norte de Portugal, las operaciones aún exigían periodos excesivamente largos, lo que provocaba una gran paralización de capitales, a pesar de las excelentes condiciones existentes para su florecimiento, dada la proximidad con las pieles que llegaban de Brasil a Oporto y la abundancia de las cascas de roble y de zumaque.

La Exposición Industrial de 1884

En el momento de la realización de la Encuesta Industrial de 1881, en el contexto distrital, Guimarães constituía el principal núcleo dinamizador de la industria de la curtiduría, en la cual trabajaban 300 operarios. Pero el sector no tenía «forma moderna: el régimen de los grandes establecimientos, la concentración de grandes capitales, el uso de potentes instrumentos, la amplia división del trabajo» (Inquérito Industrial de 1881, AMOP, 1881: IV, 273).

Indudablemente, existía una especialización en el sector, en el que se identificaban dos funciones distintas pero complementarias. Tanto el curtidor como el zurrador tenían que relacionarse con los propietarios de los modos de producción, ya fuesen los propietarios de los lagares y de los pelambres (por alquiler o "contrato" verbal de trabajo), o con los negociantes que podían ceder la materia prima y pagar la respectiva transformación.

Incluso con la eliminación de las limitaciones corporativas, prevalece un sistema de trabajo próximo al modelo protoindustrial, con patrones organizativos adaptados en función de las condiciones de producción. Entre los curtidores, difícilmente encontramos trabajadores independientes que, por ejemplo, posean el derecho de propiedad para el uso de pozos y tanques, necesarios para el curtido de las pieles. Tenían que pagar servidumbres por esos lugares y para tener acceso al agua, de la cual se aprovechaba hasta la última gota. En subasta pública municipal se adjudicaba el derecho a recibir las aguas que escurrían de la fuente de Passarinhas, antiguamente situada en el actual Largo do Trovador, a pocos metros de la Rua de Couros. Generalmente, el que se encuentra en estas condiciones recibe la denominación de fabricante. Por eso, a los curtidores sólo les quedaba ofrecer sus servicios a aquellos que los necesitaban, pudiendo existir un vínculo profesional con un único taller o con varios. Del mismo modo, el trabajo podía ejercerse a cambio de un salario en instalaciones pertenecientes a un propietario, utilizando la materia prima suministrada por un

negociante. Puede barajarse una infinidad de posibilidades contractuales, que contribuían todas ellas a la alimentación de una red de dependencias. Aunque pueda existir una total unificación de las operaciones productivas en una misma unidad, desde la transformación inicial de la materia prima hasta el producto acabado, la especialización funcional obligaba a que, tras el trabajo de curtido, las pieles pasasen por el proceso de zurrado. Por supuesto, el curtidor y el zurrador podían trabajar en la misma unidad de producción, pero las características preindustriales que prevalecían en el sector y los tipos de establecimientos de fabricación obligaban a la vigencia de una determinada demarcación entre las dos funciones. El zurrador podía realizar las tareas que le encomendaban en su domicilio, en una tienda o pequeño taller instalado en una parte de la casa, donde sólo necesitaba una mesa de piedra de pizarra inclinada y un "pulso de hierro" para desbastar, raspar y apurar los cueros que ya habían sido sometidos a las largas inmersiones con cascá de roble. Una tarea ardua que requería de un esfuerzo físico enorme. Naturalmente, esta operación también se podía hacer en las "casetas" existentes en algunas instalaciones, bajo la atenta mirada de un maestro.

En la Encuesta Industrial de 1890, de los 18 establecimientos mencionados de la industria del curtido, sólo la empresa Adams & Irmão presenta la categoría profesional de zurrador, con 8 personas de sexo masculino: dos maestros, cuatro trabajadores mayores de 16 años y dos aprendices, mayores de 12 años y menores de 16 (Inquérito Industrial de 1890, AMOP, 1891: II a V). Paralelamente a algunas empresas, donde se constataba una organización productiva de carácter moderno, todavía existían reminiscencias de los lazos corporativos. La Hermandad de San Crispín y San Crispiniano era propietaria de un pozo y de varios pelambres, en la Rua Couros, cuya explotación se prolongó hasta finales del siglo XIX, mediante un contrato celebrado tras una subasta pública. Los contratos anuales de arrendamiento obedecían a una determinada estacionalidad.

Después de que la Hermandad «mandase publicar un pregón a fin de arrendar al mejor postor un pozo y pilas de piedra para remojar cueros», la Mesa escogía la «puja más favorable» para la concreción del contrato con inicio el día de San Miguel, el 29 de septiembre, y finalización en la víspera de ese mismo día del año siguiente» (Irmandade de S. Crispim e S. Crispiniano, AMAP: MC -. 804).

Ejercida en pequeños talleres o en el domicilio, en el paso al s. XIX, la industria del curtido no disponía de grandes máquinas, siendo notable la falta de conocimientos técnicos y especializados en el personal empleado. El valor de este ramo de la producción ascendía en Guimarães a más de 1.000.000\$000 reales anuales, siendo «la industria más importante por el valor de la producción y el gran capital de que dispone», indicaba el Informe de la Exposición Industrial de Guimarães realizado en 1884 (SAMPAIO y MEIRA, 1991: 75).

La preparación de las pieles se componía de dos operaciones principales, «el curtido y el acabado, lo que da lugar a las dos profesiones en las que se dividen los trabajadores: curtidores y zurradores. Estas tareas sólo se realizaban de forma manual. El trabajo implicaba aproximadamente a 300 personas, de las cuales 200 son mayores de edad y 70 menores del sexo masculino, y 30 del sexo femenino, 20 mayores de edad y 10 menores. En la ciudad sólo trabajaban personas del sexo masculino, pero en Corredoura las mujeres formaban parte del servicio» (SAMPAIO y MEIRA, 1991: 75-76).

Los organizadores de la exposición intentaban dar el primer paso para la reorganización de las antiguas industrias de Guimarães, que se enfrentaban a la ausencia de avances técnicos y a la falta de formación profesional. Reivindicaron la Escuela Industrial Francisco de Holanda y obtuvieron su creación en 1884, año en que también llegó el tren a Guimarães.

A pesar de los efectos de la realización del certamen, antes de la existencia de esta institución educativa, ni las iniciativas de la Sociedad Martins Sarmiento parecían motivar a aquellos que trabajaban en la transformación de las pieles. A pesar de la acción pedagógica de la institución, señalaba un periodista en 1884, «aún no asiste ningún curtidor o zurrador a las clases nocturnas de francés; un niño zurrador venció su timidez y se matriculó; las burlas de sus compañeros y la duras advertencias de su patrón le obligaron a abandonar el curso» (SAMPAIO y MEIRA, 1991:217).

Sin embargo, en el entorno productivo animado por la tradición, algunos fabricantes manifestaban su interés por seguir las innovaciones tecnológicas. Por ejemplo, Bento José Nobre, uno de los participantes en la Exposición Industrial, fue considerado uno de los hombres más emprendedores de su clase, pero «la perseverancia y actividad intelectual que lo caracterizan luchan siempre con la gran dificultad de su ignorancia; sabe lo que ha aprendido en el empirismo de su fábrica» (SAMPAIO y MEIRA, 1991: 217). Convenció a su hijo de que asistiese a la asignatura de francés en el Instituto Escolar de la Sociedad Martins Sarmiento para conseguir obtener información del Manual del Curtidor, de la Colección Roret. «Esa traducción, la inherente vivacidad del fabricante, su experiencia, dieron lugar, así, al nuevo producto hasta ahora desconocido en las fábricas de la Rua de Couros» (SAMPAIO y MEIRA, 1991: 217).

Los organizadores de la Exposición Industrial de Guimarães se proponían dar el primer paso para la reorganización de las antiguas industrias, en su mayoría ejercidas por mano de obra masculina, aunque el fruto del trabajo femenino también tuviese una importancia significativa en la economía nacional.

A pesar de la curiosidad suscitada por el descubrimiento de nuevos procesos de producción, en Guimarães no se asistía a la introducción de sustancias como el ácido sulfúrico, el alumbre o el cromo utilizado en los establecimientos de Oporto o Lisboa con el fin de activar el curtido. Estas sustancias evitaban el proceso de putrefacción mediante un proceso mecánico que consistía en la suspensión de las pieles en una especie de tambor con movimiento rotativo. Pero la adaptación tecnológica exigía personal debidamente cualificado y capaz de seguir el progreso científico, algo que no se producía entre los trabajadores de Guimarães. De hecho, según los datos de la Encuesta Industrial de 1890, se constata fácilmente que la mayoría de los trabajadores ni siquiera sabían leer ni escribir. La industria no conseguía liberarse de las técnicas ancestrales, de las lentas operaciones ni del trabajo de sol a sol (Inquérito Industrial de 1890, AMOP, 1891: II a IV).

Una industria insalubre

En Portugal, la obligatoriedad de regular la instalación de establecimientos industriales surgió al comienzo de la Regeneración, en 1855, con la publicación de un decreto que presentaba una tabla de clasificación de las fábricas, talleres, manufacturas y otros establecimientos industriales considerados insalubres, incómodos o peligrosos.

Después de la actualización legislativa, en 1863, se publicó un nuevo decreto que no se derogó hasta 1922, con la publicación de una nueva normativa. Aunque inicialmente no tuvo importantes consecuencias en el sistema de producción, con el paso de los años, su aplicación acabó condicionando la distribución geográfica de las fábricas, haciendo que se erradicasen las actividades desarrolladas junto a los núcleos urbanos. Sobre todo, cuando en las diferentes tareas se aplicaban sustancias capaces de causar inhalaciones perjudiciales para la salud o que se consideraban peligrosas. Esta limitación fue la responsable de un movimiento de deslocalización industrial, con consecuencias drásticas para las unidades de pequeñas dimensiones y dependientes de ciertos recursos naturales como, por ejemplo, el agua.

A pesar de ejercer funciones interdependientes, la complejidad y lentitud de las operaciones necesarias para la transformación de las pieles dieron lugar a la aparición de dos especializaciones funcionales: el curtidor y el zurrador. Al primero se confiaban los "trabajos de ribera" y la aplicación del curtido, mediante la preparación de las aguas para la eliminación de impurezas y el sometimiento de las pieles a las sustancias tánicas. Al segundo se reservaba el "aparejo" o los acabados, dependiendo de la finalidad de las materias primas, con la misión de armonizar las pieles que se presentaban con diferencias de espesor.

Tanto una como otra eran tareas que exigían un gran esfuerzo físico. Por lo tanto, como señala A. L. de Carvalho, «los hombres del oficio del cuero siempre han sido de fibra y temple. En cierto modo, tal vez el hecho se explique por la circunstancia de que el arcaico trabajo requiere obreros de músculos fuertes» (CARVALHO, 1942: III, 87).

Dependiendo de su ubicación geográfica, los talleres y fábricas tuvieron que adaptarse, progresivamente, a las nuevas exigencias promulgadas en nombre del mantenimiento de la higiene y salud públicas. Se anunciaron medidas para combatir la insalubridad en las zonas urbanas, donde la inexistencia de alcantarillado doméstico y la proliferación de actividades industriales daban lugar a la creación de focos de enfermedades tanto para los trabajadores como para los habitantes de los alrededores.

En contacto permanente con las operaciones de curtido, en esta zona de la ciudad, los hombres nacían, se casaban y morían en viviendas oscuras y diminutas. En la mayoría de los casos, estos inmuebles se confundían con los talleres donde a diario se manipulaban las pieles, a través de la aplicación de pestilentes técnicas y procesos químicos artesanales para garantizar el curtido, la liberación de impurezas y el secado de los géneros. Era la zona más insalubre de Guimarães, la que recibía los despojos de las letrinas de las casas ubicadas en la parte alta de la ciudad y toda la suciedad inherente a la transformación de las pieles.

No muy lejos del pequeño burgo, donde los toscos edificios se aglomeraban en callejuelas y travesías estrechas, condicionado la entrada de los rayos de sol, varios templos, algunos vinculados a órdenes monásticas que habían resistido a las ofensivas liberales, se disputaban la devoción y las limosnas de los fieles congregados en diversas instituciones religiosas, entre las que destacaba la Venerable Orden Tercera de San Francisco, ubicada en este tejido urbano.

Uno de los periodistas que realizaron la cobertura de noticias de la Exposición Industrial de Guimarães en 1884, señaló que la industria ocupaba, en la ciudad, «una franja bastante extensa, que bordeaba la ciudad por el sur, y dentro de sus límites. En virtud de los decretos de 1863 y 1864, las curtidurías, se consideran establecimientos insalubres. Sin embargo, se ha observado que, esa parte de la ciudad, a pesar de que las curtidurías ocupan la línea de unión de las aguas confluentes del río Couros, a pesar de los desechos que se depositan en medio del río, de la pequeña corriente y del pequeño volumen, es de las más salubres. Sobre la mayor aglomeración de fábricas está construido el hospital de la Orden de San Francisco: el movimiento clínico acusa idénticas condiciones de salubridad. Se atribuye al uso de la cal y al tanino de la casca, que se usa en el curtido» (SAMPAIO y MEIRA, 1991: 220). También señaló que la actividad de la transformación de pieles se llevaba a cabo «en la ciudad, en la parte o barrio del sur, a orillas del río Couros conocido por la denominación genérica de Rua de Couros, pero que comprendía varias calles y plazas pequeñas, y callejones, y

que contenía en una zona estrecha una gran aglomeración de casas, lagares, lagaretas, barracas, tinas y secaderos» (SAMPAIO y MEIRA, 1991: 218).

El movimiento asociativo a principios del siglo XX En 1896, al tener conocimiento de que el Marqués de Liveri, residente en Lisboa, había solicitado un privilegio para la producción de pieles y cueros curtidos, la Asociación Comercial de Guimarães exige su denegación. Como se puede leer en el documento enviado al Gobierno, la pretensión del extranjero residía en el hecho de que, en Portugal, «sólo existía la producción de cueros y atanados y pieles de vaqueta, y aún no está establecida la industria mediante la cual los cueros y las pieles se tratan como en el extranjero: marroquines y similares; pieles y cueros barnizados lisos o arrugados, pellicas lisas o labradas» ("Representação que a numerosa classe de cortumes dirigiu a Sua Magestade", O Commercio de Guimarães, 12 de diciembre de 1896).

La clase industrial reconoce que, en Guimarães, la actividad no ha conseguido «alcanzar el grado de perfeccionamiento que presentan algunos de los especímenes similares de la industria extranjera», atribuyendo la responsabilidad al incumplimiento de la promesa de instaurar la enseñanza práctica en la Escuela Industrial Francisco de Holanda, ya que su normativa contemplaba el funcionamiento de una sección de curtiduría.

En la misma línea, en 1900, las preocupaciones «de los fabricantes de curtiduría y adobo de pieles» hacían referencia a la aprobación de significativos aumentos, algo que perjudicaba a la clase industrial de la actividad más importante de Guimarães, que «tenía en el Estado a uno de sus principales consumidores» ("Representação dos proprietários da cortimenta e aparelho de peles", O Commercio de Guimarães, 5 de junio de 1900).

En 1900, en un clima de inestabilidad, nació la Asociación de Clase de Curtidores y Zurradores de Guimarães con la finalidad de «ayudar a los socios cuando estén enfermos y no puedan trabajar». El alcance de la acción desarrollada por esta colectividad abarcó otras áreas. En 1905, en un discurso publicado en la prensa, uno de sus dirigentes era terminante, al trazar el escenario social de los operarios que trabajaban en este sector: «entre nosotros es enorme el porcentaje de analfabetos; en general, los curtidores o zurradores suelen optar más por mandar a los hijos al taller que al colegio; y así vemos muchas veces a niños de 8, 9 y 10 años empleados en el arduo trabajo de nuestra profesión, cuando aún debían aprender las primeras letras. Está claro que los padres justifican su proceder por la necesidad de conseguir salarios para el sustento de las familias pobres» ("Associação dos Cortidores e Caixa de Socorros", O Commercio de Guimarães, 31 de marzo de 1905).

Efectivamente, la posibilidad de obtener un trabajo, aunque fuese mal remunerado, constituía una alternativa a la asistencia al colegio para los hijos de los operarios. La creación de la Caja de Ayuda Mutua de la Asociación de Clase de Curtidores y Zurradores intentó atenuar las dificultades a las que se enfrentaban sus asociados debido a enfermedad, falta de trabajo o fallecimiento. Aunque se incentivase la participación en esta organización mutualista, no todos los operarios se mostraban sensibles a los beneficios de la asistencia proporcionada.

En los primeros años de funcionamiento de esta vertiente del asociacionismo, los balances publicados en la prensa aluden al aumento del número de miembros y también a las coparticipaciones realizadas por los empresarios de los establecimientos más importantes, como Manuel José Teixeira, José Maria Leite y Eduardo de Almeida. Se exaltaba la «armonía entre operarios y patrones que ha continuado hasta hoy y que continuará en el futuro, aunque algunos se atreven a llamar retrógrados los que creen encontrar en esa armonía una base segura del progreso social. Es que no vemos en el patrón a un tirano, sino a un amigo» ("Associação dos Cortidores e Caixa de Socorros", O Commercio de Guimarães, 31 de marzo de 1905). Estas declaraciones hechas por el Presidente de la Asociación de Operarios, Curtidores y Zurradores surgen en un momento en el que el proletariado sufre una profunda crisis de trabajo. Por eso, para los asociados, «que suelen tener una familia numerosa a la que mantener, era casi imposible cumplir con sus compromisos sociales, pagando las cuotas que tenían que pagar. Aunque no pudiese cubrir todas las necesidades, procedentes de la falta de trabajo, la caja ayudó a 37 miembros enfermos y mantuvo también a seis socios inválidos» ("Associação dos Cortidores e Caixa de Socorros", O Commercio de Guimarães, 31 de marzo de 1905).

En este momento, Guimarães era el centro más importante del norte en terneras, atanados y talabartería, cuyos industriales estaban obstinados en el uso tradicional de casca de roble, pura y dura. Con el paso del tiempo, Oporto casi consiguió hacer desaparecer de Guimarães la fabricación de talabartería, y «habiendo persistido el de las terneras y atanados, le restó preponderancia». Aún así, los cueros de Guimaraes conseguían llegar a mercados fuera de la región. El tratamiento de las pieles era bastante delicado y muy prolongado, manteniendo la eterna dependencia de la casca, del agua y del tiempo.

A principios del s. XX, el ferviente apego a los ideales conservadores también parece haber sido una prerrogativa de estos actores sociales, partidarios leales del diputado elegido por el Círculo de Guimarães, João Ferreira Franco Pinto de Castelo Branco. «Quien se arriesgase a hablar mal

de João Franco delante de un zurrador, corría el riesgo, si el caso se diese en la Rua de Couros, de ser sumergido en los pelambres» (CARVALHO, 1942: III, 88).

La crisis que atravesó el sector, tras la implantación de la República y antes de la I Guerra Mundial, condujo a una fuerte conflictividad laboral, con manifestaciones de los trabajadores en contra de ciertas prácticas generalizadas entre los propietarios de los establecimientos de los que dependían. La clase obrera relacionada con la transformación de los curtidos protagonizó sucesivas huelgas, en las que reivindicaba la igualdad salarial y del horario laboral existente en las fábricas de Oporto. A pesar del alboroto provocado por la anunciada paralización en la prensa, se constata cierta contención en las reivindicaciones. En 1911, José Mendes de Almeida, Presidente de la Asociación de los Operarios, Curtidores y Zurradores, declaraba a la prensa que los trabajadores «no querían la huelga», exigiendo una mejora de las condiciones de vida y la reducción de la jornada laboral ("Movimento Operário: A greve da rua de Couros", O Commercio de Guimarães, 28 de abril de 1911). La paralización sólo se solventó mediante la intervención de un delegado del Gobierno Civil de Braga que, después de reunirse con representantes de los trabajadores y de los empresarios consiguió que «se atendiesen las reclamaciones de los trabajadores, sirviendo como norma de comparación las condiciones de horario y salarios que se pagan en las principales fábricas de Oporto» ("A greve dos Operários Cortidores e Surradores", O Commercio de Guimarães, 9 de mayo de 1911). En cualquier caso, las protestas de los trabajadores siguieron haciéndose sentir. En 1913, una nueva crisis de proporciones aún mayores que la constatada en 1911 afectó a «cientos de operarios» ("Crise nos Cortumes de Guimarães", O Commercio de Guimarães, 22 de abril de 1913). A la Asociación de Operarios, Curtidores y Zurradores llegaban regalos para su distribución entre los socios más necesitados, pero estas "limosnas" no eran suficientes para satisfacer todas las solicitudes.

Paradójicamente, en las fábricas en funcionamiento seguía el descontento de los operarios por el horario laboral incierto. Querían entrar a las 6:00, con pausa para el almuerzo entre las 8:00 y las 8:30; volver al trabajo y comer de 12:00 a 14:00, para volver a salir a las 18:30.

Durante la I Guerra Mundial, en Guimarães, la industria de curtidos pareció conocer una cierta recuperación, aunque en el ámbito municipal, las fábricas textiles comenzasen a absorber la mayor cantidad de mano de obra. La dependencia del modelo arcaico de trabajo impedía cualquier intento de innovación tecnológica, así como la conciliación de intereses entre los diferentes industriales.

The decline of the industry in Zona de Couros

During the 20th century the Guimarães local authority tried to regulate the establishment of tanneries in Zona de Couros and rejected licence applications. Observance of the laws governing the setting up of new, unhealthy, establishments close to houses began to be more consistent. Leather tanning started to decline. By 1923 the leather tanning industry had been overtaken by textiles, according to the Industrial and Agricultural Exhibition report, and no longer held the top position it enjoyed at the end of the 19th century. It was reported as having 36 plants operating with manual labour, and two mechanical ones.

La fábrica de curtidos de Roldes

Precisamente en 1923, Alberto Cardoso Martins de Meneses Macedo, hijo del Conde Margaride y antiguo mayor del ejército, se atrevió a romper con la tradición, al aprovechar una cascada, en el río Selho, en Fermentões, para montar allí una turbina y así instalar la Fábrica de Curtidos de Roldes. Eligió una zona rural, lejos de la precariedad de las instalaciones industriales, cuyo funcionamiento hacía insalubre el entorno ciudadano.

Optimista en cuanto a la prosperidad económica resultante de la transformación de pieles, el mayor Margaride creía que «el ramo del cromo de la industria del curtido era el que más interés podía tener en el futuro y así decidió explotarlo». Constituyó una sociedad de responsabilidad limitada, en la que participaban Joaquim Ribeiro da Silva, socio de la fábrica de Castaheiro, conocido como un «hombre de trabajo y saber» y João Malheiro de Sousa Meneses, un oficial del ejército, todos ellos residentes en Guimarães.

Las palabras del mayor Margaride atestiguan la importancia económica de este sector: «en esta industria todo se aprovecha; la piel curtida da la conocida variedad de cortes; las cascadas tanantes, una vez usadas y secas, así como la raspadura de las pieles, sirven de combustible; la carne, que se obtiene al descarnar, sirve para cola o para abonos; la cal, después de prestar su servicio, unida al pelo y a todos los desechos, representa un gran fertilizante para la tierra»⁴⁰.

La fábrica, construida desde cero, ya tenía en 1923 un tamaño considerable, teniendo en cuenta el hecho de que las otras unidades existentes a lo largo del río de Couros eran de carácter familiar. La Fábrica de Curtidos de Roldes albergaba la sección de ribera, de curtido y de acabado, y también contaba con un laboratorio, y se mantuvo sin cambios hasta 1929, año en que se amplió.

En el contexto industrial del municipio, sólo cabe mencionar que su aparición rompió con la tradición, algo que no se tradujo de inmediato en beneficios materiales. De hecho, los primeros años de funcionamiento fueron muy turbulentos, con algunos contratiempos que llegaron a poner en peligro las inversiones realizadas. Por ejemplo, la contratación de un técnico alemán que no sabía nada de curtidos, que tenía el mismo nombre que su padre, el cual sí que era un reconocido experto⁴¹.

En 1932, la empresa se amplió con la construcción de una nueva sección, la de barniz, que funcionó hasta los años cincuenta. Durante ese periodo, el zapato de charol tuvo un gran éxito en Portugal. Durante la Segunda Guerra Mundial, la actividad se intensificó debido a la falta de pieles en los mercados internacionales. La empresa creció y ofrecía al personal diversos servicios sociales, como la cafetería y el vestuario. En 1936, por iniciativa de João Teixeira de Aguiar, se dota a la empresa de una cafetería y un vestuario, servicios destinados a mejorar la calidad de vida de los operarios.

En la actualidad, la Fábrica de Curtidos de Roldes sigue en activo. Las instalaciones primitivas se adaptaron a los modernos procesos de fabricación.

Contando con la Fábrica de Curtidos de Roldes, la actividad laboral sólo resiste en Amadeu Miranda e Filhos, antigua fábrica de Madroa, creada en 1921, junto al curso de agua que cruza la urbe, pero allí se conoce con el nombre de río Madroa.

La memoria laboral permanece intacta en los restos arquitectónicos de los edificios abandonados que ahora, lentamente, renacen de sus ruinas, en el marco del proceso de rehabilitación que se está llevando a cabo en esta zona de la ciudad.

⁴⁰ MARGARIDE, 1938: 18.

⁴¹ MARGARIDE, 1938: 5-23.



Vestigios de la memoria industrial, la peregrinación de Penha

El núcleo industrial de la Zona de Couros fue catalogado como inmueble de interés público en 1977 por la entonces denominada Dirección General del Patrimonio Cultural³⁷.

El reconocimiento institucional impidió la erradicación completa de la manzana que perpetúa la intensa conexión de Guimarães al trabajo de las pieles.

La importancia que, en otra época, poseía esta actividad permanece casi ignorada, aunque en el plano simbólico persistan manifestaciones culturales que atestiguan esa afinidad.

Es el caso de la peregrinación anual a Penha, una de las mayores celebraciones religiosas del municipio que surgió de una iniciativa de curtidores y zurradores. A finales del s. XIX, estos operarios tenían por costumbre encaminarse hacia la Señora de Porto de Ave, en Póvoa de Lanhoso, en el día de la Natividad de Nuestra Señora, el 8 de septiembre, acompañados de otros peregrinos que también iban a hacer sus promesas.

Los entonces miembros de la Comisión de Mejoras de Penha, Albano Belino y Albano Sousa (presidente y tesorero, respectivamente) convencieron al grupo para «cambiar de dirección y de romería», por lo que esta “algarabía” pasó a dirigirse a la Virgen de la Peña.ç

Según el Comércio de Guimarães, «el 8 de septiembre de 1887, por primera vez, un grupo de artesanos de curtidos, de la calle Couros de esta ciudad, decidieron subir a Penha, en la fiesta de la Señora de Porto de Ave, creando así una nueva costumbre. Los creyentes subían al monte entre bailes y canciones. Delante iba el estandarte. Pasaban el día en Penha, en agradable convivencia, regresando al final de la tarde, igualmente animados»³⁸.

Adelino Silva considera esta romería como la segunda romería de la Virgen de Penha, y como un pequeño anticipo de las peregrinaciones que todavía se celebran anualmente el segundo domingo de septiembre. Gracias a este impulso, los operarios de curtidos siguen encabezando las peregrinaciones, sosteniendo su estandarte con la inscripción “Fe, trabajo y honor”, que sustituyó al primitivo con la inscripción “El trabajo es honor”.

Una industria de secretos: las operaciones del curtido vegetal

La transformación de la piel en cuero estuvo asociada durante siglos al proceso de curtido vegetal, a través de la aplicación de casca de roble. Muy lenta, la transformación de la piel en cuero resultaba de sucesivas inmersiones y reposos en tanques con casca de roble, sustancia técnica indisoluble del tradicional proceso de fabricación.

Las pieles provenían del sacrificio de animales en los mataderos. Los cueros más espesos y más sólidos, empleados sobre todo en la zapatería, provenían por bueyes, becerros y terneras, y constituían lo que ellos denominaban el "género verde de la tierra". También podían provenir de las islas Azores, de varias localidades brasileñas (Maranhão, Pará, Pernambuco), de otras zonas de América Latina (Montevideo, Buenos Aires) y de los dominios portugueses en África. Atravesaban el Atlántico y llegaban a Guimarães por medio de negociantes, muchos de los cuales se encontraban instalados en Oporto.

De esos lejanos parajes, las pieles se presentaban secas o saladas y se adquirían según conviniese al fabricante. Las de becerros se recibían secas y se destinaban a la preparación de atanados. Las de ternera normalmente proveían de los mataderos locales o, sino, de diversos puntos de Europa, sobre todo del norte de Alemania y de Rusia.

Para la transformación de la piel en cuero también eran necesarios agua en abundancia, cal y excrementos de paloma o de perro. Estos ingredientes eran esenciales para los sucesivos lavados, antes de la aplicación del curtido propiamente dicho.

Hasta la I Guerra Mundial, en Guimarães, la actividad en las fábricas de curtidos era de carácter manual y se ejercía esencialmente en la Zona de Couros. A pesar de que algunas unidades instaladas posteriormente incluyeron en los procesos de fabricación el componente mecánico, el esfuerzo físico exigido al curtidor y al zurrador seguía siendo la principal referencia de esta actividad. Las operaciones permanecían indiferentes a la innovación técnica. Sin fórmulas químicas, el éxito del trabajo seguía dependiendo del conocimiento transmitido de generación en generación. Esta era una industria de secretos, con misterios que sólo la intensa práctica ayudaba a desvelar.

Fases del oficio de cueros

1. La “ribera”

La conversión de la piel en cuero se iniciaba con una serie de operaciones conocidas como “trabajos de ribera”. Consistían en la aplicación de algunas sustancias químicas naturales para liberar las impurezas, eliminar las materias extrañas y restituir a la piel la humedad perdida en el transcurso del almacenado. También denominada reverdecimiento, esta operación tiene por finalidad la limpieza de la piel (eliminación de sangre, costras y otras sustancias), devolviéndole la flexibilidad, la elasticidad, de modo que quede lista para recibir el proceso de curtido propiamente dicho.

Remojar: 7 días

Una gran cantidad de pieles se sumergía en lagaretas, con el objetivo de remojarlas en aguas corrientes. La calidad del agua era un factor importante para el éxito de esta operación (no debía ser muy ferrosa), así como las condiciones meteorológicas que interferían decisivamente en el tiempo que las pieles permanecían en remojo, aunque, por regla general, fuese siempre necesaria una semana. Este baño se destinaba a abrir los poros de la piel por primera vez para facilitar la ejecución eficaz de las siguientes fases. Un apartador se encargaba de levantar las pieles y tenía como función observar cuales eran los “géneros” que estaban reverdecidos, los cuales se introducían posteriormente en los pelambres.

Pelambre: 1.er baño - 3 días

Las pieles pasaban 24 horas en tanques de menor tamaño —los pelambres— donde recibían el primer baño, en agua que ya se había utilizado en fases más adelantadas del proceso de tratamiento de los cueros, por eso aún contenían restos químicos del curtido.

Después, los cueros se retiraban y el preparado de curtido existente en las aguas se reforzaba con cal, tras lo cual las pieles se volvían a introducir en ese baño. Una vez en el pelambre, tenían que quedar cubiertas por el preparado. Además, era conveniente que quedasen debidamente amontonadas para evitar la aparición de arrugas que podrían comprometer la calidad del producto final. Este primer proceso duraba 24 horas y, transcurrido ese tiempo, las pieles se revolvían en dos ocasiones.

Descabellar: De 30 a 45 minutos por género

Las pieles se retiraban de los pelambres y estaban listas para ser “descabelladas”, tarea que corresponde al “descabellador” que extrae el pelo con ayuda de una ferrelha. Era un trabajo bastante arduo. El “descabellador” tenía que estar agachado en una especie de lavadero para retirar el pelo de la flor de la piel, con los pies sumergidos en el agua.

Pelambre: 2.º baño

Tras el “descabellado”, las pieles se apilaban y volvían al pelambre en lotes de 25 géneros, donde recibían un baño de cal fina, con la flor de la piel girada hacia abajo, para que se ablandase y flexibilizase en las mejores condiciones. Se limpiaban los residuos de los pelos extraídos y se evitaban siempre las manchas que la cal podía imprimir al corte. Cuando terminaba este segundo baño, según la finalidad de los géneros, los cueros podían ser raspados o descarnados.

Raspar o descarnar - 1 hora por género

Ambas operaciones se destinaban a igualar los cueros, porque la piel, una vez extraída de los animales, no es uniforme. Si los cueros se iban a utilizar para curtidos secos —género para hacer botas y zapatos comunes— se raspaban. En caso de que el producto final estuviese destinado a suela de zapatos, entonces se descarnaba. Esta última finalidad exigía un procedimiento menos lento que el acto de raspar, porque consistía simplemente en limpiar la carnaza.

Aún así, tanto una técnica como la otra consistían en raspar la carnaza de la piel. Posteriormente, esos residuos servían para la fabricación de sebos y colas, actividades subsidiarias de la transformación de los curtidos. En general, cada hombre descarnaba 12 cueros diarios y cuando se juntaban de 125 a 130 géneros, estos se introducían en un tanque —el lagar de los cueros— listos para recibir la humada.

Desencalado o humada - de 5 a 15 días

La humada se preparaba con excrementos de paloma y de perros, junto con agua. Esa mezcla preparada con agua hirviendo se diluía en los pelambres donde también se sumergían las pieles hasta que se produjese la fermentación (proceso esencial para ayudar después a las pieles a recibir el curtido de los taninos de las cascás y alburas de roble). El tiempo que duraba esta fase, al igual que algunas anteriores, dependía de las condiciones climáticas. En verano, podían ser tres o cuatro días, mientras que, en invierno, con las aguas más frías, esta operación podía prolongarse durante nueve o quince días. Los rigores de las tormentas también podían determinar la necesidad de retirar rápidamente las pieles de la humada. Un curtidor ya fallecido, Manuel Oliveira, recordó que «a veces, los domingos al final de la misa de las almas, toda la industria se dirigía a los pelambres para darle una vuelta a los géneros y el que no aparecía pagaba una multa... ¡La gente decía que íbamos a ver a las novias! ¡¡¡Está bien!!! Las humadas se adelantaban y no podían quedar allí. Tenían que salir, sino la basura de paloma comenzaba a picar la piel y no había remedio, era dinero perdido»



2. Curtido

Se trataba del conjunto de operaciones que impedían la putrefacción de la piel, tras la aplicación de sustancias vegetales con propiedades tanantes. Roble o zumaque eran los productos aplicados en el curtido, en forma de cascas trituradas.

En Guimarães, la casca de roble constituía el producto más solicitado y los extractos sólo se introdujeron cuando algunas fábricas aceleraron los procesos de curtido con la introducción de un mecanismo, denominado tanú o fulón, que sustituyó al proceso de ribera.

Abaldoar - 24 horas

Las pieles se retiraban de la humada y se introducían en lagares, que anteriormente habían sido cubiertos con agua limpia. Las propiedades minerales de esta agua se veían reforzadas por la unión de casca de roble, lo que permitía una rápida liberación de los taninos, sustancia que al reaccionar con la piel la convertía en imputrescible. Al día siguiente, los encascadores levantaban los cueros y con la ayuda de un rastrillo denominado engaço de encanhar retiraban esa primera casca.

Tabicar el lagar: cerca de 3 meses

1.ª casca - 1 mes

Se levantaban las pieles, se disponían una a una en un pelambre repleto de agua y se envolvían en casca de roble molida. Cuando los géneros estaban muy bien encascados, llegaba el momento de "tabicar": como la piel de los animales no es uniforme, la cantidad de casca tenía que ser la adecuada para estas condiciones y si el encascador no prestaba atención a lo que hacía, el cuero adquiriría unas irregularidades en su textura que nunca más le salían.

2.ª casca - 2 semanas

Después se daba un segundo baño de casca para que el tanino se adhiriese a la piel. En ese momento, se inspeccionaba el estado del cuero. A veces las pieles tenían que "casarse" porque ciertas partes de la piel absorbían mejor que otras las sustancias tanantes.

3.ª casca - 1 semana

Último refuerzo de casca molida para proporcionar el curtido definitivo a la piel.

Lavar a pierna

Después de los sucesivos baños de casca, los cueros se "lavaban a pierna". Una tarea que comenzaba al romper el día. Alrededor de las cinco o seis de la mañana, los "lavadores" ya estaban sumergidos en el agua hasta los tobillos para frotar las pieles que, después se ponían a escurrir hasta obtener un secado inicial.

3. Acabado

Después de recibir el curtido, las pieles se sometían a las operaciones de acabado que variaban según la finalidad a la que se destinaban. Así, se procuraba teñir o grabar el cuero, darle más flexibilidad mediante la impregnación de grasas, hacerlos más o menos gruesos, rugosos o lisos, según los fines comerciales de los productos.

Zurrar - 30 minutos

Una vez escurridos, los cueros pasaban a las "tablas de zurrar". Con la ayuda de la pissara o de la estira se extraía la humedad y el exceso de tanino concentrado en el cuero, antes de que se produjese la oxidación que podía volverlo quebradizo. Se raspaba el interior de la piel, regulando el grosor deseado. Era una tarea que exigía un gran esfuerzo físico y que desapareció con la introducción de máquinas adaptadas a esta finalidad.

Secar - 1 mes

Normalmente, la piel se enrollaba y se introducía en una tina de madeira para después golpearla para que adquiriese la densidad predeterminada. A continuación, se desenrollaba la piel y después se volvía a poner sobre las mismas tablas. Con la ayuda de una romanadeira se comenzaba a dar brillo a la flor de la piel, para terminar esta operación. Y se extendía de nuevo a secar.

Engrasar

Después de pasar por el secadero, los cueros se engrasaban con sebo (producto confeccionado con grasa de buey y aceite de pescado, extraído de la cabeza de la sardina) para estirar la piel y cubrir posibles manchas que pudiese haber. Este preparado se aplicaba sobre las pieles que después se colgaban a secar para que perdiesen la humedad.

Armazenar

Después del secado en las terrazas y en los tendales, las pieles se apilaban a la espera de pasar a la fase de acabado, donde podían teñirse o no, según su finalidad. Una vez en el almacén, las pieles se apartaban y se clasificaban por categorías, según el curtido aplicado y la calidad que presentaban. Las pieles se seleccionaban y distribuían en cuatro categorías. Posteriormente se agrupaban y amarraban con una cuerda de una manera muy peculiar, en costales (había costales de 12, 14 o 16 pieles, que pesaban entre 70 y 75 kilos).



Glosario

-A-

Apartador: Especialización relativa al trabajo de “ribera” existente en la industria de curtidos. Se atribuía al hombre encargado de vigilar y de separar las pieles mientras se encontraban a remojo en los pelambres.

Atanado: Denominación atribuida al corte que una vez curtido quedaba de color blanco y era utilizado por los zapateros para hacer botas de trabajo toscas.

-C-

Carnaza: Cara interna de la piel que está en contacto con la carne.

Chagrín: Cuero transformado a partir de pieles de caballo, burro y mula, curtidas con taninos o alumbre, con granulado en la carnaza.

Cordobán: Piel de cabra curtida y especialmente preparada para el calzado.

Crupón: Cuero de buey sin la parte del cuello y de la falda, curtida normalmente con cromo.

Cuero: Piel curtida o en fase de curtido.

Curtido: Proceso de transformación de la piel en cuero que conduce a su imputrescibilidad.

Curtido mineral: Proceso de curtido con sales minerales. Las más utilizadas son las sales de cromo.

Curtido vegetal: Proceso de curtido con taninos de origen exclusivamente vegetal.

Curtidor: Término utilizado para designar la función profesional ejercida por quien aplicaba los taninos en el proceso de curtido.

-D-

Defecto en la flor: Imperfecciones que presenta la flor de la piel, muchas veces motivadas por el uso de la aguijada en la conducción de los animales o por un deficiente conocimiento del personal que trabaja en los mataderos.

Descabellado: Acto de extraer el pelo de la flor de la piel.

Descabellador: Término utilizado para designar la función ejercida por el hombre que con la ayuda de una ferrelha procedía al descabellado.

Descarnado: Proceso utilizado en la limpieza de la carnaza cuando el producto final estaba destinado a servir de suela para zapatos.

-E-

Encascador: Término utilizado entre los curtidores de Guimarães para denominar la especialidad de los trabajadores que se encargaban de impregnar y retirar las sustancias tanantes durante el proceso de curtido vegetal.

Engaço de encanhar: Rastrillo pequeño utilizado por el encascador para colocar las cascas de roble sobre las pieles.

Estira o pisarra: Utensilio utilizado por los zurradores para ayudar a estirar y alargar el cuero, después de haber pasado por los baños tánicos.

-F-

Ferrelha: Objeto utilizado para proceder al descabellamiento de la piel.

Flor: Cara externa de la piel, donde se implanta el revestimiento queratinoso natural de la superficie cutánea (por ejemplo, pelos y escamas).



-G-

Gamuza: Piel en la que el tratamiento con cromo aplicado a la carnaza la hace muy blanda y resistente, con una textura irregular.

Género: Término utilizado por los trabajadores de la industria del curtido para denominar una piel o cuero. A menudo, esta misma denominación era utilizada por personas que se dedicaban a otras actividades como los paños de lino, cuchillerías, etc.

-H-

Humada o desencalado: Término utilizado por los curtidores para referirse al preparado elaborado a partir de la mezcla de excrementos de paloma y de perro con agua, para proceder a una limpieza profunda de las pieles y prepararlas para recibir las sustancias tanantes.

-M-

Mordiente: Reactivo utilizado para fijar los colorantes al cuero.

-P-

Patas o garras: Región de la piel correspondiente a una zona más o menos rectangular, situada en el centro del género. Su región posterior se denomina redondo.

Pelame: Denominación atribuida en Guimarães a los pelambres situados a orillas de los cursos de agua que servían para la aplicación de las diferentes fases que requería el proceso de curtido vegetal.

Piel: Revestimiento del cuerpo de animales, de algunas especies, obtenido a través del desuello después del sacrificio. En los bovinos adultos y en otros mamíferos de gran tamaño, este revestimiento cutáneo suele denominarse cuero.

Pieles en bruto: Pieles tal como se han retirado de los animales, sin ningún tratamiento, excepto el de conservación.

Pisarra: Ver estira.

-R-

Raspado: Proceso utilizado en la limpieza de la carnaza cuando el cuero se destinaba a atanado, es decir, a corte para hacer botas y zapatos.

Romanadeira: Denominación atribuida a un objeto utilizado por los zurradores.

-T-

Tanino: Denominación genérica de un grupo de sustancias de origen vegetal, una de las cuales es el ácido tánico, existente en la casca de roble y de otras especies vegetales como el zumaque, utilizado en la industria de curtidos y en la fabricación de tintes.

Tanque: Denominación actualmente atribuida a los espacios de diferentes dimensiones donde transcurrían las operaciones de curtido. No obstante, esos recipientes a ras de suelo también reciben el nombre de pilas, pozos, lagares, lagaretas, pelambres y noques.

-Z-

Zurrador: Categoría profesional del trabajador que se dedicaba a extraer la humedad de las pieles después de su paso por el proceso de curtido.

Zumaque: Arbusto de la familia de las anacardiáceas, espontáneo en los lugares pedregosos y cultivado para su utilización en el curtido de pieles, en tintorerías y también aprovechado para medicina.

Biografías

O Cidade, Cristóvão José Fernandes da Silva (1812-1883)

Dotado de un gran talento para los negocios, Cristóvão José Fernandes da Silva era conocido por el sobrenombre de “O Cidade”. Se dedicó al perfeccionamiento de la industria de la curtiduría y fue uno de los más ricos propietarios del norte de Portugal.

Nacido el 20 de febrero de 1812, en la parroquia de Oliveira, en Guimarães, era hijo de Manuel José Fernandes da Silva, natural de Campiã, de la comarca de Vouzela, S. Pedro do Sul, obispado de Viseu, y de Ana Maria Joaquina, de la parroquia de S. Paio, municipio de Guimarães. Destacó en el panorama del Guimarães del s. XIX por su implicación en los negocios relacionados con el comercio y transformación de pieles. Se le distinguió con la medalla de cobre en la Exposición Industrial de Londres, en 1851; la medalla de cobre en la Exposición de la Asociación Industrial Portuense, en 1857; y la medalla de plata en la Exposición Agrícola de Braga, en 1863.

Con su fábrica establecida a orillas del río Couros, Cristóvão José Fernandes da Silva desarrollaba la actividad industrial en simultaneo con otros negocios relacionados con el tráfico del cuero, sin obedecer a los vínculos corporativos que aún estaban muy arraigados en la estructura socioprofesional de la época.

En 1830, junto con su padre, obtuvo de D. Miguel todos los privilegios para establecer una «fábrica de curtidos en la villa» (AMAP M-2680). Este privilegio garantizó el desarrollo de la actividad industrial al abrigo de la política proteccionista desarrollada por la Real Junta de Comercio, pudiendo dirigir el trabajo de su fábrica sin necesidad de observar las reglas del corporativismo profesional de carácter religioso que preponderaba en el sector.

En la presentación realizada a D. Miguel, padre e hijo indican que «habían establecido, con fondos suyos, una fábrica de curtiduría de todo tipo de atanados en el sitio del río Couros».

En los últimos diez años de su vida, ocupó el cargo de Ministro en la Venerable Orden Tercera de San Francisco, favoreciendo la creación de importantes recursos para ayuda a los más necesitados. Concluyó las obras del hospital. Murió el 11 de enero de 1883, sin dejar herederos directos.

Era considerado uno de los más ricos propietarios del norte de Portugal y el reparto de su herencia provocó la aparición de testamentos falsos, lo cual dio lugar a conflictos judiciales que tardaron años en resolverse.

Cândido José Carvalho (1853-1941)

Negociante e industrial de curtidos, a pesar de no haber nacido en Guimarães, Cândido José Carvalho contribuyó a la dinamización de diferentes instituciones del municipio.

Era natural de la parroquia de S. Pedro de Agostem, Vila Nova da Veiga, municipio de Chaves. Nació el 10 de junio de 1853, hijo de Manuel de Carvalho y de Felicidade Ferreira.

Se casó con Eulália de Sousa Agra, en la parroquia de Oliveira, municipio de Guimarães. Vivió en la calle Egas Moniz, donde también se encontraba la sede de la actividad comercial que ejercía paralelamente a la industria de la curtiduría. Falleció el 23 de diciembre de 1941. Se encuentra enterrado en el cementerio Municipal de Atouguia. Era el padre de Assunção de Sousa Carvalho, Joaquim de Sousa Carvalho y José de Sousa Carvalho, y suegro de Leonor Rosa Pereira Maia y de António Nicolau de Miranda.

Además de su vocación comercial e industrial, destacó por su implicación en la creación de la Asociación Humanitaria de Bomberos Voluntarios de Guimarães, de cuyo comité fundacional formó parte en 1876.

**Belmiro Mendes de Oliveira (1891-1982)**

Nativo de la parroquia de S. Sebastián, Belmiro Mendes de Oliveira nació el 1 de febrero de 1891. Era hijo de António José de Oliveira y de Luisa Rosa Mendes.

Pasó su infancia, su adolescencia y el comienzo de la edad adulta en la zona de Couros. Vivió en el Largo do Trovador y en el Largo do Cidade (en el edificio donde se encuentra el albergue juvenil). En 1942 cambió su residencia a la Casa da Quintã (edificio donde se encuentra la sede de la Asociación de Municipios del Valle del Ave).

Hijo de un industrial de curtidos, Belmiro Mendes de Oliveira fundó con su padre y sus dos hermanos —José y Manuel Mendes de Oliveira— la sociedad mercantil António José de Oliveira & Filhos, iniciando una prometedora carrera profesional.

A pesar de haber finalizado sólo la educación primaria, tenía un profundo conocimiento del universo de la piel, destacando como industrial y comercial en esta área de actividad. Su vocación por el mundo de los negocios también se extendió a la industria textil, sector en el que fundó un grupo económico que rápidamente se convirtió en una referencia en la región, LUZCOR.

Su nombre se asocia con el desarrollo de la parroquia de S. Lourenço de Selho, donde era propietario de varias fincas y donde patrocinó importantes inversiones. Destaca la construcción de un barrio obrero: el Barrio Beatriz, nombre que rinde homenaje a su esposa, Maria Beatriz Teixeira Carneiro.

Cuando falleció, el 29 de agosto de 1982, Belmiro Mendes de Oliveira era el presidente de la junta general de LUZCOR - Malhas e Confecções, SARL. Debido a su intensa implicación en la vida de la comunidad de Guimarães, Belmiro Mendes de Oliveira ejerció funciones al servicio de la Mesa de la Venerable Orden Tercera de Santo Domingo; también fue juez de la Hermandad de Nuestra Señora del Carmen da Penha y director de los talleres de S. José.

Los hombres del cuero de Guimarães en la literatura

Aunque asociados a una actividad económica predominantemente arcaica, los negocios proporcionados por el género de cuero tenían una importancia que no pasó desapercibida en el Portugal del s. XIX. Camilo de Castelo Branco, probablemente en una de sus estancias en la casa del arqueólogo de Guimarães Francisco Martins Sarmiento, no permaneció indiferente a la peculiar figura del “acaudalado zurrador de pieles”, retratado en la célebre novela *La viuda del ahorcado*.

Al margen de la historia de amor protagonizada por Teresa, el escritor revela los rasgos característicos de la personalidad de su padre, Joaquim Pereira: «El zurrador era un cristiano normal como todos los zurradores de buenas cuentas y conciencia sana que se ocupan de sus curtidos con el debido esmero; (...) Pero, la idea de tener una hija predestinada, como decía el fraile, no le entusiasmaba. Como era rico, y no tenía otra prole, quería que su Teresa, en vez de vestir santos y acariciarlos con una idolatría y cuidado estúpidos, vistiese y cuidase a sus hijos. En resumen, Joaquim Pereira quería tener nietos, quería sobrevivir en ellos y continuar perpetuamente zurrando pieles de buey mediante su posteridad».

Analista sensible a la caracterización de los tipos dominantes en la sociedad de Guimarães, el paradigma del “acaudalado zurrador” mereció la observación e interpretación de Camilo Castelo Branco, así como los movimientos sociales y económicos establecidos con su hermano Manuel que «tenía taller de curtidor en la Rua dos Pelames en Oporto, y era muy rico, viudo y sin hijos, con cincuenta años, sucios, sí, pero bien conservados». Mediante la unión matrimonial entre Teresa y Manuel, Joaquim Pereira, preveía perpetuar su “raza”. Porque Teresa «como era rica y virtuosa, el convento, moral y materialmente, ganaría para los esponsales divinos una novia tan dotada de gracias del cielo y del producto líquido de los curtidos».

La literatura del siglo XIX difundió algunas características de los actores sociales vinculados al negocio de la piel, permitiendo que estas impresiones inmortalizadas por escrito identificasen una proyección social, donde la austeridad familiar y la ostentación, sin duda resultado de una rápida ascensión económica, formaban parte de la vida cotidiana de las personas más ricas relacionadas con este sector de actividad. Del mismo modo, el análisis de las vivencias descritas por Camilo hace hincapié en la idea de la existencia de lazos familiares en la explotación del potencial de este negocio, donde destaca el circuito Guimarães-Oporto en la ruta de las relaciones establecidas entre los agentes implicados en el comercio del cuero.

En este contexto, cabe señalar que, a finales del siglo XIX, el acaudalado zurrador, propenso a asumir una posición social similar a la que la comunidad atribuía a los poderosos empresarios, propietarios y capitalistas que proveían grandes capitales “circulantes” en la comercialización de diversos productos, era un personaje relativamente reciente en el panorama social de Guimarães. Durante muchos siglos, al igual que el curtidor, su inseparable compañero en las etapas de curtido, no contaba con el reconocimiento corporativo, viviendo a la sombra de los intereses y caprichos de los zapateros, cuya bandera de oficio se encontraba izada en la Hermandad de San Crispín y San Crispiniano. Sólo en 1824, con la “corrupción” de los estatutos de dicha Hermandad, se estableció el Reglamento de los Maestros Zurradores y el Reglamento de los Maestros Zuequeros, ambos vinculados a la bandera de los Zapateros, quedando excluidos de las reglamentaciones los curtidores.

En Guimarães, a orillas del río Couros, a diferencia de lo ocurrido en otras partes del país, la transformación de la piel no era una ocupación temporal y estacionaria (en contraste con la actividad realizada junto al río Selho, en S. Torcato, donde los trabajadores dividían su tiempo entre las lentas operaciones de curtido y la agricultura), aunque es posible admitir una cierta complementariedad en las ocupaciones. De todos modos la organización industrial, aunque de características arcaicas, parece tener sus tentáculos bastante bien arraigados en el tejido económico de Guimarães, permitiendo la proyección de diversos sectores de actividad en el panorama del siglo XIX.

En Banhos de Caldas, Ramalho Ortigão constata esta diversificada y laboriosa vocación: «La pequeña ciudad de Guimarães es la más rica de Portugal, la más trabajadora, la de más recursos propios e independientes de todo favor ajeno. Abastece a algunas industrias muy importantes: la de los paños de lino, la de la cuchillería, la de los tejidos y la del cuero, cuyos productos reparte por todo el país y exporta a Brasil y a África».

A diferencia de otras regiones del país donde predominaba la monoindustria, en la “colmena del Miño” prevalecía la conexión de la población con una amplia variedad de “actividades”, a pesar de que el nivel de conocimientos y los procesos técnicos utilizados en las diversas ramas industriales fuesen tan rudimentarios que constituían un verdadero obstáculo para su desarrollo.

Por eso, los organizadores de la Exposición Industrial de Guimarães, celebrada en 1884, se proponían dar «el primer paso para la reorganización de las antiguas industrias», mayoritariamente ejercidas por mano de obra masculina, aunque el fruto del trabajo femenino también tuviese una importancia significativa en la economía nacional. En lo que respecta al tratamiento de pieles, identificamos



un predominio de la fuerza física de los hombres, ya sean adultos o niños. Las mujeres canalizaban sus energías hacia otras labores de índole más casera, aunque se puede constatar una colaboración secundaria en el largo proceso del curtido. Les correspondía la recogida de los excrementos de las aves en los palomares de las fincas que rodeaban el área urbana y el aprovechamiento del combustible proporcionado por los residuos forestales (casca de roble o sauce, u hojas de zumaque), utilizadas en los baños de curtido.

cariátides
produção de projectos
e eventos culturais lda.
www.cariatides.pt
rua do bicalho 117 b
4150-139 porto



cariátides cultura

projecto de interpretação de couros

iniciativa

Câmara Municipal  GUIMARÃES

co-financiamento

